

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E
INCLUSÃO SOCIAL

ANA THEREZA REIS MAGALHÃES

**CURSINHOS POPULARES E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR:
CONTRIBUIÇÕES PARA ALÉM DO CONTEÚDO**

BELO HORIZONTE

2018

ANA THEREZA REIS MAGALHÃES

**CURSINHOS POPULARES E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR:
CONTRIBUIÇÕES PARA ALÉM DO CONTEÚDO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do
Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade
de Educação da UFMG, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José Braga

BELO HORIZONTE

2018

ANA THEREZA REIS MAGALHÃES

**CURSINHOS POPULARES E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR:
CONTRIBUIÇÕES PARA ALÉM DO CONTEÚDO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof. Dra. Maria José Braga – FAE / UFMG - Orientadora

Prof. Dra. Priscila de Oliveira Coutinho– FAE / UFMG

Prof. Dra. Marlice de Oliveira e Nogueira– UFOP

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2018

Em tempos de sucateamento da educação,
Dedico esse trabalho a todas e todos professores
da Educação Básica Pública.

Aos meus colegas que se desdobram para
(re) descobrirem formas de ensinar
e que não desistem de acreditar na Juventude!

“Este mundo, que oferece banquete a todos
e fecha a porta no nariz de tantos,
é ao mesmo tempo igualador e desigual:
igualador nas ideias e nos costumes que impõe
e *desigual* nas oportunidades que proporciona.”
(GALEANO, Eduardo, 2013, p.25)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela possibilidade de realizar esse trabalho e por todas as pessoas que colocou no meu caminho, pois conhecimento válido é aquele produzido na troca.

A minha orientadora, Maria José Braga por todas as contribuições e ensinamentos durante esses dois anos de percurso.

As professoras Priscila Coutinho e Marlice Nogueira, por aceitarem participar da banca. Agradeço a Priscila, também, pela oportunidade de realizar o estágio docente sob sua orientação e todos os conhecimentos adquiridos nessa experiência.

Aos meus pais, Márcia e Augusto, por serem sempre meu porto seguro e por entenderem, com delicadeza, todas as minhas ausências e minhas dificuldades durante o processo. Sem vocês não teria conseguido!

Ao meu noivo Ronald, por me mostrar, no cotidiano, o que é companheirismo e por estar sempre lá para me ouvir e me acolher quando parecia não ter mais jeito. Por todas as vezes que segurou a minha mão, me acalmou e entendeu o quanto era importante para mim realizar esse trabalho.

Ao Pedro, um anjo que entrou em minha vida e me mostrou com a simplicidade de uma criança que eu conseguiria. Jamais esquecerei sua frase: “Calma Tetê, papai do céu te ama, ele vai te ajudar e te dar outro computador” quando no estresse da escrita achei que tudo estava perdido.

Agradeço ao meu irmão Juninho, minha cunhada Letícia e toda a minha família, por entenderem que, às vezes, eu não estava disponível ou que só precisava de um tempo de descanso. Em especial as matriarcas da família vovó Dica (in memoriam) e vovó Tereza (in memoriam) de quem herdei não só o nome, mas também os ensinamentos de que o lugar de nós mulheres é onde queremos estar.

Agradeço também o Curso de Ciências Sociais da UNIFAL-MG, pelos encontros e ensinamentos que tive durante a graduação. Acredito que o conhecimento se constrói ao longo da trajetória, e sem dúvidas, devo muito dessa dissertação ao que aprendi na graduação. Assim como deixo aqui o meu reconhecimento de gratidão ao Emancipa Sul de Minas e ao cursinho Pré-Vestibular Unifal-MG onde, sem dúvidas, o interesse por essa pesquisa começou.

Agradeço aos meus estudantes da Escola Estadual Benjamim Guimarães e do cursinho Pré-Escolar Tia Márcia, pela oportunidade de lecionar e crescer a cada dia, no convívio. Fica

aqui o meu muito obrigado também aos meus colegas e a equipe diretiva da escola, por sempre estarem dispostos a ajudar e compreenderem minha dupla jornada.

Aos meus amigos de vida, distantes ou não, que sempre me ouviram e entenderam minhas ausências. Em especial a Layara e as meninas de sua república, que abriram as portas de sua casa e me receberam quando precisei.

Aos amigos que fiz durante o mestrado, aos professores e a toda a linha de Sociologia da Educação, muito obrigada! Em especial as minhas colegas: Thainara, Letícia, Flávia, Júlia e Mariana que dividiram comigo muito dos momentos de sufoco e incertezas.

Ao cursinho Equalizar por me receberem com cordialidade e sempre estarem dispostos a contribuir com a pesquisa. Aos estudantes, aos professores, ao Nap e ao Presidente que se dispuseram me conceder entrevistas, muito obrigada! Deixo aqui o reconhecimento de que são iniciativas como o Equalizar, que me fazem acreditar na educação.

Por fim, agradeço a CNPq pelo apoio financeiro!

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender como os cursinhos populares contribuem na formação de seus estudantes, para além dos conteúdos cobrados nos exames de seleção para o ensino superior. Dessa forma, apoiada teoricamente nos conceitos de Bourdieu a respeito do capital cultural e do capital social, assim como estudos que tratam sobre a realidade dos cursinhos populares, a presente pesquisa investigou como essas contribuições são construídas no cotidiano escolar do cursinho Equalizar, localizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na cidade de Belo Horizonte. Como procedimentos da pesquisa, foram realizados questionários, observações e entrevistas. Os questionários foram aplicados aos estudantes do cursinho, a fim de conhecer e traçar algumas de suas características gerais, como situação socioeconômica familiar, trajetória escolar e conhecimentos a respeito dos processos de seleção para o ensino superior. Já as entrevistas, foram feitas com o presidente do cursinho, com quatro professores, com duas integrantes do Núcleo Psicopedagógico (Nap) e com cinco estudantes. Além disso, foram feitas observações durante algumas aulas para que fosse possível conhecer a realidade cotidiana do cursinho. As contribuições identificadas, podem ser divididas em dois aspectos, um relativo diretamente aos processos de seleção ao ensino superior e outro, referente a uma formação mais ampla. No que concerne aos processos de seleção ao ensino superior, além de auxiliar com transmissão de conteúdo, o cursinho auxilia os estudantes na escolha de cursos e estratégias diante dos processos seletivos. Além disso, os estudantes têm a oportunidade de contato com a UFMG e com suas diversas atividades, antes mesmo do ingresso no ensino superior, o que depois, pode auxiliá-los na vida universitária. Outra contribuição apontada na pesquisa, diz respeito à autonomia construída pelos estudantes quanto aos estudos e a relação de amizade construída entre professores e alunos. No tocante a formação mais ampla, um ponto de destaque é a construção de uma “rede de solidariedade”, uma vez que o cursinho, sendo construído por meio de voluntariado, desperta nos estudantes a vontade de também contribuir em alguma atividade do tipo, inclusive com a possibilidade de participarem do Equalizar em um momento posterior. Outrossim, o cursinho tem a preocupação de trabalhar a questão da autoconfiança, da autoestima e da ansiedade, preparando os alunos, não apenas para as provas, mas para a vida como um todo. Dessa forma, além de ampliar o capital cultural e social dos estudantes, o Equalizar atua em aspectos que, mesmo não sendo principais para a execução dos exames, não só auxiliam no momento da seleção, mas também, constituem um diferencial na contribuição da permanência desses estudantes de camadas populares no ensino superior.

Palavras-Chave: cursinhos, ensino superior, camadas populares

ABSTRACT

This work aims to understand how college preparatory social courses contribute to students' education beyond teaching college application contents. In that way, based on Bourdieu's theory and concepts of cultural capital and social capital, as well as on studies that address the issue of those preparatory courses, this research examined how these contributions are elaborated in the school life of Equalizar preparatory course, located at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte city. The research process included questionnaires, observations and interviews. The questionnaires were applied to students of the preparatory course in order to discover and outline some of their general characteristics such as family socioeconomic status, school background and awareness of the application processes to higher education. The interviews were conducted with the president of the course, four teachers, two members of the Núcleo Psicopedagógico (Nap) and five students. Moreover, observations were conducted in classes in order to comprehend the everyday reality of the course. The contributions identified can be classified into two aspects, one directly related to the application processes and another related to a broader citizenship education. Concerning college application processes, the course not only helps with learning contents, but also assists on choosing their degree and better strategies to the admission exams. Furthermore, students have the opportunity to get to know UFMG and its various activities before accessing higher education, which will probably help them in university life. Another contribution pointed out in this research concerns the autonomy developed by the students and the friendship between these students and their teachers. Regarding the broader education, a point that stands out is the "solidarity network" establishment, since volunteer work supports the preparatory course, this experience awakens the students' desire to contribute to similar activities, including the possibility of volunteering at Equalizar later. Moreover, the preparatory course encourages the students to build self-confidence, self-esteem and is concerned with anxiety, which helps the students prepare not only for the exams but for life as a whole. Therefore, besides expanding the students' cultural and social capital, Equalizar deals with aspects that, even though not the main requirements for college admissions, not only help the application process, but are also a decisive differential for the permanence of students from lower working classes in higher education.

Keywords: college preparatory courses; higher education; working classes

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Aprovações dos estudantes do Pré-Enem- Equalizar em universidades públicas e privadas de 2012 a 2016	48
Tabela 2: Principais características dos estudantes entrevistados.....	76
Tabela 3: Cor/raça dos estudantes.....	77
Tabela 4: Ocupação dos estudantes que trabalham.....	78
Tabela 5: Renda por número de pessoas das famílias dos estudantes	80
Tabela 6: Grau de Escolaridade do Pai	80
Tabela 7: Grau de Escolaridade da Mãe.....	81
Tabela 8: Tentativas de vestibulares e Enem em anos anteriores	87
Tabela 9: Universidades pretendidas pelos estudantes.....	88
Tabela 10: Tipo de Cursinho já frequentado pelos estudantes	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo dos Estudantes	77
Gráfico 2: Idade dos Estudantes	77
Gráfico 3: Local de Moradia dos Estudantes.....	78
Gráfico 4: Frequência com que os estudantes conversam com os pais sobre o ensino superior.....	82
Gráfico 5: Tempo de conclusão do ensino médio.....	83
Gráfico 6: Área pretendida pelos estudantes	89

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CASD	Curso Alberto Santos Dumont
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
Cescea	Centro de Seleção de candidatos às Escolas de Administração
Cescem	Centro de Seleção a Candidatos às Escolas Médicas e Biológicas
COLTEC	Colégio Técnico da UFMG
DCE	Diretório Central dos Estudantes
E R	Escola Referência
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Fuvest	Fundação para o Vestibular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ITA	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação
Mapofé Industrial	Vestibular da Faculdade de Mauá, Escola Politécnica e Faculdade de Engenharia Industrial
MG	Minas Gerais
NAP	Núcleo de Apoio Psicopedagógico
ONGS	Organizações Não Governamentais
POP	Programa de Orientação Profissional
Prouni	Programa Universidade para Todos
Reuni	Programa de Apoio e Planos de Reestruturação das Universidades Públicas
RJ	Rio de Janeiro
Sisu	Sistema de Seleção Unificado
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFG	Universidade de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar Universidade Federal de São Carlos

Unicamp Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
A Construção Da Pesquisa: Percurso Metodológico.....	19
1- O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E A ATUAÇÃO DOS CURSINHOS POPULARES: APONTAMENTOS TEÓRICOS	23
1.1 A Seleção Antes Mesmo Do Exame: Contribuições de Pierre Bourdieu.....	23
1.2 O Acesso ao Ensino Superior No Brasil: um resgate histórico.....	32
1.3 A Indústria do Vestibular e o “Efeito Cursinho”.....	36
1.4 Os Cursinhos Populares: Uma Possível Resposta à Indústria do Vestibular.....	38
1.5 O Papel dos Cursinhos Populares no Jogo Escolar universitário.....	41
2- EQUALIZAR: CONHECENDO O CURSINHO POR UM OLHAR DE DENTRO	46
2.1 Apresentando o Equalizar: Entrevista com o Presidente.....	46
2.1.1 A História.....	46
2.1.2 Organização	48
2.1.3 Processo Seletivo.....	50
2.1.4 O Dia a Dia do Cursinho.....	51
2.1.5 Parcerias	53
2.1.6 Proposta Pedagógica.....	54
2.2 Da Sala de Aula ao Contato com a Universidade: Ouvindo os Professores.....	57
2.2.1 Experiência Docente no Cursinho.....	57
2.2.2 Cotidiano Do Cursinho	60
2.2.3 Os Estudantes: da Chegada ao Cursinho ao Desenvolvimento ao Longo do Ano.....	62
2.2.4 Relação Professores e Alunos	65
2.3 Para Além da Sala de Aula: Entrevista com o Núcleo de Apoio Psicopedagógico.....	68
3- OS ESTUDANTES: DAS ASPIRAÇÕES AO ENSINO SUPERIOR AO ENCANTAMENTO COM O EQUALIZAR	75
3.1. Quem São Eles? Conhecendo O Perfil dos Estudantes	76
3.2 A Composição Familiar e o Auxílio nos Estudos.....	79
3.3 Trajetórias Escolares de Sucesso e o Choque Com os Exames de Seleção.....	83
3.4 A Universidade: um Desejo, mas um Universo Pouco Conhecido até a Entrada no Cursinho.....	88
3.5 A Chegada ao Equalizar.....	90
3.6 A Descoberta da Universidade.....	92
3.7 Relação com os Professores.....	94
3.8 A Contribuição do Cursinho	96

CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	
APÊNDICE I- Roteiro de Entrevista com o Presidente do Equalizar.....	108
APÊNDICE II- Roteiro de Entrevista com os Professores do Equalizar.....	109
APÊNDICE III- Roteiro de Entrevista com o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP).....	110
APÊNDICE IV- Questionário Aplicado aos Alunos do Equalizar.....	111
APÊNDICE V- Roteiro de Entrevista com os Alunos do Equalizar.....	116
APÊNDICE VI – Tabela de Ocupações dos Pais e Mães dos Alunos do Equalizar.....	117
APÊNDICE VII- Tabela das Profissões Desejadas pelos Alunos do Equalizar.....	120

INTRODUÇÃO

A história dos cursos preparatórios para exames de seleção ao ensino superior, no Brasil, acompanha a história do próprio desenvolvimento dessa etapa de ensino no país. Os primeiros cursinhos foram criados, no início do século XX- 1910/1920-, com a proposta de preparar os estudantes não apenas para as provas escritas, mas também para as arguições orais destinadas, naquele momento, a avaliar os conhecimentos de seus candidatos em relação à língua e aos conhecimentos específicos exigidos a cada curso.

Na década de 1960, acompanhando a ampliação do ensino superior, assim como a modernização dos vestibulares, os cursinhos que até então funcionavam como domésticos- com aulas nas próprias residências dos estudantes e destinados, sobretudo, à preparação para as entrevistas orais- se modernizaram e iniciaram a chamada indústria dos vestibulares. Com custos altos e a exigência de dedicação, muita das vezes, exclusiva aos estudos os cursinhos pré-vestibulares comerciais são, historicamente, destinados às classes altas e médias que podiam, não apenas arcar com os custos desses cursinhos, mas também se dedicarem às suas propostas pedagógicas. Diante disso, aliado a diversos fatores, como aumento da demanda por cursos superiores- principalmente em algumas profissões como medicina, direito e engenharia- criou-se no sistema de seleção ao ensino superior brasileiro, segundo Whitaker (2010), *o efeito cursinho* que nada mais seria que a relação direta entre aprovação nas universidades públicas brasileiras e a frequência a cursinhos. Segundo a autora, a maioria dos estudantes matriculados em cursos superiores no Brasil frequentou, pelo menos um ano, algum cursinho preparatório antes da aprovação. Dessa forma, além das desigualdades materiais e simbólicas já existentes na sociedade brasileira e que influenciam direta ou indiretamente o acesso e a permanência no ensino superior das camadas mais desfavorecidas da sociedade, a impossibilidade ou dificuldade de frequentar cursinhos acaba aumentando as desigualdades diante dos processos de seleção.

Em resposta a essa realidade, na década e 1990, foram criados, sobretudo pelo movimento estudantil e pelo movimento negro, iniciativas populares de cursinhos voltados para estudantes de camadas populares. Esses cursinhos tinham como objetivo não apenas auxiliar esses estudantes diante do vestibular, mas prepará-los para a vida universitária, além de lutar pela democratização do ensino superior brasileiro. Essas iniciativas chamadas de cursinhos populares, tanto pela literatura a respeito do tema, como por seus integrantes, se desenvolveram nas últimas décadas e atualmente estão

presentes em diversas cidades do país. Com formas de organização e funcionamento diversas, se desenvolvem como alternativa de preparação de estudantes que, se não fosse por essa oportunidade gratuita ou com custo reduzido, não conseguiriam se preparar para o exame de seleção.

Considerando o acima exposto, a motivação para a presente pesquisa, surge da junção de motivações pessoais da pesquisadora e também de indagações reflexivas feitas a partir do aporte teórico da sociologia da educação. Filha de professora, dona de um cursinho comercial doméstico,¹ a preparação e a “luta” pelo acesso ao ensino superior acompanharam sua trajetória não apenas escolar, mas de vida, sendo a desigualdade desse processo sempre uma de suas indagações. Aliado a isso, suas primeiras experiências como docente em dois cursinhos populares na cidade de Alfenas-MG, no ano de 2015, trouxeram algumas reflexões acerca desse processo, e, sobretudo, do alcance que essas instituições possuem na vida de seus estudantes. Durante as aulas e as conversas com os estudantes, a pesquisadora observou o quanto o espaço universitário e sua lógica de organização estavam distantes desses estudantes e como a possibilidade de participar de cursinhos populares e ter contato com professores que eram também universitários os auxiliavam no momento de decisão e preparação para os processos seletivos. Mais do que prepará-los com conteúdos relativos às provas, ela percebeu que os cursinhos tinham um papel que, aparentemente, estava para além disso; o de ampliação de outros saberes que também são necessários para o processo de seleção.

Portanto, indo ao encontro das motivações pessoais pela pesquisa, quando recorremos à literatura no campo da educação é possível encontrar estudos que tratam de questões ligadas ao efeito e alcance dos cursinhos populares, não apenas na preparação para os exames de seleção, mas na contribuição para a vida de seus estudantes como um todo. Piunti (2009), por exemplo, realizou um estudo acerca dos processos de aprendizagens que acontecem no interior de um cursinho comunitário, na cidade de São Carlos – SP, constatando que o principal papel do cursinho é a socialização secundária - socialização que acontece em espaços destinados a escolarização escolar -, mas que sua atuação se dá também em uma socialização de humanização. Ou seja, o cursinho contribuiu, tanto para a mudança de perspectiva dos estudantes sobre si mesmos, quanto

¹ Assim intitulado por estar localizado em uma cidade pequena- de aproximadamente 17 mil habitantes- em uma sala dentro da casa da pesquisadora, sem vinculação a nenhuma grande rede de cursinhos e pelo número de alunos que atende- média de 50/60 estudantes de todas as etapas de ensino.

sobre o mundo. “Percebemos que, ao serem instrumentalizadas estas pessoas transformam a própria vida e dão a ela novos sentidos.” (PIUNTI, 2009, p.106).

Nesse mesmo sentido, Souza (2009), realizou um estudo acerca dos ex-estudantes de um cursinho da Unicamp – intitulado pela autora como “órfãos do cursinho do DCE” a fim de investigar o destino social desses estudantes após frequentarem o cursinho e entender o porquê do sentimento de lembrança e saudade, demonstradas por eles em relação ao cursinho, em uma rede social. Por meio de entrevistas e análises dos fóruns de discussão presentes na rede social, Souza (2009) percebeu que o cursinho havia funcionado para esses estudantes como uma “família de substituição”, uma vez que havia lhes proporcionado, não apenas os conteúdos pertinentes à seleção, mas também conhecimento cultural e informações necessárias para o sucesso não apenas no momento da seleção, mas também no meio acadêmico. Além disso, o cursinho desenvolveu nesses estudantes a autoconfiança que possibilitou a eles acreditarem ser possível alcançar o que até então era uma realidade distante de seus imaginários sociais.

Outro estudo que aponta a contribuição dos cursinhos para além do conteúdo é o desenvolvido por Kato (2011), que trata acerca da ampliação de capital cultural, social e informacional dos estudantes dos cursinhos populares. Segundo o autor, o cursinho pode possibilitar aos estudantes o acesso a um processo formativo e a vivências relacionadas à universidade, graças ao contato com os professores voluntários. O estudo não é conclusivo, mas deixa como indicação a mudança de perceptivas dos estudantes frente ao vestibular, principalmente em relação à escolha de profissões menos concorridas e de mais fácil acesso, adaptando as suas escolhas ou ampliando suas possibilidades.

Haja vista o acima exposto, fica como problemática para esse estudo a necessidade de aprofundamento para entender como esses cursinhos populares contribuem na formação dos estudantes para além da transmissão de conteúdo. Essa escolha por uma investigação que dê conta do “para além do conteúdo” não nega a importância que o conhecimento do currículo, exigido nos exames de seleção possui na preparação dos estudantes, mas direciona o estudo para a ideia, apresentada por Bourdieu (2015) de que para o sucesso no sistema escolar, além dos conteúdos pertinentes ao exame, é necessário conhecer as regras do jogo, saber como jogá-lo e, mais que isso, saber onde e quais são as melhores formas de investimento. Esse conhecimento, segundo o autor, é fruto do capital cultural construído através da herança cultural de classe, em um processo contínuo e que tem relação, sobretudo com o *habitus* dos indivíduos. Diante disso, como coloca

Bourdieu (2015), a eliminação dos estudantes começa muito antes da seleção, ou ainda: “Em síntese, as cartas são jogadas muito cedo” (BOURDIEU, 2015, p.58).

Sendo os capitais cultural, social e informacional frutos da relação entre o *habitus* e pela herança cultural nas famílias de classe média e alta, o que fica de hipótese para esse trabalho, utilizando a ideia de Souza (2009), é de que o cursinho, nesse caso, funcionaria como a “família de substituição” desses estudantes e, ao proporcionar acesso a informações sobre o sistema escolar, acabam por ampliar o capital informacional desses estudantes, e por sua vez, ampliar as chances deles em relação ao acesso ao ensino superior.

Desse modo, a relevância do estudo proposto se dá pela necessidade de ampliar o campo de estudo acerca dos cursinhos populares a fim de entender qual a contribuição deles na preparação dos jovens para os exames de seleção e à permanência na Universidade. Muito embora os estudos acima apresentados apontem que a preparação, não se limita ao conteúdo e que são construídas redes de solidariedade e ampliação de capital informacional, existe ainda uma lacuna no campo em entender como eles são construídos no cotidiano dos cursinhos.

A Construção Da Pesquisa: Percurso Metodológico

O objetivo dessa sessão é apresentar os recursos metodológicos utilizados durante a presente investigação. Ao selecionar os instrumentos que seriam utilizados na pesquisa o objetivo foi dar conta, o mais próximo possível, da complexidade do objeto proposto. Diante disso, optou-se por questionários, entrevistas e observações, unindo assim métodos quantitativos e qualitativos, uma vez que cada um contribuiu à sua maneira para a investigação.

Primeiramente, foi feita uma pesquisa sobre os cursinhos populares existentes na cidade de Belo Horizonte, optando pelo Equalizar para a realização da pesquisa, sobretudo, em razão do seu funcionamento acontecer na UFMG e ser gerido por estudantes universitários. O contato inicial com o cursinho foi feito de maneira informal, através de uma professora que indicou o presidente à pesquisadora. Uma vez realizado esse contato, foi marcada uma reunião de apresentação da pesquisa ao presidente e delimitação do que poderia ser feito no cursinho. O Equalizar, desde o primeiro momento, se mostrou solícito a contribuir na pesquisa, assim como não demonstrou nenhuma resistência às suas etapas. Nessa reunião, além desse primeiro contato, foram passadas à

pesquisadora algumas características do cursinho que auxiliou, tanto na escolha dos instrumentos metodológicos, assim como na construção deles.

Assim sendo, o primeiro recurso utilizado foi a aplicação de um questionário², contendo trinta e sete perguntas relacionadas a situação socioeconômica e familiares dos estudantes, trajetória escolar dos mesmos, relação com o trabalho e aspirações em relação ao ensino superior. Esse questionário foi respondido pelas duas turmas do cursinho, em dois dias (um dia para cada turma), totalizando setenta estudantes. Durante a aplicação do questionário, além de assinarem o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento³ (TCLE) a respeito da participação sigilosa e voluntária na pesquisa, foi solicitado que os estudantes que tivessem disponibilidade em participar de entrevistas, assinassem um outro documento e deixassem seus contatos.

A escolha pela execução dos questionários foi orientada pela necessidade em conhecer, de maneira geral, quem eram os estudantes do cursinho e qual era a realidade socioeconômica daqueles indivíduos. Por assim ser, a adoção de um recurso quantitativo foi pertinente, uma vez que como Mann (1975, p. 139) coloca que, quando o objetivo é conhecer características gerais de seu grupo instrumentos como questionários são válidos, uma vez que possibilitam a padronização dos dados recolhidos, assim como a averiguação de questões objetivas. Para a construção e análise dos bancos de dados coletados recorreu-se ao programa estatístico o IBM SPSS Statistics que propiciou a confecção dos gráficos e tabelas disponibilizadas ao longo da pesquisa.

Uma vez finalizados os questionários, foram realizadas as entrevistas e as observações de algumas aulas. Essas observações foram feitas em uma das turmas, sem seguir uma sistemática mais apurada de etnografia, pois o intuito delas era apenas conhecer um pouco do cotidiano da sala de aula para facilitar o entendimento das informações que seriam coletadas durante as entrevistas. Dessa maneira, foram observadas durante três semanas, aulas de quartas e quintas feiras, de matérias diversas como: física, química, biologia e sociologia. Durante esse tempo, foi construído um *caderno de campo* com anotações que perseguiram o principal objetivo da observação que era analisar como se dava o desenrolar das aulas e as relações entre estudantes e professores. Muito embora esses momentos não tenham sido o principal recurso

² As questões do questionário estão disponíveis no Apêndice I da presente pesquisa.

³ Os TCLE assim como os questionários respondidos encontram-se armazenados pela pesquisadora e ficarão disponíveis para a consulta pelo prazo de 05 anos, assim como determina o Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG.

metodológico da pesquisadora e não apareçam nas análises como instrumento de coleta de dados expressivos, foram fundamentais, sobretudo, para a criação do roteiro de entrevistas, assim como a interpretação das respostas.

Já em relação às entrevistas⁴ foram planejadas, de início que elas seriam feitas com o presidente, com alguns professores e com alguns alunos. No entanto, com o desenrolar da análise, foi preciso também realizar uma entrevista com o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP), pois nas demais entrevistas foi recorrente a referência a ele. Todas as entrevistas foram realizadas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com exceção de uma estudante que preferiu ser entrevistada perto de seu trabalho e duraram em média de trinta a cinquenta minutos. Elas foram estruturadas por meio de roteiros que se encontram disponíveis nos Apêndices da presente pesquisa e orientadas pela ideia de Entrevista Compreensiva desenvolvida por Kaufmann (2013). Segundo o autor o trabalho de campo consiste “[...] na capacidade de interpretar e de explicar a partir de dados. A compreensão da pessoa é apenas um instrumento, o objetivo do sociólogo é a explicação compreensiva do social” (2013, p.47).

A entrevista com o Presidente teve caráter de apresentação do cursinho sendo perguntadas questões acerca do funcionamento, organização, infraestrutura e história do Equalizar. Já as entrevistas com os professores tinham como intuito conhecer o cotidiano, a relação construída com os estudantes e também a própria experiência docente deles. Para tanto, foram escolhidos, com intermédio do Coordenador Pedagógico, quatro professores, um de cada grande área do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)⁵. As entrevistas com os estudantes foram construídas com perguntas variadas acerca de suas trajetórias escolares, da relação com a família, das aspirações em relação ao ensino superior e sobre a experiência no Equalizar. Para a escolha dos estudantes foram utilizados os dados coletados durante a entrevista, sendo escolhidos cinco estudantes com características diferentes como curso pretendido, relação com o trabalho e frequência a outros cursinhos. Por fim, a entrevista com o NAP foi feita com duas integrantes ao mesmo tempo⁶ e teve como norte perguntas acerca do funcionamento do núcleo, das

⁴ Todas as entrevistas foram autorizadas pelos participantes por meio de um TCLE. Tanto eles como os áudios e transcrições encontram-se de posse da pesquisadora que irá armazená-los por um prazo de cinco anos como determinado pelo COEP-UFMG.

⁵ Ciências Humanas e suas tecnologias, ciências naturais e suas tecnologias, linguagens e suas tecnologias e matemática.

⁶ O fato das duas integrantes do NAP estarem presentes foi uma exigência delas.

principais questões postas pelos estudantes e principalmente sobre aspectos para além da sala de aula desenvolvidos por esse núcleo.

Destarte, a análise dos dados coletados durante a pesquisa foi feita por temas e divididas da seguinte forma:

- **Capítulo 1:** Revisão teórica que apresenta desde uma discussão bourdeusiana acerca do sistema de ensino e da reprodução cultural, até um levantamento histórico acerca do vestibular no Brasil e a criação da “indústria do vestibular e a apresentação dos cursinhos populares e suas contribuições para além da transmissão do conteúdo.
- **Capítulo 2:** Tem como objetivo, por meio das entrevistas realizadas com o presidente, com os professores e com o Nap apresentar o cursinho, seu cotidiano e suas ações, de modo a entender como as suas contribuições aos estudantes são construídas ao longo do ano letivo.
- **Capítulo 3:** Possui um enfoque nos estudantes, apresentando os dados dos questionários e das entrevistas, com o intuito de compreender quem são eles, quais são as suas realidades socioeconômicas e como veem a contribuição do cursinho para as suas trajetórias, sobretudo em relação aos exames de seleção para o ensino superior.
- **Considerações Finais:** São apresentadas as conclusões do presente trabalho, como também a indicação de possíveis estudos futuros que ajudarão o campo de pesquisa avançar em relação ao tema estudado.

Isto posto, é feito o convite aos leitores e leitoras da presente pesquisa a refletir junto conosco acerca das ações dos cursinhos populares como alternativas para os estudantes de camadas populares se preparem para os exames de seleção, contribuindo não apenas com os conteúdos exigidos, mas também com outras questões que compõem a disputa do jogo escolar universitário.

1- O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E A ATUAÇÃO DOS CURSINHOS POPULARES: APONTAMENTOS TEÓRICOS

A proposta do presente capítulo é apresentar quais foram os aportes teóricos que nortearam a pesquisa. De início serão apresentados alguns conceitos da teoria de Pierre Bourdieu acerca do sistema de ensino e sua contribuição para a reprodução social, a fim de demonstrar como outros mecanismos além dos exames selecionam e eliminam os estudantes durante o percurso escolar.

Após essa apresentação, será feito um regaste dos processos de seleção ao ensino superior nas universidades brasileiras, indo desde os exames de aptidão e habilidades escritas e orais até o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nesse mesmo sentido, serão expostas também a formação e consolidação dos cursinhos preparatórios para esses exames como indústria, conhecida atualmente na literatura como “indústria do vestibular”, com o intuito de mostrar como o acesso à educação superior no Brasil, sobretudo a universidade pública, está, muitas das vezes, entrelaçada ao acesso a essa indústria de formação.

Isto posto, serão apresentados os cursinhos populares que se formam como iniciativas de resistência da sociedade civil a essa indústria do vestibular, propondo não apenas contribuir na formação dos estudantes de camadas populares em relação aos conteúdos específicos exigidos nos exames de seleção ao ensino superior, mas também contribuindo em outras questões que influenciam no sucesso escolar. Por fim, serão apresentados alguns trabalhos que tratam diretamente das contribuições desses cursinhos para além da transmissão do conteúdo. Trabalhos esses que norteiam a presente pesquisa e servem como referencial para a análise dos dados coletados durante a investigação.

Em síntese, a ideia do capítulo é iniciar com uma visão geral do jogo escolar e da disputa social pelos diplomas à luz da teoria de Bourdieu. Passar pela construção histórica dos exames de seleção e da indústria do vestibular, criada para atender as classes sociais mais favorecidas socialmente e, por fim, apresentar a realidade dos cursinhos populares e suas contribuições para além do conteúdo.

1.1 A Seleção Antes Mesmo Do Exame: Contribuições de Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu e Jean Claude Paserón, na década de 1960, ao proporem o estudo do sistema de ensino francês, estavam preocupados em investigar o papel da escola

enquanto instituição social que não só está inserida na lógica vigente da sociedade, mas também corrobora para a legitimação da estrutura social. Dessa forma, em suas duas primeiras obras; *Os herdeiros* (2015) e *A reprodução* (2010) –, os autores demonstram, por meio de pesquisas empíricas a respeito do sistema de ensino e suas formas de seleção, a relação existente entre sucesso escolar e origem social.

Na obra *A Reprodução* (2010) os autores desvelam, minuciosamente, os mecanismos utilizados pela escola para impor a cultura dominante enquanto cultura legítima. Por meio da violência simbólica⁷ o sistema de ensino impõe linguagens, práticas e códigos que são, na verdade, próprias dos grupos dominantes. Em outras palavras, o sistema de ensino, ao legitimar disposições e práticas de uma camada social específica, o que faz, na realidade, é influenciar no sucesso/fracasso dos estudantes de acordo com a posição que o indivíduo ocupa na estrutura social. Por assim ser, quando pensamos o acesso ao ensino superior, não é possível considerar a aprovação apenas como uma questão de mérito, sem levar em conta a formação/origem dos sujeitos que disputam os exames de seleção:

É provavelmente por um efeito de inércia social que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom tratado como um dom natural. (BOURDIEU, 2015, p.41)

Nesse sentido, segundo Bourdieu, diante da estrutura social os indivíduos se organizam e se relacionam de acordo com a quantidade de capitais que possuem e incorporam. O teórico utiliza a ideia de capitais (no plural) por acreditar que a posição do indivíduo na sociedade não é fruto apenas do capital econômico, mas também de capital cultural e social. O capital econômico seria aquele relacionado aos bens e serviços que o indivíduo consegue ter acesso por meio de sua condição econômica. Já o capital social, Bourdieu (2015, p.75) define como o conjunto de relações sociais construídas pelos indivíduos que podem lhe ser rentáveis diante da estrutura social. Ou seja, são as redes duráveis de relação ou a vinculação a grupos que podem, em momentos estratégicos, servirem como mecanismos de influência para que o indivíduo acesse cargos e posições sociais.

⁷ Se relaciona à violência *velada* exercida pelo sistema de ensino ao impor não apenas conteúdos, linguagens e currículos, mas também questões simbólicas como gestos, gostos e posturas, enquanto maneiras “corretas”, quando na verdade estão transformando o modo próprio de uma classe ser e estar no mundo como cultura legítima.

O capital cultural é dividido, por Bourdieu (2015), em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado e se refere “ [...] ao poder advindo da produção, da posse, da apreciação ou do consumo de bens culturais socialmente dominantes [...] (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2009, p.25). O capital cultural incorporado seriam as disposições, gostos, maneiras de ser, agir e se portar no mundo incorporadas pelo indivíduo. É algo contínuo, construído ao longo do tempo e que se torna parte integrante do sujeito. É no capital cultural que se encontra o **capital informacional**⁸ que seriam as informações, estratégias e relações de proximidades construídas com o ambiente escolar e seus mecanismos. Já o capital cultural objetivado são os bens culturais acumulados e/ou a possibilidade de contato do sujeito com esses bens, por exemplo, por meio de visitas a museus, teatros e exposições de arte. Esse tipo de capital cultural é o mais diretamente ligado ao capital econômico que, por sua vez, possibilita o acesso e sucesso diante da estrutura social. O capital cultural institucionalizado, é referente aos títulos adquiridos pelo sujeito, como diplomas e certificados, transpondo, como Bourdieu (2015) aponta, a própria figura do indivíduo que o possui, uma vez que o valor de um diploma está para além do sujeito que o detêm.

Esses capitais são incorporados pelos indivíduos por meio do *habitus* que, para Bourdieu (1983, p.61), é o princípio gerador das práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação delas. Ele (*habitus*) incorpora e constrói as diferenças que afirmam e colocam o sujeito em sua posição na estrutura social. Sua lógica de funcionamento acaba por organizar, estrategicamente, as ações de um grupo, sem dar a elas uma verdadeira intenção estratégica.

Assim sendo, quando se trata do jogo escolar e de como os sujeitos se comportam nele é impreterível considerar a quantidade de capitais que possuem incorporadas em seu *habitus* e como os utilizam para garantir sua posição social. E, justamente por isso, é necessário considerar que outras questões para além da capacidade cognitiva dos sujeitos estão em jogo no momento da seleção para o ensino superior. Questões essas que ultrapassam os limites do currículo escolar e dialogam com a origem social desses sujeitos.

Dessa forma, o sucesso escolar tido, muitas das vezes, como algo relacionado às aptidões escolares ou capacidades individuais possui relação direta com a posição que os indivíduos se encontram na estrutura social. No livro *Os Herdeiros*, Bourdieu e Parsseron

⁸ Conceito forjado pela autora da pesquisa, baseado na teoria de Bourdieu.

(2015) apresentam como o sucesso escolar tem relação direta com o pertencimento familiar dos estudantes, e mais, como os estudantes das classes populares são eliminados dos exames muito antes da seleção devido à distância construída entre a realidade social deles e o sistema de ensino: “A experiência do futuro escolar não é vista da mesma forma pelas diferentes classes. Enquanto que para as classes superiores ela é vista como futuro banal e cotidiano, para as classes menos favorecidas é visto como algo distante. ” (BOURDIEU, PASSERON, 2015, p.17) logo, se analisarmos a realidade dos estudantes que chegam até os cursinhos populares a possibilidade de estender os estudos não é algo tido como futuro provável. Muito pelo contrário, o prolongamento dos estudos é considerado por eles como distante, principalmente se não tiverem apoio durante a seleção. Assim sendo, os cursinhos funcionam para esses sujeitos como uma rede de apoio para o jogo escolar, sejam com os conteúdos pertinentes, seja na construção de autoconfiança de que sim, é possível a eles acessarem o ensino superior.

A transmissão do conhecimento tido como legítimo é feita, sobretudo, por meio da herança cultural⁹. Do mesmo modo que a ação familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural (BOURDIEU, 2015, p, 42). Assim o “bom gosto” é “aprendido” desde o início da trajetória social do indivíduo das classes dominantes. Ele é acompanhado de uma relação de familiaridade com aquilo que é legítimo. Essa relação de proximidade acaba por construir a ideia de naturalidade em gostar do que é “bom”, ou ainda, de saber, *a priori*, o que é do “bom gosto” como se funcionasse, no limite, como um dom dado a quem é das classes dominantes.

A parte mais importante e mais ativa (escolarmente) da herança cultural, quer se trate da cultura livre ou da língua, transmite-se de maneira osmótica, mesmo na falta de qualquer esforço metódico e de qualquer ação manifesta, o que contribui para reforçar, nos membros da classe culta, a convicção de que eles só devem aos seus dons esses conhecimentos, essas aptidões e essas atitudes, não lhes parecem resultar de uma aprendizagem. (BOURDIEU, 2010, p.51)

Nessa mesma lógica, a escola acaba por engendrar um duplo sentido, conforme Bourdieu (1983, p.99) demonstra. Ao mesmo tempo em que ela sanciona aquilo que é próprio do estilo de vida dominante como o legítimo, ela cria regras e formas sistemáticas para ele em uma forma de racionalização daquilo que até então era natural. Porém, ao racionalizar esse conhecimento ela abre – mesmo que pequena- uma possibilidade para

⁹ Herança cultural diz respeito à transmissão, de uma geração a outra, de maneiras de ser e de se portar, mas também de habilidades, competências e sensibilidades que os indivíduos adquirem muitas vezes sem sentir e, certamente, sem escolher. (ALMEIDA, 2017, p.218)

aqueles que não apreenderam “em casa” esses gostos se munirem de instrumentos para darem conta dessa lógica. Assim, é lançada a ideia de contraposição do que é sensível e do que é racionalizado, ou do dom e da técnica. Por assim dizer, podem-se criar regras e formas de aprender esse “gosto natural”, porém ele não será visto socialmente da mesma forma do “bom gosto” proveniente daqueles que possuem essas práticas incorporadas, desde muito cedo, por meio da sua herança cultural. Dessa maneira, o conhecimento escolarizado é considerado inferior em detrimento do conhecimento incorporado enquanto “dom natural” ou aptidão do sujeito.

Não somente ele exclui as interrogações sobre os meios mais eficazes de transmitir a todos os conhecimentos e as habilidades que a escola exige de todos e que as diferentes classes sociais só transmitem de forma desigual, mas ela tende ainda a desvalorizar como “primárias” (com o duplo sentido de primitivas e vulgares) e, paradoxalmente, como “escolares”, as ações pedagógicas voltadas para tais fins. (BOURDIEU, 2015, p.59)

Desse modo, se consideramos a realidade do sistema de ensino brasileiro, é possível observar que essa diferenciação é estabelecida muito cedo, a começar pelas diferenças de formação desde a educação básica. Enquanto estudantes de classes alta e média estudam em colégios privados integrados a rede de cursinhos pré-vestibulares e desde muito cedo, como argumenta Whitaker (2010), dentro e fora da escola são preparados para exames de seleção construindo o “efeito cursinho”, os estudantes de camadas populares enfrentam um ensino público sucateado, com deficiência de currículo e de formação, além das dificuldades materiais para além da escola, e são ambos avaliados da mesma forma. Em outras palavras, segundo Piunti (2009), utilizar-se da ideia de igualdade, na verdade, só legitima as desigualdades, uma vez que não se considera nesse processo as diferenças de percursos dos estudantes e, muito menos, as questões simbólicas postas para além da sala de aula. O que vai ao encontro do que Bourdieu (2015), mesmo em realidades e tempos históricos distintos, escreveu acerca do sistema francês:

Ora, se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclamam ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios. (BOURDIEU, 2015, p.59)

Outra face da reprodução escolar, colocada por Bourdieu (2015), é a própria ideia dos estudantes de camadas populares que são dentro do sistema de ensino *superselecionados*. Segundo o autor, os estudantes de camadas populares ou médias que por um lado possuem menos oportunidades de demonstrar êxito escolar excepcional, devido à deficiência que possuem de capital cultural, são, em contrapartida, os que mais necessitam “provar” esse êxito para terem condições, nem que sejam mínimas, de prolongarem a escolarização. Além disso, no texto *Reprodução Cultural e Reprodução Social*, Bourdieu (2011) trata de como esses estudantes superselecionados podem contribuir, de certa maneira, para a legitimação da ideologia do mérito, visto que, ao conseguirem transpor as barreiras impostas por sua condição social, tendem a ser usados como exemplos para a ideia de que o esforço individual ou o mérito bastam para a conquista escolar.

Sem contar que, como Bourdieu (2015) apresenta, enquanto os sujeitos que não possuem outras fontes de capitais dependem tão e somente da escola para conseguirem ascender socialmente, os sujeitos detentores de outros capitais, sobretudo, o social, consegue maximizar títulos e diplomas escolares, mesmo quando não alcançam o êxito escolar. Um estudante, por exemplo, de classe alta que não consegue êxito escolar conta com os recursos familiares, sejam eles nas conversões do capital social ou econômico, para conseguir, mesmo assim, se colocar no mercado de trabalho. Já um estudante de classe popular, além de depender unicamente do pouco valor que o seu diploma possui no mercado escolar (uma vez que não consegue alcançar postos elevados), ainda terá que concorrer sozinho num espaço de disputa social, e por assim ser, para conquistar algo além do esperado para sua classe, terá que ter desempenhos excepcionais. “Em suma, a luta de concorrência eterniza, não condições diferentes, mas a diferença das condições” (BOURDIEU,2015, p.199)

Sendo assim, os estudantes que frequentam os cursinhos populares quando alcançarem o ensino superior irão depender do diploma que conquistarem para garantirem sua posição na estrutura social. Enquanto estudantes de camadas altas contam também com outros caminhos para se manterem na posição de privilégio na estrutura social. Por conseguinte, os estudantes de camadas populares dependem muito mais do sucesso escolar do que os estudantes de camadas mais altas, construindo uma contradição, já que a chance para esses sujeitos de êxito escolar é muito menor. Dito de outro modo, os

sujeitos que mais dependem do sistema escolar são, ao mesmo tempo, os que estão mais distantes dele e que enfrentam mais dificuldades para alcançarem o êxito.

Para além da formação, para que o sucesso escolar seja alcançado, segundo Bourdieu, é necessário saber jogar as regras do jogo, saber o momento certo de investir e quais as melhores escolhas a serem feitas durante o trajeto escolar. Por consequência, essas ações são orientadas pelas informações que o sujeito possui sobre o mercado escolar e, mais do que isso, por como ele incorpora suas chances objetivas de sucesso diante dele por meio de seu habitus. O que significa dizer que a postura das famílias e dos indivíduos diante do mercado escolar não é algo construído de forma despreziosa e engendrada por desejos individuais, mas sim uma ação de correspondência entre a posição que ocupa na estrutural social e as chances que possui diante do mercado escolar. “De maneira geral, as crianças e sua família se orientam sempre em referência às forças que a determinam. Até mesmo quando suas escolhas lhes parecem obedecer à inspiração irreduzível do gosto ou da vocação, elas traem a ação transfigurada das condições objetivas.” (BOURDIEU,2015, p.54)

Dessa forma, ao dizer “Em síntese, as cartas são jogadas muito cedo”, (BOURDIEU,2015, p.58) o que Bourdieu trata é da eliminação sutil construída no interior do sistema de ensino que, por suas estratégias e formas de seleção, tende a excluir os indivíduos, que dele se distanciam, muito antes da seleção. São os casos, por exemplo, dos estudantes que orientados por fracassos iniciais oriundos, sobretudo, da deficiência do capital cultural, desistem ou criam para si a ideia de que o ambiente escolar não é para si, que não conseguem se devolver ali, adequando assim suas expectativas e desejos às suas condições objetivas de sucesso. Ou ainda, o próprio juízo professoral, cultivado no sistema de ensino que tende a muito cedo orientar, quando não determinar, o destino das crianças pautado na falácia do mérito ou das aptidões dos estudantes. Sendo que, na realidade, são construídos e orientados pelas suas condições sociais objetivas diante do sistema escolar.

Outrossim, a postura das famílias diante do mercado escolar, assim como das decisões tomadas, nada mais são do que estratégias tomadas na expectativa de conservação e/ou ascensão social. Segundo Bourdieu (2015), cada família *jogará* no mercado social com as cartas que possui, ou seja, utilizará para a reconversão em privilégios e bens sociais os capitais que detêm. Como essas estratégias começam muito cedo e são baseadas na conversão do capital cultural em informações e escolhas acertadas,

é ainda no início trajetória escolar que se constroem os destinos escolares com sucessos e/ou fracassos sucessíveis e que vão dizer muito do futuro escolar daquelas crianças.

Portanto, quando as famílias de camadas médias e altas escolhem no início das trajetórias escolares de seus filhos instituições de ensino acopladas a redes de cursinhos pré-vestibulares, ou que, desde muito cedo preparam os estudantes para os exames, nada mais fazem do que construir estratégias para que seus filhos consigam acessar o ensino superior mais tarde. Já as famílias populares, devido à falta de condições materiais e de informações acerca do sistema de ensino, o máximo que conseguem fazer é contribuir com o incentivo para que seus filhos estudem. Tendo poucas condições de investimento no mercado escolar o que podem, no limite, é optar pelo tipo de escola pública que matricularão seus filhos, mas o que na verdade, não significa muito se considerado a disputa pelo ensino superior.

Ou seja, informações certas sobre as regras do jogo escolar, advindas principalmente do capital cultural, fazem a diferença na forma como os sujeitos se portam diante do mercado escolar e como constroem suas aspirações em relação a ele. De acordo com Bourdieu (2007), os agentes sociais tendem a adaptar suas aspirações ao seu futuro possível de maneira que suas ações, escolhas e investimentos estejam “dentro” de suas possibilidades. O que pode ser traduzido como “sonhar o possível” para a realidade em que se encontram:

Nesse caso, a concordância das expectativas com as possibilidades, das antecipações com as realizações, está no princípio dessa espécie de “realismo”, enquanto sentido da realidade e senso das realidades que faz com que, para além dos sonhos e das revoltas, cada um tende a viver “de acordo com a sua condição”, segundo a máxima tomista, e tomar-se inconscientemente cúmplice dos processos que tendem a realizar o provável. (BOURDIEU, 2015, p.91)

Destarte, se for considerado que as classes populares, como apresenta Bourdieu (2007), possuem estilo de vida¹⁰ orientado pelo imediatismo e pela necessidade de sobrevivência e de segurança e não possuem capitais suficientes para fazerem bons investimentos, quando conseguem, por alguma razão, uma possibilidade de investir e ou dar um passo além do esperado em sua trajetória escolar, o fazem visando o que lhe é mais seguro e o que lhe traz menos risco. Diferente das classes mais altas, esses estudantes

¹⁰ “[...] é um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagens ou hexis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio de unidade de estilo que se integra diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados (BOURDIEU, 1983, p.84)

de classes populares não possuem margem de erro para dúvidas e/ou para investimentos perigosos. Precisam de investimentos que dependam no menor recurso possível- mesmo porque não possuem muitos recursos- e ofereça o menor possível dos riscos.

Ainda nesse sentido, ao contrário dos jovens de classes altas e médias, os jovens de camadas populares não podem contar também com o capital social e com as redes de relações que ele pode oferecer, o que faz com que tenham menos condições ainda de êxito diante do mercado escolar, pois “[...] ter poder é possuir em potência o uso exclusivo ou privilegiado de bens ou serviços formalmente inscritos no futuro de todo agente. ” (BOURDIEU, 2015, p.96). Ou seja, ter capitais, ou ainda, recursos e conhecimentos que auxiliam no investimento permite projetar um futuro, de certo modo, mais arriscado, mas também mais rentável. Toda essa relação faz com que o sujeito aja perante o sistema escolar e suas possibilidades de acordo com aquilo que, de certa forma, está predestinado a ele criando, segundo Bourdieu (2015, p.111) uma causalidade do provável que, nada mais é que, um resultado da dialética do habitus.

Logo, tendo em conta a relação que as famílias de classes populares possuem com a escola, marcada pela distância de mundos, como argumenta Viana (2000), e acompanhada da falta de recursos e da necessidade de investimento em outras áreas para a sobrevivência, é possível observar que as trajetórias escolares dos estudantes de camadas populares, mesmo quando com sucesso, são marcadas pela descontinuidade, pelo acaso e pelo aproveitamento das oportunidades que aparecem. Elas não se inscrevem como trajetórias lineares, pensadas em longo prazo e fruto de um investimento sistemático das famílias, tais como as trajetórias de estudantes de camadas médias e superiores, mas sim trajetórias dentro do possível. Diante disso, como apresentado por Piotto (2014), são acasos, circunstâncias e acontecimentos pontuais que podem fazer com que algumas trajetórias mesmo dentro desse contexto, alcancem a longevidade e se tornem relatos de indivíduos bem-sucedidos.

Portanto, por mais que os cursinhos populares sejam ações pontuais que não modificam a estrutura social e, muito menos, a lógica de reprodução do sistema de ensino, eles podem ser, para os estudantes de camadas populares, uma alternativa de acesso aos capitais que lhes são deficientes. Dessa forma, a escolha por uma investigação que dê conta do “para além do conteúdo” não nega a importância que o conhecimento do currículo cobrado nos exames de seleção possui na preparação dos estudantes, mas direciona o estudo pela ideia, apresentada por Bourdieu (2015), de que para o sucesso no mercado escolar, além dos conteúdos específicos, é necessário conhecer as regras do jogo.

E se a eliminação, segundo o autor, começa muito antes dos exames, os mecanismos que podem contribuir para a longevidade escolar nos meios populares também devem estar para além deles, agindo não apenas na transmissão de conteúdo, mas mais do que isso, na preparação dos estudantes como um todo para a disputa no mercado escolar.

2.2 O Acesso ao Ensino Superior No Brasil: um resgate histórico

O acesso ao ensino superior no Brasil é marcado, historicamente, por processos de seleção e de disputas políticas e sociais. Na época do Império, por exemplo, apenas os estudantes formados pelo colégio Dom Pedro II¹¹ (Rio de Janeiro) recebiam o título de bacharéis em Letras o que os credenciavam a cursar o ensino superior sem a necessidade de exames de seleção. Estudantes advindos de outras instituições precisavam passar pelos exames de habilidades e comprovar que estavam aptos e haviam tido, durante a escolarização básica, currículos semelhantes aos adotados no Colégio Dom Pedro II.

Já com a República e as ideias liberais e positivistas de seus idealizadores, segundo Cunha (1982), ocorreram mudanças na organização da educação, entre elas a equiparação de diplomas dos colégios estaduais e alguns particulares ao diploma de “bacharel em letras” do Colégio Dom Pedro II. Dessa forma, desfeita as barreiras de acesso antes impostas pela exigência do diploma, entravam para as escolas de ensino superior estudantes que não estavam “adequadamente” preparados, o que preocupava o desempenho e a qualidade do ensino.

Destarte, em 1911, como reação do Estado e das corporações acadêmicas ao crescimento considerado “vertiginoso” de estudantes nas escolas de ensino superior, foram inseridos os primeiros exames gerais de competências, durante o governo de Hermes da Fonseca, que nesse período eram compostos por prova de habilidades intelectual, tanto oral quanto escrita. Como descrito por Netto (1985), em abril de 1911, foi criado o Decreto 8.659, que aprovava a Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental na República. Em seu artigo 65 o decreto estabelecia as condições dos exames de habilidades como:

“Para concessão da matrícula, o candidato passará por um exame que o habilite a um juízo de conjunto sobre o seu desenvolvimento intelectual e capacidade para empreender eficazmente o estatuto das matérias que constituem o ensino da faculdade.” Seu parágrafo primeiro complementava: “o exame de admissão que se refere este artigo constará de prova escrita em vernáculo, que revele a

¹¹ Informações retiradas do site do Colégio. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/historia_cp2.html. Acessado em: 20/01/2018

cultura mental, que se quer verificar e de uma prova oral de línguas e ciências” (NETTO, 1985, p.41, aspas do autor)

Já em 1925, em virtude do aumento do número de estudantes que pleiteavam as vagas como também, de acordo com Cunha (1982), pela necessidade de preservação das raridades dos diplomas, ocorreu a Reforma Rocha Vaz¹² que estabelecia número máximo de vagas por concurso, conhecido como *numerus clausus*, fazendo assim do vestibular um instrumento de *fechamento de vagas*. Ou seja, se antes todos os aprovados tinham o direito à vaga, nesse momento, além de serem aprovados nos exames de seleção, os estudantes só podiam se matricular se tivessem passado “dentro do número de vagas”, criando a figura do excedente: aprovado, mas não classificado.

Em 1945, de acordo com Barros (2014), após a queda do Estado Novo, iniciaram-se políticas de expansão do ensino superior que perduraram até 1976. Dentre as medidas adotadas, nesse período, apareceu à equivalência dos cursos de ensino médio (normal, acadêmico, industrial, comercial), a ampliação de vagas, sobretudo, no ensino superior privado e a adoção do exame racionalizado com questões de múltipla escolha possibilitando a expansão de vagas e cursos. No entanto, segundo Whitaker (1983), essas mudanças além de permitirem a expansão, serviram como instrumento de distribuição de vagas dos alunos, ou seja, contribuíram, para a hierarquização das universidades e cursos.

A Lei e Diretrizes Bases da Educação (LDB), de 1961, reafirmou os critérios de seleção expostos acima, uma vez que estabeleceu que: “[...] a matrícula aos cursos de graduação seja facultada aos que concluíram o ciclo colegial ou equivalente e obtiveram classificação em concurso de habilitação. (VALLE, BARRICHELLO, TOMASI, 2010, p.398). Nesse mesmo viés, os critérios meritocráticos instituídos pelos exames de seleção ao ensino superior¹³ permaneceram ao ser estabelecido que os concursos deviam abarcar conhecimentos adquiridos durante o segundo grau¹⁴, de modo que fosse possível avaliar a aptidão intelectual dos estudantes para estudos superiores futuros.

Nesse cenário, até 1966, cada instituição era responsável pelo seu exame de vestibular. No entanto, com a expansão do ensino superior e, por conseguinte, o aumento da demanda de vagas os vestibulares passaram por um processo de unificação por área, como demonstrado por Pezzi (2002), sendo exemplos os casos do Centro de Seleção de candidatos às Escolas Médicas e Biológicas (Cescem), do Centro de Seleção de

¹² A Reforma Rocha Vaz, estabelecida pelo Decreto nº 16.762, em 1925, estabelece currículos para o ensino superior, além de instaurar o ensino seriado e a sistema classificatório nos exames vestibulares.

¹³ A partir da Reforma do Ensino Superior, de 1968, passam a ser chamados pela terminologia vestibulares.

¹⁴ Terminologia utilizada, na época, para o equivalente ao Ensino Médio atualmente.

candidatos às Escolas de Administração (Cesea) e Vestibular da Faculdade de Mauá, da Escola Politécnica e Faculdade de Engenharia Industrial (Mapofei). Já a partir de 1977, iniciou-se a tendência de unificação das áreas em um único vestibular que, no exemplo de São Paulo, passou a integrar a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) na qual uma mesma prova, na primeira etapa, é aplicada a todos os estudantes, independente da área que pretendem seguir. Essa unificação, como argumentado por Pezzi (2002), dividi opiniões, pois obriga os estudantes a dominarem, minuciosamente, os conhecimentos de todas as áreas do ensino médio, mesmo que depois não sejam necessários durante o ensino superior.

As políticas de expansão das universidades e a discussão acerca do próprio ensino médio e seus propósitos só foram retomadas, na década de 1990, acompanhando o processo de redemocratização do país. Junto ao processo de formulação da Constituição de 1988 assim como da nova LDB DE 1996, os rumos do ensino superior no Brasil se tornaram assunto de debate na sociedade civil, sobretudo com a participação dos movimentos estudantis e do movimento negro que pleiteavam, não apenas melhorias em relação ao acesso, mas também relacionadas à permanência e à qualidade das instituições. Desse modo, o que se discutia acerca do ensino médio, segundo Barros (2014, p.1073), estava relacionada à sua deficiência na formação dos estudantes e, ao mesmo tempo, a sua subordinação aos processos seletivos do ensino superior.

Nesse contexto, em 1998, criou-se o ENEM que tinha como objetivo uma avaliação geral e contextualizada dos estudantes do Ensino Médio e que, conforme um de seus idealizadores, Nilton Machado (2013, apud Barros, 2014), não foi criado para ser um exame de seleção e sim uma alternativa de avaliação do ensino médio. Nas primeiras edições a prova tinha pouca adesão entre os estudantes sendo feita, por exemplo, em 1998, por cento e quinze mil e seiscentos estudantes. Em 2001, a adoção da isenção de taxa para estudantes de escolas públicas contribuiu para a sua democratização, alcançando a marca de um milhão e duzentos mil inscritos. Mas foi em 2004, com a criação do Programa Universidade para Todos (PROUNI) que possibilitava a graduação em universidades privadas com financiamento público por meio da nota do Enem que o exame de seleção se popularizou entre os jovens que pleiteavam uma vaga no ensino superior.

Já no ano 2009-2010, acompanhando o Programa de Apoio e Planos de Reestruturação das Universidades Públicas (REUNI), foi criado o Sistema de Seleção Unificada (SISU) no qual os estudantes utilizam a nota do Enem para concorrer em até duas universidades ou cursos, em instituições de ensino superior público em todo Brasil.

No princípio muitas universidades utilizaram o SISU mesclado com seus próprios vestibulares por meio de separação de um percentual de vagas para o programa, ou ainda, utilizando a nota do Enem como primeira etapa de seu exame vestibular. A partir de 2012/2013 o Enem se tornou o maior e principal exame vestibular do Brasil sendo aderido por muitas universidades¹⁵ como o único mecanismo de seleção de candidato e atingindo, em 2016, o número recorde de nove milhões e duzentos mil inscritos. Além disso, até o ano de 2017, o Enem também podia ser utilizado por estudantes maiores de dezoito anos, que não haviam concluído o Ensino Médio, como forma de requerimento do diploma mediante a um rendimento mínimo. Outra possibilidade, firmada pelo governo federal, em 2014 e ainda existente através do Enem, é a utilização da nota para pleitear vagas de ensino superior em universidades de Portugal.

Muito embora essas mudanças no processo seletivo possam representar uma ampliação de possibilidades aos estudantes, principalmente relacionada à expansão do ensino superior no Brasil graças ao Reuni, não é possível dizer que o Enem possibilitou a democratização do acesso ao ensino superior. Segundo Hey (2009, apud Barros, 2014) a lógica de competitividade e de mercado permanecem mesmo que a proposta de prova parta do princípio de questões contextualizadas e com menor cobrança por teorias e fórmulas, uma vez que nem todos os estudantes que concorrem às vagas tiveram um ensino voltado ao Enem e muitos possuem condições menos favoráveis, não só em relação ao acesso ao ensino superior, mas também para a permanência nesse nível de ensino. “Logo, abrem-se mais as portas das melhores universidades brasileiras quanto mais bem preparados forem os egressos do Ensino Médio” (BARROS, 2014, p.1084). Ainda, segundo Pezzi (2002), a questão não está em quanto as escolas preparam ou não seus estudantes para esses exames, mas mais do que isso, o quanto elas estão preocupadas em formar sujeitos ativos em seus próprios processos de aprendizado. “Boas escolas não são aquelas onde se aprende muito e sim onde se adquire habilidade de aprender sempre. Afinal, o que aprendemos é a única coisa que não nos podem tirar. Quando as escolas começarem bem cedo a proceder desse modo, provavelmente não teremos os exames vestibulares. ” (PEZZI, 2002, p.69)

¹⁵ Podendo ser citadas como exemplo a UFMG, UFRJ, UFG, UFMA, UFAL, UFSCar entre outras.

1.3 A Indústria do Vestibular e o “Efeito Cursinho”

A preparação de estudantes para os exames de seleção ao ensino superior, por meio de cursinhos, não é algo novo. Muito pelo contrário, ela acompanha a própria história dos vestibulares no Brasil. Segundo Guimarães (1984), em 1925, com a reforma de ensino Rocha Vaz foram instaurados os primeiros cursos preparatórios para os estudantes ainda que considerados domésticos. Esses cursos, além de preparar os estudantes para as provas escritas, faziam um acompanhamento em relação às entrevistas e aos exames específicos de aptidão.

Com a expansão do ensino superior, na década de 1960 e a criação do sistema classificatório, os cursos preparatórios para os exames de seleção - os chamados “cursinhos”- começaram não só a se constituírem, mas a se tornarem uma indústria de formação. Segundo Guimarães (1984), em 1971, quando os estudantes chegavam ao terceiro ano do colegial e pretendiam frequentar cursos mais concorridos no ensino superior, como Engenharia e Medicina, consideravam os exames como um “problema” uma vez que a educação que haviam recebido, até então, era insuficiente para prepará-los para os exames. Desse modo, a alternativa que possuíam era se submeter a cursos complementares que funcionavam como um “adestramento” às provas de seleção que, por sua vez, funcionavam como “vestibular arrocho” à medida que quanto mais concorrido fosse, mais as provas cobravam a memorização e o aprendizado de detalhes sem a menor importância.

Nesse sentido, os cursinhos foram criados com a função de “cobrir” as deficiências do ensino regular e construíram sua própria lógica de funcionamento, como apresenta Guimarães (1984). De acordo com a autora, esses cursinhos se organizavam em uma pedagogia de memorização, baseada em aulas expositivas e treinamento intensivo na solução de questões de anos anteriores ou com questões elaboradas nos mesmos moldes, no que atualmente é conhecido como *simulado*.

Com o passar do tempo e a maior procura de estudantes por esse processo aconteceu também, como coloca Guimarães (1984), a inserção dos próprios colégios nessa lógica de preparação. Além de muitas redes de ensino, sobretudo privadas, adaptarem seus currículos às exigências das provas, em sentido inverso, muitos cursinhos se tornaram redes de ensino regular integrado. Diante disso tudo: “Se tomarmos os últimos vinte anos, a preparação [para os vestibulares] cresceu e se sofisticou a ponto de o treinamento ser hoje quase como uma linha de produção, em que sobressai a

massificação e o ritmo acelerado do processo preparatório. (GUIMARÃES, 1984, p.22, chaves nosso)

Isto posto, a autora demonstra – já em 1984 - como a preparação para os exames de vestibular estavam entrelaçadas as redes de ensino privadas, sejam elas de ensino regular ou de cursinhos. Nesse sentido, Guimarães (1984) argumenta que, a *derrota* no vestibular era encarada pelos estudantes como uma derrota individual quando, na verdade, não deveria ser. Segundo ela, apenas um quinto da população universitária no Brasil, na época -1984- era composta de estudantes pobres, sendo que, quando a renda familiar era de até dois salários mínimo apenas dois de cada 100 estudantes conseguiam alcançar o ensino superior, o que demonstra que: “[...] Ou seja, uma seleção socioeconômica antecede a seleção intelectual que o Vestibular propõe a fazer.” (GUIMARÃES, 1984, p.36).

Indo ao encontro do acima exposto, Whitaker (2010) argumenta que os cursinhos pré-vestibulares funcionam quase como verdadeiras *anomalias*. Segundo a autora, se de um lado esses cursinhos atestam a deficiência do ensino regular brasileiro em preparar estudantes para os exames de seleção do ensino superior, por outro, utilizam de metodologias consideradas pelos teóricos da educação como *antipedagógicas* e prejudiciais à formação. Com instrumentos de memorização e treinamento, os cursinhos: “[...] são ações pedagógicas dotadas apenas de “violência simbólica” (Bourdieu e Passeron, 1975) sem grandes preocupações com as descobertas no campo da aprendizagem, ligadas aos estudos científicos sobre Educação e sua epistemologia. ” (WHITAKER, 2010, p.290).

Além disso, segundo Whitaker (2010), a indústria do vestibular e dos cursos pré-universitários acabaram por criar o “*efeito cursinho*” que seria a relação entre a frequência em cursinhos comerciais e a aprovação em exames de vestibular. Segundo a autora, as maiores porcentagens de estudantes que alcançam o ensino superior frequentaram cursinhos pelo menos dois anos, sobretudo, quando observados cursos de prestígio, sejam esses estudantes oriundos de redes privadas ou públicas de ensino. Dessa forma, Whitaker (2010) argumenta, mesmo que muitos estudos da sociologia da educação, como o próprio trabalho de Guimarães (1984), refutem esse tipo de formação devido a sua metodologia de ensino, sua forma de lidar com o sucesso/fracasso escolar, ou ainda, pela indústria que se formou em torno dessa preparação, é necessário considerar a atuação e influência dessa *formação complementar* nas trajetórias escolares dos estudantes brasileiros.

1.4 Os Cursinhos Populares: Uma Possível Resposta à Indústria do Vestibular

Como alternativa à disputa *desigual* dos exames de seleção, que colocam estudantes de origens e de condições de formação diferentes disputando os mesmos processos de seleção, surgiram, na década de 1990, iniciativas populares de curso pré-vestibulares voltados a estudantes de camadas populares. Esses cursinhos, segundo Bachetto (2003), surgiram em um contexto de lutas por ampliações de direitos sociais, como propostas, tanto do movimento negro quanto do movimento estudantil, de construir mecanismos que possibilitassem a democratização do ensino superior no Brasil. Diante desse quadro, essas iniciativas não apenas criam cursos pré-vestibulares dentro e fora das Universidades, mas também participam de discussões relacionadas às isenções de taxas em vestibulares, às ações afirmativas e políticas de assistência estudantil.

Mesmo com especificidades, os cursinhos populares¹⁶, que surgem na década de 1990 e que atualmente atuam em diversas cidades e estados do país, possuem como característica comum o objetivo de preparar jovens de camadas populares para os exames de seleção do ensino superior a preços populares ou até mesmo gratuitos. Além disso, a maioria dos cursinhos populares possui uma preocupação de oferecer aos seus estudantes não apenas uma formação relacionada ao conteúdo das provas de seleção, mas também uma formação que seja crítica e formadora de cidadania: “[...] um movimento social, com caráter social, sem fins lucrativos e perspectiva antidiscriminatória e plurideológica, que luta pela democratização do acesso da população excluída à educação pública, gratuita e de qualidade.” (NASCIMENTO, 2003, p.45).

Para além desses objetivos, eles possuem muitas diferenças entre si, relacionadas à origem das instituições, vínculo ou filiação em relação ao local que funcionam, como também em relação à forma de organização, seleção dos alunos e vínculo de seus professores com o cursinho. Diante disso, para caracterizá-los, serão apresentadas a seguir algumas das suas principais características.

Em relação à origem, os cursinhos populares surgem de iniciativas, tanto de movimentos sociais, como de Organizações Não Governamentais (ONGS) e do movimento estudantil. As instituições que surgiram junto aos movimentos sociais são

¹⁶ Não há consenso acerca da forma como se denominam os cursinhos para camadas populares na literatura. Encontram-se também os termos; cursinhos militantes, cursinhos comunitários, cursinhos alternativos. Como opção de tratamento e pensando na forma pela qual os próprios cursinhos se denominam, na presente pesquisa será utilizada a denominação de cursinhos populares.

aquelas ligadas, sobretudo ao movimento negro, e possuem recorte racial ao reivindicarem o acesso da população negra aos bancos da universidade. Já os cursinhos ligados às ONGS e associações de bairro possuem caráter de voluntariado agindo mais como redes de solidariedade do que pautados pela militância. O terceiro local de surgimento dos cursinhos, o movimento estudantil, une talvez essas duas características; voluntariado e militância. Surgem dentro das Universidades Federais, sobretudo no sul e sudeste, como iniciativas de Diretórios e Centros Acadêmicos Estudantis (DCEs). São mantidos pelos próprios alunos de graduação e pós-graduação e, muitas vezes, consolidados como projetos de extensão das universidades das quais fazem parte. (BACCHETTO, 2003)

Entrelaçado à origem, estão os locais de funcionamento dos cursinhos. Segundo Bacchetto (2003), os cursinhos funcionam, na sua maioria, em locais públicos cedidos como: escolas, igrejas e barracões da comunidade. Além disso, muitos – principalmente os de origem nos movimentos estudantil- funcionam dentro das universidades o que permite aos estudantes um primeiro contato com o espaço universitário, antes mesmo de serem aprovados nos exames de seleção. Existem ainda alguns cursinhos que, ao longo do tempo e do desenvolvimento do trabalho, conseguiram arrecadar fundos e construir suas próprias sedes, como o caso do Curso Alberto Santos Dumont (CASD) desenvolvido por estudantes do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) que, em 2006, conseguiu construir sua sede própria, como relata Bernardes (2012).

A seleção, assim como a manutenção da infraestrutura, varia muito de acordo com as propostas de cada um dos cursinhos. Alguns possuem espécies de *vestibulinhos* com questões de múltipla escolha e redação para selecionar os seus estudantes, aliados a uma segunda fase de entrevistas e análises socioeconômicas, nas quais estudantes oriundos de escolas públicas e de camadas populares possuem prioridade. Em outros cursinhos – principalmente os ligados a movimentos sociais- a seleção, quando existente, se limita a questões socioeconômicas e raciais. Existem ainda, alguns que, quando o número de candidatos ultrapassa o número de vagas disponíveis, realizam sorteios. Do mesmo modo, a manutenção dos cursinhos acontece de maneira variada. Alguns são mantidos por doações e associações afiliadas, principalmente quando oriundos de ONGS. Outros são mantidos por arrecadações feitas pelos próprios membros e pelo auxílio dos movimentos sociais fundadores. Existem ainda alguns que cobram taxas de matrícula e de materiais e mensalidades simbólicas a fim de manter os custos e disponibilizar materiais pedagógicos aos estudantes. (BACCHETTO, 2003)

Em relação ao perfil dos estudantes alguns estudos, como os de Zago (2008), Piunti (2009), Nascimento (2009), Souza (2009), Filho e Lomânaco (2012) e Almeida (2016), demonstram regularidade em relação aos estudantes, mesmo em regiões e realidades diferentes. São em sua maioria jovens que cursaram o ensino básico em escola pública sem interrupções, mas com ensino médio aliado ao trabalho. Em relação à origem familiar, são de classes populares e com pais que exercem funções manuais. A maioria dos estudantes trabalha durante o dia e frequenta o cursinho à noite, por isso, como demonstra Filho e Lomânaco (2012), muitos dizem sentir falta de mais tempo para dedicação aos estudos. Outra característica presente é que a maioria dos estudantes não passou, ainda, por nenhum processo de seleção, mas acredita estar preparado após a frequência aos cursinhos. O que é importante salientar aqui, é que, mesmo com a crescente abertura e ampliação de vagas, o número de jovens de camadas populares que frequentam cursinhos populares ainda é limitado e não pode ser considerada, de maneira alguma, como “solução” para as desigualdades de acesso ao ensino superior.

Já o trabalho docente presente nos cursinhos populares é variado. Alguns cursinhos, como apresenta Bacchetto (2003), conseguem financiar salários ou gratificações ou auxílios como vale-transporte aos professores, mas a maioria conta com professores voluntários que exercem a função por “abraçarem” a causa defendida pelo movimento e por acreditarem estar contribuindo de alguma forma para a sociedade. Zago (2009, p. 257) apresenta, em um estudo acerca do trabalho docente em cursinhos populares, que o principal motivo da adesão dos professores pelo projeto está relacionado à sua história de vida e a identificação social que possuem com o público do cursinho. Além disso, as condições favoráveis de trabalho em relação ao ambiente e ao contato com os estudantes, como também a valorização profissional advinda, tanto dos estudantes como da possibilidade de poder contribuir para a diminuição das desigualdades escolares, são pontos relatados pelos professores como impulsionadores para a participação.

A abordagem pedagógica dos cursinhos é, em sua maioria, direcionada a uma aprendizagem que não se limite aos conteúdos pertinentes aos exames de seleção, mas que permita uma formação integral. A proposta é desenvolver, seja em disciplinas direcionadas- disciplinas de cidadania, atualidades e círculo de debates- seja ao longo do processo pedagógico, o pensamento crítico de seus estudantes, como também a promoção de cidadania. É fazer com que os estudantes se sintam sujeitos de direito e conheçam de perto o universo da universidade. Mendes e Rufato (2015) argumentam que a proposta pedagógica deles não pode ser desenvolvida ao modelo dos cursinhos comerciais. É

necessário dar um novo sentido a esses espaços, e tentar, de toda maneira, construir uma educação que não seja reprodutora, mas sim transformadora, segundo as autoras.

De maneira geral, esses cursinhos se apresentam como uma alternativa de preparação para jovens de camadas populares. No entanto, são ações pontuais que não podem ser acessadas por todos e não eliminam, de maneira alguma, as questões materiais e simbólicas que carregam a disputa meritocrática pelo acesso ao ensino superior no Brasil. Além de não conseguirem eliminar por completo as deficiências de formação de seus estudantes, esses cursinhos precisam lidar com jovens estudantes que nem sempre possuem condições materiais de se dedicarem exclusivamente aos estudos, além de não carregarem consigo o capital cultural e os conhecimentos necessários para lidarem com sucesso com as diversas possibilidades dentro do *jogo escolar*.

1.5 O Papel dos Cursinhos Populares no Jogo Escolar universitário

Haja vista as questões acima apresentadas acerca do jogo escolar e das desigualdades de acesso ao ensino superior construídas, não é possível tratar do papel dos cursinhos populares considerando apenas a preparação dos estudantes em relação aos conteúdos cobrados nos exames de seleção. Muito embora repassar o conteúdo pertinente a esses exames seja, indubitavelmente, o principal objetivo desses cursinhos é necessário considerar que somente isso não basta para o acesso ao ensino superior. É imprescindível que sejam trabalhadas com as estudantes questões que vão para além da sala de aula, a começar, como demonstra Mendes (2012), por fazer com que eles acreditem que a universidade pública é sim um espaço no qual podem e têm o direito de ocupar.

Diante disso, Mendes (2012) aponta que a ação dos cursinhos populares frente à indústria do vestibular precisa ser, antes de tudo, uma ação de emancipação humana. Segundo a autora, é preciso trabalhar com os estudantes a consciência reflexiva acerca das desigualdades que cercam o sistema de ensino de modo que tenham ciência do jogo escolar no qual estão participando e assim, consigam ponderar a questão do sucesso e fracasso escolar. Porquanto, de acordo com a autora (2012, p.136), quando o estudante está na sala de aula e sabe de sua condição de estudante vindo da escola pública, mesmo que tenha consciência que suas chances diante dos processos seletivos de acesso ao ensino superior são menores em razão da desigualdade escolar historicamente construída, mas que pode criar brechas, ou ainda, lutar para que isso seja superado, é o primeiro passo para que ele consiga acessar a universidade. Em outras palavras, é basilar que os alunos

construam uma *práxis*¹⁷ acerca dos processos de seleção ao ensino superior e assim consigam analisar um possível fracasso como algo sistêmico e não individual.

No mesmo sentido Mendes e Rufato (2015) argumentam, em outro texto, que se os cursinhos populares surgiram como iniciativas de resistência ou de alternativa à indústria do vestibular, não é plausível que funcionem como ela. Ou seja, é necessário que os cursinhos populares se construam de maneira distinta e que pautem suas práticas pedagógicas de forma diferente dos cursinhos privados sem utilizar, sobretudo, a ideia de conhecimento repetitivo e decorado próprio da indústria do vestibular, como apontado por Whitaker (2010). Prova disso, é a pesquisa desenvolvida por Almeida (2016) que ao investigar um cursinho popular que limitava suas práticas aos conteúdos cobrados no Enem, observou que a adesão dos estudantes era pequena, fazendo com que no fim do ano poucos estudantes permanecessem frequentes. Segundo a autora, durante as entrevistas que realizou, os alunos disseram que além de não conseguirem aprender em razão da forma como o cursinho era organizado, conheciam pouco do processo de seleção, se sentiam desmotivados e desinteressados e, por isso, tinham optado por abandonarem o cursinho. Por assim ser, a autora constatou que, “[...] os alunos, ao contrário do que ocorre nos cursos “com militância”, não apontam a inserção no Pré-Vestibular como um marco em suas trajetórias educacionais e/ou pessoais. ” (ALMEIDA,2016, p.100). Isto é, o cursinho estudado por Almeida (2016) que não tinha a preocupação em romper com a lógica da indústria do vestibular e se limitava a repassar conteúdos, não sanava outras deficiências de seus estudantes e, por conseguinte, foi avaliado como ineficaz por eles.

Outra contribuição dos cursinhos populares, que de certa forma os diferencia dos cursinhos comerciais, é a rede de solidariedade construída entre seus integrantes (professores, gestores e colaboradores em geral) e os estudantes assim como entre os próprios estudantes. Resistolato et.al (2013) demonstraram a importância da relação construída entre os professores e os estudantes de um cursinho, localizado na cidade do Petrópolis-RJ. Nessa pesquisa os autores analisaram como as conversas e as experiências compartilhadas durante o ano escolar, não apenas fazem com que os estudantes conheçam mais sobre a universidade, mas se sintam acolhidos e amparados. Todo ano no aniversário do cursinho, comemorado no segundo semestre letivo, acontece um evento de

¹⁷ A autora entende praxis, a luz de Paulo Freire (2005) como: [...] ação reflexão (reflito sobre as minhas condições, ajo para transformá-las, e reflito sobre as minhas ações e minha nova condição) ou ainda de ação- reflexão-ação (ajo sobre as minhas condições, reflito sobre a ação desenvolvida e ajo novamente a partir da reflexão empreendida) (MENDES,2010, p 134/135)

confraternização no qual egressos, professores e estudantes dão seu depoimento acerca do cursinho e como ele contribuiu para suas trajetórias pessoais. Nesse momento, os autores observaram que essa experiência demarca o percurso escolar dos estudantes representando uma mudança de perspectiva na vida deles, tanto individual como coletiva, uma vez que, ao mesmo tempo eles se sentem acolhidos e fazendo parte do cursinho, conseguem enxergar para além do que imaginavam para as suas trajetórias. “São momentos em que as trajetórias individuais são valorizadas, mas sempre associadas à trajetória coletiva do curso em Petrópolis” (ROSISTOLATO, et.al, 2013, p.11)

Destarte Souza (2009) observou, em sua dissertação intitulada “*O acesso à universidade e o destino social de ex-alunos de cursinhos populares*”, que o cursinho mantido pelo DCE da Universidade Federal de Campinas (Unicamp) havia funcionado para seus estudantes mais do que como uma ferramenta para que aprendesse os conteúdos necessários para os exames de seleção, mas também como uma *família de substituição*. De acordo com a autora, por meio da observação de uma comunidade formada em uma rede social por egressos do cursinho que agora cursavam a universidade, intitulada como *Órfãos do Cursinho do DCE* e através dos dados coletados em algumas entrevistas, foi possível constatar que os estudantes, uma vez na universidade, sentiam falta do apoio que tinham do cursinho. Com o objetivo inicial de investigar o significado que o cursinho teve na vida de seus estudantes, Souza (2009) verificou que as lembranças trazidas pelos estudantes estavam muito mais relacionadas à convivência e à socialização que tiveram durante o ano letivo, do que ligadas ao conteúdo específico aprendido nas aulas. O que foi apresentado nas narrativas dos alunos é que os professores se preocupavam em conversar sobre a universidade, passar informações acerca dos processos seletivos e incentivá-los a romper as barreiras socialmente impostas a eles. Sem contar a preocupação que possuíam em ampliar o capital cultural dos estudantes por meio da circulação de livros, idas em teatros e conversas sobre filmes, obras de arte e museus. Dessa forma, a autora aponta que:

[...] no fórum, o cursinho se apresenta como uma “família de substituição” na qual, para além dos conteúdos específicos, ele teria contribuído para incorporar comportamentos fundamentais que modificam o posicionamento do indivíduo em relação a si e ao seu posicionamento no mundo. (SOUZA,2009, p.48)

Além disso, o cursinho serve como base de estímulo e desenvolvimento da autoestima e confiança na capacidade de passar no vestibular, de fazer acreditar, tornando uma ideia, muitas vezes tão distante da realidade dessas pessoas, possível. O cursinho é uma via de aquisição de saberes indispensáveis, um lócus de socialização importante, que auxilia esses indivíduos a realizar seus investimentos escolares. (SOUZA, 2009, p.71)

Em outras palavras, o que Souza (2009) observou foi que o cursinho por ela estudado, além de contribuir com os estudantes na transmissão dos conhecimentos específicos cobrados nos exames de seleção, auxiliou em questões que também compõem o jogo escolar. Questões essas que vão desde a autoestima e a confiança de que são capazes de alcançar a aprovação nos processos seletivos, até mesmo informações sobre como a universidade funciona. Sendo que, aliás, os estudantes justificaram o nome da comunidade como “órfãos” porque disseram sentir falta dessa rede de apoio depois, quando já estavam no ensino superior e ainda assim, percebiam que não possuíam todos os capitais (culturais e sociais) necessários ao sucesso escolar naquela etapa de ensino.

Outra contribuição dos cursinhos populares, abordada por Kato (2011), é a ampliação do capital social de seus estudantes. De acordo com sua investigação, feita por meio da participação ao longo de setes anos nos fóruns de cursinhos populares na cidade de Ribeirão Preto, os cursinhos populares, sobretudo dois que ele escolhe estudar por funcionarem no interior de universidades públicas, atuam na ampliação dos capitais sociais e culturais dos estudantes. Tendo como base a teoria bourdieusiana a respeito da reprodução social e das desigualdades escolares, o autor apresenta a contribuição dos cursinhos populares no sentido de aproximar dos alunos a realidade da universidade que até então era distante deles. Segundo Kato (2011), o contato dos estudantes com os professores (que são universitários) possibilita a eles maiores informações acerca dos processos seletivos e das oportunidades existentes na universidade, fazendo com que eles adequem suas aspirações e construam estratégias possíveis como, por exemplo, escolhendo cursos de menor concorrência ou optando por carreiras que até então não conheciam. Diante disso, Kato (2011) conclui que os cursinhos populares buscam a ampliação do capital social e cultural de seus estudantes como maneira de superar as desigualdades existentes no acesso ao ensino superior no Brasil. “Superando a ideia conteudista, de acúmulo de informações, busca-se nesses núcleos amenizar desigualdades, principalmente por meio da ampliação do capital cultural e social e assim subverter algumas das amarras impostas pela primazia do capital econômico” (KATO, 2011, p.23)

Isto posto, é presumível apontar que a atuação dos cursinhos populares está para além da transmissão dos conteúdos específicos cobrados nos exames de seleção ao ensino superior, sobretudo o Enem. Essa atuação precisa dar conta, nem que seja minimamente, de questões que cercam as desigualdades de acesso ao ensino superior no Brasil como, acesso à informação, capital cultural, capital social, apoio entre outras, para que assim

consiga auxiliar os estudantes nos processos de seleção ao ensino superior. Dessa forma, o desafio da presente pesquisa foi investigar como o Equalizar contribui na trajetória de seus estudantes e como essa contribuição se dá no cotidiano do cursinho. De todo modo, é válido salientar que a principal contribuição desses cursinhos continua a ser a preparação relacionada aos conteúdos exigidos nos exames, mas que uma preparação apenas conteudista também não consegue por si só, garantir o sucesso dos estudantes.

2- EQUALIZAR: CONHECENDO O CURSINHO POR UM OLHAR DE DENTRO

A proposta, nesse capítulo, é apresentar o cursinho estudado, em suas diversas dimensões, desde a organização e a proposta pedagógica, até suas atividades dentro e fora de sala de aula. Utilizando de entrevistas realizadas com alguns integrantes do cursinho, presidente, quatro professores e dois membros da Núcleo Psicopedagógico, a ideia é mostrar como o cursinho se organiza, funciona e se mantém, a fim de conhecê-lo e assim, poder apreender sua contribuição para os estudantes, para além do conteúdo pertinente aos exames de seleção do ensino superior, em especial ao Enem.

2.1 Apresentando o Equalizar: Entrevista com o Presidente

A entrevista realizada com o presidente do cursinho teve como objetivo principal conhecer o Equalizar em sua organização, funcionamento e princípios que orientam sua atuação. Para tanto, as perguntas (disponíveis no Apêndice I) versaram conhecer a realidade administrativa e organizacional na qual o cursinho se constrói. Dessa maneira, serão apresentadas e discutidas, a seguir, algumas de suas características que serão complementadas com informações retiradas no próprio endereço eletrônico do Equalizar¹⁸, com o intuito de apresentar e aproximar da realidade na qual o objeto de estudo da presente investigação está inserido e assim contribuir na análise das questões observadas.

2.1.1 A História

O Equalizar surgiu, em 2013, como iniciativa de jovens estudantes universitários do curso de Engenharia Química, da UFMG. Segundo o presidente, a ideia de criar um cursinho gratuito para jovens de camadas populares, surgiu de três amigos da Engenharia Química¹⁹ que possuíam a vontade de realizar algum trabalho voluntário, no sentido de retribuir para a sociedade o privilégio que possuíam de estudar em uma universidade pública e ter acesso a um ensino de qualidade. Diante disso, construíram o Equalizar que primeiro era composto apenas por estudantes de Engenharia Química que só ministravam aula de Ciências da Natureza. Logo depois, o projeto ficou conhecido e mais estudantes de outros cursos aderiram à ideia, possibilitando que tivessem todas as disciplinas que

¹⁸ Endereço eletrônico disponível em: <http://www.equalizar.org/>. Acessado em: 5/10/2017

¹⁹ Os nomes dos estudantes fundadores do Equalizar estão disponíveis no endereço eletrônico: <http://www.equalizar.org/>

compõem a matriz curricular do Enem.²⁰ Além disso, em 2015, houve a criação do curso preparatório pré-técnico²¹ que prepara estudantes do nono ano do ensino fundamental ou egressos dessa etapa de ensino que querem prestar exames de seleção para escolas técnicas, de nível médio federais, tais como o Colégio Técnico da UFMG (Coltec) e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet).

A origem do Equalizar vai ao encontro da origem dos primeiros cursinhos populares surgidos, como demonstra Bacchetto (2003), na década de 1990. Eles são construídos como iniciativas de jovens que reconhecendo sua situação de privilégio por estarem em universidades públicas de prestígio, resolvem se organizar de forma que consigam intervir na sociedade de forma direta, contribuindo para o acesso ao ensino superior pelas classes socialmente excluídas e assim, retornando à sociedade o privilégio que lhes é dado. O que, se relacionado ao estudo de Souza (2008) a respeito da participação dos jovens na sociedade, demonstra que ações de intervenção direta na sociedade, propostas por jovens com vistas à transformação social, como essa revelam uma tendência da juventude contemporânea em buscar meios de ações políticas que estão para além, e muita das vezes, até mesmo são contrárias às formas tradicionais de fazer política. Demonstrando assim, uma juventude preocupada em transformar a sua realidade social e a de seus pares, mas sem necessariamente estarem relacionados às instituições como partidos políticos, ou mesmo, atuando em campanhas eleitorais.

"Poxa a gente tem tanto privilégio de estar na UFMG, a gente tem tanto privilégio de ter acesso a uma educação boa, de qualidade, gratuita, poxa... (pequena pausa) outras pessoas poderiam, podem carecer disso, podem querer isso. Por que a gente não ajuda essas pessoas?! Aí começou a surgir aquele, começaram a ter “insights”, começou a ter aquela fagulha, aquela faísca, até que então... [...]" (PRESIDENTE DO EQUALIZAR, 2017).

Já em relação ao histórico de aprovações dos estudantes nos exames de seleção ao ensino superior, nos anos anteriores, o Equalizar disponibiliza uma lista de aprovações em seu endereço eletrônico, na qual, conforme apresentado na Tabela 1²² abaixo, já

²⁰ Língua Portuguesa (dividida em literatura, gramática e redação), Espanhol, Inglês, História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Matemática, Química, Física, Biologia, História da Arte.

²¹ Esse cursinho também funciona na UFMG.

²² A Tabela foi feita baseada nos dados disponíveis no site <http://www.equalizar.org/>, por meio de uma lista de aprovações. Essa lista, segundo o Presidente do cursinho, é feita baseada nas informações de ex estudantes e nem sempre contempla todas as aprovações. Se um estudante for aprovado e não os comunicar (diretoria e assessoria de comunicação) eles não conseguem divulgar a informação. Na Tabela foram contadas também como mais de uma aprovação quando o mesmo estudante foi aprovado em mais de um processo seletivo.

somam mais de 100 aprovações em universidades públicas e privadas. Dentre essas aprovações tem, por exemplo, no ano de 2016, cinco aprovações em Medicina, sendo três em universidades públicas e duas em privadas com bolsas integrais e no ano de 2015, três aprovações em cursos de medicina em universidades públicas.

Tabela 1. Aprovações dos estudantes do Pré- Enem – Equalizar em Universidades Públicas e Privadas de 2012 a 2016

Aprovações			
Ano	Univ. Públicas	Univ. Privadas	Total
2016	19	8	27
2015	26	6	32
2014	20	12	32
2013	17	28	45
2012	0	1	1
Total	82	55	138

Fonte: Elaboração própria com base nos dados disponíveis no site equalizar.org

Além do que, segundo o Presidente, o retorno dado pelos ex-estudantes em relação à contribuição do cursinho é positivo, tanto em relação ao processo seletivo quanto, indo além, relacionando com uma contribuição para suas vidas como um todo:

É sempre, principalmente na aprovação, é sempre de choro, choro de felicidade, de alegria, de agradecimento, de “poxa vocês mudaram minha vida” ouvi um aluno “poxa, vocês mudaram minha vida, poxa vocês melhoraram minha vida” é algo assim que, é algo que (emoção na fala) que eu até arrepio quando eu falo, e é algo que... É algo que move a gente! É paixão pelo que a gente faz, é paixão em transformar, é paixão por fazer e buscar essa diferença que a gente quer ver no mundo. (PRESIDENTE DO EQUALIZAR, 2017).

2.1.2 Organização

Apesar de funcionar como Projeto de Extensão da UFMG e ter uma professora da instituição responsável, intitulada pelos integrantes do cursinho como professora conselheira, o funcionamento e a gestão são feitos majoritariamente pelos próprios estudantes universitários,²³ divididos em quatro macro áreas de funcionamento, sendo elas; a Diretoria de Presidência, Diretoria de Recursos Humanos, Diretoria de Comunicação e Diretoria Pedagógica. A Diretoria de Presidência fica responsável em resolver questões administrativas, como relação institucional com a Universidade para conseguir insumos e garantir infraestrutura para que as aulas e atividades do cursinho

²³ O cursinho conta com estudantes tanto de graduação como da pós-graduação.

aconteçam (salas de aula, equipamentos), além de controlar o setor de finanças e de estabelecer e gerir as parcerias com outras instituições, para auxílio no funcionamento do cursinho.

Já a Diretoria de Recursos Humanos, fica responsável pelos processos seletivos dos membros do cursinho, sendo eles desde os integrantes responsáveis por atuar na parte administrativa, quanto os monitores, professores, gestores²⁴ e a equipe psicopedagógica, assim como na captação de “capital humano”²⁵ para manutenção e funcionamento do Equalizar. Outra função, atribuída a essa diretoria, é a garantia do clima organizacional favorável para o desenvolvimento das atividades, através de cursos e Workshops de capacitação, para os membros do cursinho, com o intuito de aprimorar a atuação individual e coletiva de cada membro.

A Diretoria de Comunicação tem como função fazer a comunicação interna dos membros nas redes sociais e nos canais de comunicação utilizados para circulação de informações, notícias e demandas do cursinho, assim como a comunicação externa com o público alvo, no caso, tanto a comunidade da UFMG como os estudantes através do endereço eletrônico oficial e das redes sociais. Outra função da Diretoria de Comunicação é garantir que todos os documentos relacionados ao cursinho possuam um layout próprio e uma padronização.

Por fim, a Diretoria de Pedagógica, fica responsável tanto pelo relacionamento com os estudantes quanto pela organização pedagógica do cursinho. É de responsabilidade dessa diretoria o contato direto com os professores e suas demandas, a organização das monitorias, dos materiais didáticos e das aplicações de simulado e também o acompanhamento dos estudantes, sobretudo, por meio do Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP), verificando o engajamento e a satisfação dos estudantes em relação ao cursinho. O NAP possui também o papel de prestar assistência, não só pedagógica, mas psicológica, aos estudantes, realizando desde atendimentos psicológicos clínicos (quando necessários), quanto auxiliando os estudantes na organização de horários de estudos, trabalhando a ansiedade e promovendo atividades extracurriculares de relaxamento e interação.

²⁴ Os gestores são, na verdade, integrantes eleitos para tais cargos. São, por exemplo, professores que durante uma gestão ocuparão a Coordenação de comunicação, ou então, um monitor que ficará no cargo de Coordenador Pedagógico.

²⁵ Termo utilizado pelo Presidente do Cursinho, em entrevista concedida.

2.1.3 Processo Seletivo

Segundo o Presidente, devido a procura pelo pré-Enem ser muito maior do que o que eles conseguem suportar - atualmente o cursinho conta com duas turmas de 40 estudantes-, chegando até a seis vezes mais que o número de vagas é necessário realizar, anualmente, o processo seletivo de estudantes. Essa seleção conta com edital divulgado no endereço eletrônico do cursinho e compartilhado nas redes sociais, no qual possui todas as informações para a seleção. De acordo com o edital de 2017, para concorrer a uma vaga no cursinho os alunos deveriam:

- a) Estar cursando ou ter cursado em escola pública municipal ou estadual durante todo o ensino médio.
- b) Estar com o ensino médio concluído no máximo em dezembro de 2017.
- c) Possuir renda familiar bruta mensal per capita que não exceda o valor de 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo. (EQUALIZAR, 2017, p.2)

Baseado nesses requisitos supracitados, o exame de seleção contou com quatro etapas realizada na seguinte ordem: inscrição, prova objetiva, análise socioeconômica e matrícula. Na primeira etapa, os estudantes deveriam realizar as inscrições, em uma plataforma online, e pagar o valor de R\$ 15,00 (quinze reais) para custear o processo seletivo. Na segunda etapa realizaram uma prova de conhecimentos, relacionados às disciplinas de Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia e História lecionadas no Ensino Médio, contendo sessenta questões de múltipla escolha e uma redação dissertativo-argumentativa. De acordo com as notas obtida na prova objetiva, foram classificados 180 estudantes e, somente desses alunos, foram consideradas e corrigidas as redações. No edital constava um Anexo no qual fornecia os programas de cada uma das disciplinas que seriam exigidos na prova.

Já a terceira fase da seleção, consistia na comprovação da situação socioeconômica familiar, relatada no momento da inscrição, por meio de uma lista de documentos divulgadas no endereço eletrônico do cursinho que deveria ser entregue no momento da matrícula. Caso algum estudante não conseguisse comprovar sua situação declarada era automaticamente desclassificado. Além disso, estudantes que haviam cursado parte ou integralmente o ensino médio em escolas privadas, com ou sem bolsas, federais, técnicas ou militares, assim como estudantes que já tivessem cursado algum curso superior ou abandonado o cursinho em anos anteriores, durante o ano letivo, não estavam aptos a participarem da seleção.

Diante dessas características do processo seletivo, é possível analisar duas questões. A primeira delas é que indo ao encontro de uma característica dos outros

cursinhos populares, como demonstra BACCHETTO (2003), o Equalizar também exige que seus estudantes comprovem a trajetória escolar em escolas públicas, sobretudo durante o ensino médio, como também a origem socioeconômica de classes populares.

Outra questão é que se consideramos o fato de haver um processo de seleção, assim como a necessidade de que os estudantes dediquem, pelo menos, o período da noite para o cursinho, é possível apontar²⁶ que não são quaisquer jovens de camadas populares que frequentam o cursinho. Se considerarmos que, segundo o presidente, a média é de seis estudantes disputando a mesma vaga, os jovens que conseguem passar por esse processo de seleção, são jovens que desenvolveram trajetórias anteriores de sucesso e de linearidade escolar. Utilizando a teoria de Bourdieu (2015), são jovens que, possivelmente são super selecionados de sua camada social que de alguma forma já se destacam na vida escolar antes mesmo do cursinho. Em outras palavras, mesmo atendendo as camadas populares, os cursinhos populares não conseguem atingir a todos os estudantes de origem socioeconômica vulnerável. Quem tem acesso a essa etapa de ensino são jovens que, por razões diversas, já conseguiram se destacar em suas trajetórias escolares na educação básica.

2.1.4 O Dia a Dia do Cursinho

O cursinho Pré-Enem funciona de segunda a sexta, no período da noite e aos sábados pela manhã, na própria Faculdade de Engenharia da UFMG. Com aulas de cinquenta minutos para cada disciplina, organizadas em uma grade de horários previamente divulgada para os estudantes e com intervalo de vinte minutos entre a terceira e quarta aulas, os estudantes têm acesso aos conteúdos exigidos pelos exames de seleção, sobretudo o Enem. Durante as aulas, os professores expõem conteúdos e dicas de questões anteriores dos processos seletivos, além de passar e corrigir listas de exercícios disponíveis no ambiente virtual para complementação de estudos, disponíveis para os alunos no endereço eletrônico do cursinho.

O fato do Equalizar acontecer dentro da Universidade é avaliado, pelo Presidente, como um importante fator motivacional para os estudantes. Segundo ele, o contato que eles têm com o universo acadêmico- que para a maioria é o primeiro- lhes dá mais vontade de prosseguir nos estudos e se engajarem para que, no ano seguinte, estejam frequentando

²⁶ Fato reafirmado pelos questionários aplicados e apresentados no capítulo 3 da presente pesquisa.

a universidade enquanto estudantes de graduação de fato, com número de matrícula e com direito de frequentar espaços que, ainda lhes são negados, como o Restaurante Universitário e a Biblioteca. Nessa mesma fala, ele diz que alguns estudantes se sentem um pouco retraídos pelo fato de estarem na UFMG e não serem ainda oficialmente estudantes, mas o contato com outros estudantes empolgados e o cotidiano, logo lhes trazem a familiarização.

Esse relato nos traz uma questão importante, de como a questão subjetiva de frequentar, circular e se aproximar da universidade, ainda que para frequentar o cursinho, traz a esses estudantes a oportunidade de contato com um universo até então desconhecido por muitos e que, por assim ser, pode funcionar como um aspecto de impulso para que eles se esforcem para a entrada na universidade. Além disso, revela uma questão do próprio capital cultural deficiente desses estudantes, no sentido de até então não conhecerem e nem mesmo imaginarem como funciona a universidade e os diversos serviços que ela pode oferecer. Enquanto para outras classes, como demonstra Nogueira (2011), em um estudo a respeito de filhos de camadas médias intelectualizadas, mais especificamente de filhos de professores universitários, o universo acadêmico e a lógica pela qual a Universidade funciona já são questões familiares e naturalizadas para os jovens dessas camadas sociais, nas camadas populares, como no caso dos estudantes do Equalizar, o espaço da Universidade seja físico ou simbólico é distante e desconhecido de suas realidades sociais.

Os professores do cursinho (que são estudantes de graduação ou pós-graduação), proporcionam aos estudantes, como apresenta Kato (2011), uma ampliação de capital social uma vez que, ampliam suas relações sociais rentáveis dentro da universidade. Prova disso, é o relato do Presidente, em relação à ajuda que os professores dão aos alunos, tanto na escolha dos cursos e profissões, tirando dúvidas em relação a grades curriculares, perspectivas de carreiras entre outras coisas, como também esclarecendo curiosidades em relação à própria dinâmica do funcionamento da universidade. Sem contar que, segundo ele, os estudantes acabam se tornando amigos dos professores e depois, quando se tornam calouros, utilizam dessa proximidade, para esclarecerem dúvidas referentes ao cotidiano da universidade, como locais específicos de algum órgão interno desconhecido, dinâmicas das aulas, disciplinas e, até mesmo, no empréstimo de materiais para as disciplinas que irão cursar.

Além das aulas, o cursinho conta com monitorias e atividades extracurriculares para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, segundo o presidente. As

monitorias acontecem no período da tarde, um pouco antes do início das aulas e as atividades extracurriculares são previamente agendadas com os estudantes. Essas atividades vão desde aulões temáticos, organizadas e lecionadas pelo NAP relacionados com temas da atualidade e da realidade dos estudantes, até mesmo visitas guiadas a laboratórios da própria UFMG e viagens de campo.

2.1.5 Parcerias

Uma das estratégias, utilizadas pelo cursinho para custear o seu funcionamento, assim como conseguir melhorias e atividades complementares para os estudantes, são parcerias com algumas instituições públicas e privadas, que vão desde o fornecimento de materiais a até mesmo o atendimento a estudantes que não conseguem ser aprovados no processo seletivo do Equalizar.

Dentre elas, tem a parceria feita, por exemplo, com uma rede privada de cursinhos, mas de baixo custo, que oferece desconto aos estudantes não aprovados no processo de seleção do Equalizar. A parceria funciona de modo que o Equalizar divulga esse cursinho para os estudantes reprovados e esses estudantes ganham isenção na matrícula e descontos na mensalidade e material. Além disso, esse cursinho privado fornece ao Equalizar todos os pinceis e recargas necessárias para o andamento das aulas e participam do Programa “Adote um Aluno”.

Essa proposta do programa “Adote um Aluno” é desenvolvido pelo Equalizar, desde 2015 e têm como objetivo, por meio de adoções solidárias, custear os valores mensais de transporte para estudantes que não possuem condições de arcar com esse custo. Segundo o Presidente, a questão financeira e a dificuldade de custear gastos como esse é uma das dificuldades dos estudantes e, muitas das vezes, um dos motivos para a evasão. Dessa forma, a ideia de criar o programa vem como alternativa para sanar a dificuldade de financiar o transporte, uma vez que esses estudantes não possuem direito ao passe estudantil.

Outras duas parcerias desenvolvidas pelo cursinho são com plataformas de estudos online. Uma destinada a estudos relacionados ao Enem e vestibulares e outra para estudantes universitários de cursos que envolvem disciplinas de exatas. A primeira delas fornece ao cursinho uma conta Premium em sua plataforma, na qual é disponibilizada a

todos os estudantes acesso ao material de estudo²⁷ disponível nessa conta. Desse modo, os estudantes conseguem ser ativos em seus processos de aprendizagem. Sendo possível, não apenas acessar exercícios e atividades, mas também vídeo aulas e conteúdo de reforço.

Já a parceria com a segunda plataforma, disponibiliza para os integrantes do cursinho que são estudantes de graduação da área de exatas ou mesmo ex-alunos do cursinho, que seguiram em cursos nessa área, materiais de estudo e apoio para as disciplinas que envolvem cálculos durante a graduação. Essa última parceria revela que o cursinho auxilia os estudantes não apenas no período de preparação para a universidade, mas também após esse período, quando os estudantes já estão na graduação. Como demonstra Souza (2009) os cursinhos pré-vestibulares populares, não só preparam os estudantes para o processo de seleção, mas, sobretudo, para o ingresso e a permanência na Universidade. Nesse caso, indo além e auxiliando os estudantes até mesmo durante o curso de graduação. Outrossim, o cursinho possui parceria com uma gráfica que fornece impressões a preço de custo não cobrando nem manutenção, nem o aluguel da máquina utilizada.

Para além do custeio das atividades do cursinho, algumas parcerias permitem atividades extracurriculares para os estudantes, como a parceria que possuem com uma escola de dança, de Belo Horizonte, que fornece aulas de forró, aos sábados, para toda a comunidade do cursinho. Como também, as parcerias feitas com Escolas e Faculdades da própria UFMG que permitem a realização de visitas guiadas a laboratórios, Workshops, e até mesmo a orientação profissional para os estudantes.

De maneira geral, essas parcerias são os meios encontrados pelos membros do cursinho, sobretudo pela diretoria, para que o Equalizar consiga manter suas atividades e forneça aos estudantes oportunidades para além das salas de aula, conforme relata o Presidente em entrevista.

2.1.6 Proposta Pedagógica

Apesar de não ser uma das questões centrais perguntadas durante a entrevista, algumas questões em relação à proposta pedagógica do cursinho foram apresentadas pelo Presidente. Com efeito, não apenas em relação à proposta pedagógica em si, mas também

²⁷ O material disponibilizado vai desde vídeo aulas com os conteúdos dos exames de seleção a simulados, listas de exercícios e estratégias para a resolução de questões e utilização do tempo durante as provas.

em relação aos princípios que norteiam o seu funcionamento e sua existência como um todo.

Segundo o Presidente, o Equalizar funciona como uma organização totalmente gratuita, baseada no voluntariado de seus membros que trabalham orientados pela perspectiva de que:

[...] a educação deve ser de qualidade e que a gente pode impactar a vida de mais pessoas, mudar a vida de mais pessoas dessa forma levando uma educação gratuita, de qualidade, transformando realidades, fazendo com que eles sejam sujeitos de transformação. E aí (pequena pausa) para que eles tenham o comportamento ético nesse processo democrático de emancipação de sujeitos, de emancipação humana. [...] Emancipação, a libertação, digamos assim, é fazer com que eles sejam donos, sejam seres, sejam (pequena pausa) responsáveis pelas próprias ações e tenham e sejam assim realmente ativos na sociedade. (PRESIDENTE DO EQUALIZAR, 2017).

Isto é, o seu objetivo principal é uma educação para além da aprovação nos exames de seleção. É uma educação para a vida e que traga aos estudantes a ideia de emancipação, de autonomia e independência perante o mundo. Princípios esses convergentes aos dos demais cursinhos populares e que, aliás, se configuram como uma das principais diferenças deles em relação aos cursinhos “comerciais”.

Segundo Mendes e Rufato (2015), os cursinhos populares não podem seguir a lógica reprodutora da indústria do vestibular. É necessário desenvolver uma educação que não se limite a repassar conhecimentos nos moldes dos cursinhos comerciais, que segundo Whitaker (2010, p.290), possui metodologia de ensino relacionada à simples memorização com aulas-show, que não permitem espaços para debates, construções de críticas e mobilizações de esquemas de memorização. Pelo contrário, é necessário desenvolver uma educação que faça sentido para esses estudantes, que os aproxime do conteúdo e, mais que isso, os permita assimilar os conteúdos. Segundo o Presidente do Equalizar, uma das estratégias desenvolvidas por eles para que a aprendizagem seja alcançada é a ideia de educação pela arte, pelo lúdico, por meio de atividades extracurriculares e dinâmicas como as visitas técnicas, as aulas temáticas com filmes e as trocas de experiências dentro e fora de sala entre professores e alunos. Estratégia essa, como apresentado por Magalhães (2017) utilizada por outros cursinhos populares, seja em atividades extracurriculares, rodas de conversa ou momentos de interação.

Associado a essa proposta, de uma educação diferente das propostas pelos cursinhos comerciais, está a questão do não incentivo e, até mesmo, a coibição à ideia de competitividade entre os estudantes. Uma prática, muito comum entre as redes privadas

que preparam os estudantes para o vestibular são alusões simbólicas, durante as aulas, sobre a competição dos exames de seleção, ou mesmo, rankings de notas e de classificação durante simulados, como também dizeres nas camisetas e propagandas midiáticas como “A sua vaga é minha” ou “Se prepara para curtir minha aprovação”²⁸ que incentivam a competição, não apenas entre os estudantes do próprio cursinho, mas também com os demais estudantes que estão passando pelo processo de seleção. Esse tipo de competição não é incentivado no Equalizar, segundo o Presidente. Como ele relata, pelo contrário, é construída uma rede de solidariedade entre os estudantes, criando uma metodologia educacional de ajuda mútua entre eles:

É.. A ideia, a gente sempre preza pelo... (pausa) princípio da abundância e não da escassez, no sentido que todos aqui não têm motivo deles estarem competindo entre si. [...] imagina eu como aluno meu concorrente, eu aluno..., meu concorrente não é meu amigo, meu concorrente sou eu mesmo. Então a gente busca com os alunos sempre que eles nutrem esse sentimento de que eles tão aqui juntos para que eles sejam aprovados juntos. [...] então a gente faz, a gente busca fazer com que os próprios alunos, através dessa ideia de educação ativa que eles têm noção realmente da participação deles e de como eles podem ajudar uns aos outros. (PRESIDENTE DO CURSINHO, 2017).

Outra questão relacionada aos princípios que norteiam o cursinho são o compromisso e a responsabilidade de seus integrantes. Por ser um trabalho voluntário, ao fazerem a seleção para novos integrantes - independente da função que irão exercer - possuem a preocupação em verificar não apenas a preparação técnica dos candidatos, mas também a disponibilidade e a convergência de valores em relação à proposta de educação e a ideia de voluntariado do grupo. Destarte, possuem uma preocupação em relação à responsabilidade que a instituição possui, uma vez que o cursinho lida, utilizando as palavras do presidente, com as expectativas dos estudantes e, por isso, precisam ter ciência de que não podem “brincar de fazer social”.

Assim, o cursinho possui uma preocupação em manter uma gestão a mais democrática e dialogada possível, prezando pela horizontalidade das decisões. Quando algo precisa ser decidido, por exemplo, o Presidente relatou que todos os membros das diretorias votam, assim como todos participam dos processos seletivos e a presidência tem duração de um ano, sendo escolhida por votação. Dessa forma, eles utilizam o princípio de que nenhum integrante do Equalizar é mais importante que outro, pelo contrário, todos precisam estar em pleno funcionamento para as atividades fluírem.

²⁸ Frases retiradas de camisetas disponíveis na internet.

Nesse mesmo sentido, prezam pela ideia de duplo impacto, que de acordo com o Presidente, é “Que a gente consiga desenvolver positivamente os nossos alunos, que é claro o nosso grande objetivo, mas que também a gente consiga desenvolver os nossos membros.” A ideia, segundo ele, é que os integrantes consigam sair do Equalizar melhor do que entraram. Consigam se desenvolver como pessoas, desenvolvam sua inteligência emocional, suas capacitações, e também seu lado técnico:

Então eu acho que esse é o que a gente acredita, o que a gente busca realmente, fazer com que todas as pessoas envolvidas no Equalizar sejam membros ou voluntários... Sejam alunos ou voluntários que eles tenham é..... Que todos tenham sua autonomia, que sejam realmente independentes para atuar, mas é isso. Autonomia gera independência e independência gera responsabilidade. (PRESIDENTE DO EQUALIZAR, 2017).

2.2 Da Sala de Aula ao Contato com a Universidade: Ouvindo os Professores

Nessa seção, serão apresentados dados das entrevistas feitas com quatro professores do cursinho estudado na presente pesquisa. A escolha, por esses docentes, se deu por meio do critério de área de conhecimento, sendo entrevistados, portanto, uma professora de história (ciências humanas), uma professora de física (ciências da natureza), um professor de língua portuguesa (linguagens) e um professor de matemática. As entrevistas foram realizadas por meio de roteiros abertos (disponíveis no Apêndice II), que versaram sobre questões relacionadas, tanto à motivação e contribuição do cursinho às suas trajetórias pessoais, como o desenvolvimento dos estudantes e das relações tecidas com eles. Em vista disso, o conteúdo das entrevistas supracitadas, será apresentado considerando quatro principais questões: experiência docente, cotidiano do cursinho, desenvolvimento dos estudantes e relações professor e aluno.

2.2.1 Experiência Docente no Cursinho

Os cursinhos populares, sobretudo os que estão localizados no interior das universidades, se revelam como uma oportunidade para muitos estudantes universitários terem contato com a docência. Como no Equalizar, de maneira voluntária, estudantes, sejam de graduação ou pós-graduação se dedicam às atividades de docência como atividade extracurricular, conciliando assim, tanto a vontade de participar de uma atividade de prestação de serviço à comunidade, quanto o desejo de iniciar a experiência

docente. Esses estudantes não são, necessariamente, graduandos e/ou pós-graduandos de licenciaturas, existindo professores das diversas áreas do conhecimento, tais como das engenharias, das áreas da saúde entre outros, que mesmo não tendo como objetivos profissionais seguir a carreira docente, se sentem motivados pela experiência de lecionar durante a graduação e/ ou pós-graduação.

Não obstante, em relação aos professores entrevistados, é possível dizer que dois são os maiores motivos que os levaram a se candidatar ao cargo de professores do cursinho: vontade de lecionar e identificação com os objetivos do projeto. O desejo de lecionar apareceu nas entrevistas de todos os professores, sendo eles ou não de cursos da licenciatura. O professor de português e a professora de história disseram que mesmo sendo de cursos de licenciatura e já estarem no fim do curso – no caso do professor de português - e na pós-graduação – no caso da professora de história, sentiam que o estágio docente obrigatório não era suficiente para a formação enquanto professores e, por isso, o interesse pelo Equalizar. Segundo eles, a possibilidade de assumir uma turma e lecionar conteúdos relacionados ao Enem durante um ano, mesmo que não sendo uma etapa regular da educação básica, proporcionou um maior contato com o cotidiano do trabalho docente.

Já a professora de física e o professor de matemática que não eram licenciandos disseram se motivarem a participar do cursinho por uma oportunidade de contato com a docência que não teriam em seus cursos. A professora de física, por exemplo, disse que pretendia seguir a carreira acadêmica e que até então não havia lecionado, e viu no cursinho uma possibilidade de iniciar esse trabalho. Já o professor de matemática, disse ser muito tímido e que, apesar de já ter trabalhado com aulas particulares possuía dificuldade de falar em público vendo, portanto, no cursinho, uma oportunidade de trabalhar essa deficiência.

Aliado a isso, todos os professores disseram que a procura pelo cursinho estava também relacionada à identificação com o projeto, bem como à necessidade de fazer algum trabalho voluntário. Segundo eles, a proposta do Equalizar em ajudar estudantes de camadas populares, oriundos de escolas públicas a se preparem para o Enem, seria uma forma de retribuírem o privilégio que possuíam em estudar em uma universidade pública de excelência. Outra questão recorrente nas falas é a necessidade que sentiam em fazer alguma ação efetiva e direta na sociedade como forma de contribuição por uma sociedade melhor.

Então.... Eu já tava indo pro 5º período na faculdade e eu queria logo começar a ter uma experiência docente. Então eu achei que a porta de entrada seria começar como monitor e logo outras portas foram se abrindo e deu certo. (Professor de Língua Portuguesa).

Então assim, eu tinha isso muito forte, que se eu não tivesse a oportunidade de fazer um cursinho a chance de eu ter passado na UFMG, no curso que eu queria, teria sido muito pequena. Aí eu acho que trabalhar no Equalizar, dar aula no Equalizar seria uma forma, mesmo que bem pequena, de conseguir retribuir um pouco isso (Professor de Matemática).

Essa motivação referente à vontade em “ajudar” e a identificação com a proposta de contribuir na formação de jovens de camadas populares e na ampliação do direito à educação, são relatadas por Zago (2009, p.261), como os principais fatores de mobilização dos professores para participarem dos cursinhos populares. Segundo a autora, em um estudo realizado a respeito do trabalho docente em um cursinho popular, na cidade de Florianópolis- SC, os docentes possuíam origens sociais semelhantes aos dos próprios estudantes e por isso viam na docência voluntária, nessa modalidade de ensino, uma forma de aliar as experiências do magistério e uma atividade de cunho social. Além disso, mesmo que de forma não explícita, a atuação nos cursinhos populares se configurava como uma forma de militância/luta por uma educação voltada, não apenas para os exames de seleção, mas para a humanização dos sujeitos, para vida.

Diante disso, Zago (2009, p.263), afirma se formar uma espécie de “missão docente”, uma vez que o voluntariado e a atuação docente, perseguindo as causas supracitadas, são recompensadas por meio do reconhecimento e gratidão do alunado em relação aos professores. Sentimento esse também motivador para os professores do Equalizar que dizem ser o crescimento e amadurecimento dos alunos, ao longo do ano, uma de suas maiores recompensas. Ou ainda, como relatado pela professora de física, a relação construída por afeto de ambas as partes e de crescimento mútuo, tornam à docência no cursinho gratificante:

O Equalizar, eu só falo elogios assim.... É muito difícil descrever, porque é um [pequena pausa], é um lugar que você dá muito amor, mas recebe muito amor. É meio clichê, mas eu acho que é isso sabe. E vê os meninos crescendo, não só na parte, mais pragmática que a gente pensar em termos de aprovação. Mas o conhecimento, pra mim, ele expande horizonte, então tipo assim, eles viram pessoas mais críticas, tem mais ciência de si mesmo, da sociedade e mudam também. Isso não tem preço. A gente se sente crescendo como professor. (Professora de Física)

Correlacionado ao que a professora de Física relata acima acerca de sua gratificação com o crescimento dos estudantes, ao questionados em relação à contribuição do cursinho em suas trajetórias, os professores responderam em dois sentidos: crescimento pessoal e crescimento profissional. A respeito do crescimento profissional, disseram que o cursinho auxiliou na desenvoltura para lecionar, no sentido de melhorarem a oratória e a relação com o público/estudantes, como também exercício da organização e da didática para prepararem as aulas, simulados e materiais didáticos que utilizam em suas aulas. Outra contribuição, já relacionada como crescimento pessoal, segundo os professores, foi/é a possibilidade de poder lidar com estudantes diferentes, seja em origem social, gênero, raça, orientação sexual ou personalidade, o que possibilitou o exercício não só de empatia, como também de flexibilidade para saberem lidar, em sala de aula, com um público diverso. Além disso, o crescimento como pessoa e a satisfação em saber que estão contribuindo na vida dos estudantes aparecem nas respostas deles, quando relacionado à avaliação que fazem da experiência.

2.2.2 Cotidiano Do Cursinho

Em relação ao cotidiano do cursinho, seja no funcionamento das aulas, nas atividades extracurriculares, ou nas questões que cercam o trabalho docente e o desenvolvimento dos estudantes, algumas questões estiveram frequentes nas falas dos professores entrevistados, entre elas a questão da solidariedade construída entre os estudantes em contraposição à competitividade encontrada em cursinhos comerciais e a defesa da construção de uma educação que não se limitasse ao preparo para os processos seletivos, mas que contribuíssem também na formação para a vida e para o mercado de trabalho.

Esse desejo de formação para além dos conteúdos, presentes no Enem, surge nas falas dos professores aliada à ideia de que o Equalizar prepara os estudantes também para a vida e que a educação não pode se limitar a esses processos seletivos. Segundo a professora de física, por exemplo; “o conhecimento para mim, ele expande horizonte então tipo assim, eles viram pessoas mais críticas, tem mais ciência de si mesmo, da sociedade e mudam também. ” Ou seja, para ela, o Equalizar não apenas auxilia os estudantes na questão do acesso ao ensino superior (que sem dúvidas, é a mais importante contribuição e o principal objetivo do cursinho), mas também persegue a ideia de prepará-los para a vida em sociedade, como um todo. Ou ainda, quando a professora de história

diz que o próprio conteúdo, trabalhado pelo Equalizar, tem como objetivo, não apenas o bom desempenho nos exames de seleção, mas também o empoderamento individual dos estudantes. Esse desejo de formação em sentido mais amplo, defendido pelo Equalizar, vai ao encontro dos objetivos dos cursinhos populares, declarados no II Fórum Nacional de Cursinhos Populares, de acordo com Nascimento (2003), de uma educação que além de contribuir para o acesso ao ensino superior, forma seus estudantes de forma ampla e autônoma, na perspectiva de que se tornem sujeitos ativos de suas vidas e de suas trajetórias educacionais.

Essa questão do conhecimento para a vida ou da formação por completo não pode ser confundida como sendo o principal objetivo dos cursinhos populares. A atuação do Equalizar, assim como de outros cursos com a mesma origem, possui na preparação para os exames de seleção, por meio do aprendizado dos conteúdos e das habilidades necessárias para a resolução das questões e do bom desempenho das provas, o centro de suas ações. No entanto, a possibilidade de ampliar seus saberes e de formar para além, não concorre com esses objetivos primeiros. Pelo contrário, contribuem também na preparação para os exames de seleção, além de contribuírem para outras esferas da vida dos estudantes, inclusive em uma possível vida universitária após a aprovação. Principalmente pelo fato de que, como demonstrado por Bourdieu (2015) o acesso ao ensino superior não advém apenas no mérito individual dos sujeitos, mas sim de uma disputa social na qual o êxito escolar está muito mais relacionado a questões de posse de capitais (sobretudo social e cultural) do que pura e simplesmente de desenvolvimento cognitivo.

Nesse sentido, um fator que aparece durante as entrevistas, como um diferencial do Equalizar é a construção da solidariedade entre os estudantes. Segundo os professores, a competitividade, comum na indústria do vestibular, não se faz presente na realidade cotidiana deste cursinho. Pelo contrário, o que é recorrente, são estudantes se ajudando e contribuindo, um com outro, no processo de educação. Em vista disso, a professora de física usou o termo “corrente do bem”, fazendo alusão à vontade que é construída de ajuda entre os estudantes. Para exemplificar essa corrente narrou o fato de que, no início do ano, precisavam de uma pessoa para acompanhar um aluno com deficiência motora durante as aulas do pré-técnico, pois ele possuía dificuldades de escrita e assim não conseguia copiar e anotar o conteúdo dado durante as aulas. De início, foi construída uma planilha e a ideia era que os professores a preenchessem de acordo com a disponibilidade em acompanhar esse aluno, durante suas aulas, no período da tarde. Como os professores são também

estudantes da universidade e, por assim ser, possuem compromissos durante o dia, a planilha não havia sido preenchida. Segundo a professora então, ela chegou até o conhecimento dos alunos (de forma desconhecida por ela) e, de um dia para o outro, estava preenchida. Os próprios estudantes se disponibilizaram a ajudar o aluno com dificuldades até que conseguissem, via processo seletivo, uma pessoa especializada da área de pedagogia, para fazer o acompanhamento.

Além disso, as atividades extracurriculares, promovidas pelo cursinho, são vistas pelos professores como formas alternativas, positivas de contato e troca de conhecimento. Essas atividades vão desde visitas técnicas a laboratórios da universidade, até aulões de discussões de alguns temas transversais. Como relatado pela professora de história nessas aulas os estudantes possuem um contato mais direto com os professores, o que possibilita a aprendizagem de saberes que, talvez no cotidiano da sala de aula, não fiquem tão claros. Segundo Mendes e Rufato (2016), essas atividades são necessárias porque, para que os cursinhos populares consigam romper com a ideia mercadológica de educação, é preciso construir propostas pedagógicas diferentes dos sistemas apostilados e decorados desenvolvidos pela indústria do vestibular.

2.2.3 Os Estudantes: da Chegada ao Cursinho ao Desenvolvimento ao Longo do Ano

A chegada dos estudantes ao cursinho, segundo os professores, é marcada pelo deslumbramento e pelo primeiro contato com o espaço. De acordo com os entrevistados, de antemão, os estudantes ficam “encantados” com a universidade e as possibilidades que ela traz, tanto de atividades extracurriculares como participação em agremiações, clubes, cursos de línguas, entre outras, quanto de acesso à cultura e ao lazer, o que lhes traz motivação para os estudos, com a vontade de pertencerem, de fato, ao mundo acadêmico. Em contrapartida, a possibilidade de frequentar o espaço universitário faz com que, muitas das vezes, os estudantes deixem de ir à aula para usufruir de atividades que acontecem no campus. Essa ambiguidade entre o que a universidade pode oferecer de proveitoso a esses estudantes, que até então não a conheciam, e ao mesmo tempo, o que isso pode prejudicar no desenvolvimento do aprendizado, é algo recorrente nas falas dos professores e, aparentemente, não resolvido pelo cursinho. O que os professores dizem fazer é usar da influência do espaço como fator motivador, mas, ao mesmo tempo, aconselhar esses estudantes a não deixarem de frequentar as aulas e se dedicarem, em primeiro lugar, aos conteúdos exigidos nos processos de seleção.

Outro aspecto recorrente nas falas dos professores, em relação à chegada dos estudantes ao cursinho, se refere à defasagem, não só de conteúdo, mas também de autonomia em relação aos estudos. Segundo o professor de matemática, os estudantes chegam ao cursinho muito ligados ainda “à mentalidade” do ensino médio, que seria a necessidade de cobrança e a dependência em relação ao professor, por isso, não conseguem construir sozinhos um roteiro de estudo. Do mesmo modo, a professora de história diz que eles chegam com lacuna de interpretação de textos e imagens gráficas, o que muitas das vezes, prejudica o desempenho deles em conteúdo que eles já apreenderam, mas não conseguem decodificar quando exigidos em questões. Isto é, quando os professores relatam tais experiências estão explicitando a defasagem ou distanciamento que acontece entre os currículos das escolas básicas públicas e os conteúdos exigidos nos processos de seleção, o que, como já mencionado na presente pesquisa, contribui para a desigualdade de acesso dos estudantes de camadas populares ao ensino superior. Em vista disso, o mesmo professor (de matemática) diz que uma das maiores contribuições do cursinho para os estudantes é a conquista da autonomia para os estudos, ou ainda, na construção de sujeitos ativos em seus processos de conhecimento. Segundo ele, os estudantes que conseguem alcançar essa autonomia não só se desenvolvem melhor durante o ano, mas constroem possibilidades futuras para a vida:

Mas eu acho que a mentalidade ainda é um pouco..., mas eu acho que a mentalidade deles ainda é muito baseada no ensino médio, sabe?! [...] então assim, eu acho que eles têm ainda muito essa questão de ter que ter alguém cobrando eles para fazerem as coisas. (PROFESSOR DE MATEMÁTICA)

Mas eu acho também, que abrir a cabeça num sentido mais geral que eles podem fazer outras coisas. Isso é uma coisa, na verdade, que eu tenho pensado bastante com eles desde o início, sabe. E o que é muito bom você ter uma graduação hoje, você ter uma formação, mas que isso não define o que você vai fazer. Ainda mais hoje que tá tendo, vai começar a ter uma revolução muito grande em relação às profissões e tudo mais. Eu sempre tentei falar muito com eles que você conseguir é criar um ritmo de estudos, para aprender coisas novas da vida; independente se você está em uma graduação ou não, isso é importante. (PROFESSOR DE MATEMÁTICA)

Diante disso, o papel dos cursinhos populares, como argumentado por Mendes e Rufato (2015), não é concorrer ou criticar o ensino das escolas públicas, mas sim atuar em parceria com a sociedade civil, tanto pela melhoria do sistema de ensino básico, quanto para uma democratização do acesso ao ensino superior. Ou ainda, como demonstra Nascimento (2003), o descompasso entre os currículos apresentados nas escolas públicas e o conteúdo cobrado nos exames de seleção revela, na verdade, a realidade do

sucateamento da educação pública do Brasil, assim como o gargalo existente entre educação básica e ensino superior.

Outrossim, a motivação dos estudantes acompanhada da autoconfiança aparece nos relatos dos professores como oscilantes e acabam por influenciar nos seus desenvolvimentos. A motivação, conforme descrito pelos professores, oscila ao longo do ano. No início, aliado à descoberta do universo acadêmico e a euforia do primeiro contato com o cursinho, os estudantes se mostram empolgados e dispostos a participarem de todas as atividades. Com o decorrer do ano com os resultados dos simulados e, principalmente, o cansaço do ritmo de estudos, os estudantes acabam por perder um pouco da motivação e muitos por se sentirem, até mesmo, despreparados, evadem do curso, chegando a um percentual de 30% de evasão nas semanas próximas ao Enem. Como relatado pelo professor de português, na fala abaixo:

A gente percebe que no início do ano é o ápice, o apogeu, a motivação total, o direcionamento total para os estudos. Ai o gráfico ele vai tendo uma queda, né. Porque eles vão se socializando mais nas aulas e aí eles viram amigos e eles querem frequentar outros espaços que não são o da sala e aí o foco se desfoca (risos), o foco é perdido. E aí vem à nota de simulado, vem nota de redação e eles se chocam, tentam se restabelecer. Eles vivem nesse ciclo oscilante, também pela idade talvez né?!

Entrelaçado a isso, está a questão da falta de autoestima e autoconfiança que os estudantes apresentam. O professor de matemática relatou, por exemplo, o caso de uma aluna que não se sente confiante e quando consegue fazer uma questão dos simulados com facilidade, não acredita em si, fica insegura e acaba “achando” que precisa ser feito mais alguma coisa e, por consequência, erra a questão. Essa insegurança é relacionada, pelos professores, à deficiência que esses estudantes trazem do Ensino Médio, como também pela ideia interiorizada por eles de que eles não são capazes. Diante disso, os professores e a própria equipe pedagógica como um todo, como aponta a professora de história, possuem uma preocupação não apenas de trabalhar a autoestima dos estudantes durante as aulas, mas de fazer um trabalho de *desculpabilização*²⁹ dos estudantes em relação a possíveis fracassos. Segundo ela, além dos professores utilizarem do discurso de que o Enem e outros exames de seleção são apenas provas que não medem, em última instância, o potencial dos alunos, foi feito com os alunos uma discussão, durante a

²⁹ Termo utilizado pela própria professora. Refere-se a retirar a culpa dos estudantes.

monitoria de história³⁰, a respeito do conceito de meritocracia e seus desdobramentos na sociedade.

Dessa forma, o que o Equalizar tenta transmitir aos seus estudantes é uma preocupação, presente também nos outros cursinhos populares, como o caso da Rede Emancipa, conforme demonstra Mendes (2012), ou da rede Movimento Pré Vestibulares Negros e Carentes do Rio de Janeiro, de acordo com Rositolato et. al (2013). Além de preparar seus estudantes para os processos de seleção, esses cursinhos trabalham a ideia de que a universidade é um espaço de direito dos estudantes enquanto cidadãos e que o possível fracasso nos exames não é algo individual, mas sim sistêmico. De um sistema de ensino que além de oferecer menos vagas do que o necessário ao acesso de todos ao ensino superior, ainda seleciona muito antes dos exames. Seleciona por meio do descompasso de currículos e do sucateamento da educação pública oferecida às camadas populares.

2.2.4 Relação Professores e Alunos

A relação entre os professores e os alunos do Equalizar acontece, segundo os professores, de forma harmoniosa com a preocupação constante dos educadores para que os estudantes se sintam confortáveis, não apenas para fazer pergunta sobre os conteúdos lecionados, mas também conversarem sobre todos os assuntos possíveis. Nessas conversas, além de tirarem dúvidas a respeito dos conteúdos e dos próprios exames de seleção, outra questão recorrente e que contribui indiretamente para a preparação dos estudantes, são as conversas relacionadas à universidade, aos cursos e à dinâmica de funcionamento do universo acadêmico.

Durante as aulas ou nos momentos de intervalo, os alunos recorrem aos professores, tanto para solucionar dúvidas que tiveram durante os estudos, realizados em casa, como observado durante o acompanhamento de algumas aulas, quanto para conversas informais a respeito de assuntos diversos como seriados televisivos, músicas e livros. Durante essas observações, assim como nos próprios registros das entrevistas em relação a essas trocas, fica evidente que a relação tecida entre os professores e os estudantes se constrói de uma forma dialógica, pautada na ideia de troca de saberes e, mais que isso, a proximidade de faixas etárias e de interesses entre os envolvidos, faz com

³⁰ A monitoria foi ministrada pela professora de história até o fim do primeiro semestre.

que seja uma relação fluída. Tal fluidez auxilia os estudantes tanto no aprendizado como, por exemplo, na observação da aula de física, quando a professora aproveita da proximidade com os estudantes para fazer relações entre suas realidades e a matéria estudada, quanto para que eles fiquem mais à vontade para fazer intervenções e perguntas.

Essa relação se dá, fundamentalmente, baseada na preocupação que os professores possuem em estarem sempre dispostos a auxiliar os estudantes e também, no comprometimento que estabelecem com o cursinho. Prova disso, é que essa troca não ocorre apenas no ambiente da sala de aula ou nas atividades do Equalizar propriamente, mas também no ambiente virtual, nas redes sociais e na construção, até mesmo de amizade, entre estudantes e professores. Um exemplo é a iniciativa da professora de física, aderida também por outros professores, de criar uma lista de livros disponíveis de sua biblioteca pessoal, para empréstimo pelos estudantes. Essas listas circulam durante as aulas e os estudantes podem escolher livros de seu interesse para pegarem emprestados e levarem para suas casas. Quando terminam devolvem e podem pegar outros. Segundo a professora, essa proposta, teve adesão dos alunos e fez com que, até mesmo, estudantes que não possuíam o hábito da leitura se interessassem por algumas obras.

Outro assunto ordinário nas conversas entre professores e estudantes, e que se configura como um diferencial dos cursinhos populares, sobretudo aqueles que se concentram dentro da universidade e são geridos por estudantes universitários, é a própria universidade. As conversas vão desde as dúvidas dos estudantes em relação aos cursos e profissões que desejam fazer, como a professora de física que deu exemplo da menina que estava em dúvida se fazia medicina ou biomedicina, porque tinha vontade de trabalhar na área de pesquisa. O que demonstra que os estudantes recorrem aos professores não apenas com dúvidas em relação ao curso, mas até mesmo a respeito das pretensões de carreiras que pretendem seguir. Ou ainda, a professora de história que dizia que os estudantes tinham muitas dúvidas a respeito do mercado de trabalho do historiador para além da docência. Como também dúvidas a respeito do funcionamento das matérias, do cotidiano da universidade, dos tipos de avaliação e até mesmo das atividades extracurriculares que se desenvolvem nela, como apresentado nas falas dos professores de português e de matemática abaixo:

Ai dentro dessas conversas também entra o assunto de universidade. Querendo saber “a como que é o trabalho de conclusão de curso” porque acho, inclusive, alguns deles assistiram trabalho de conclusão de curso de outros professores. Eu acho que eles ficam com essa curiosidade. Surgem então

assuntos diversos, mas às vezes surgem assuntos da universidade nessas conversas. (Professor de Matemática)

Sim, na maioria das aulas, sempre surgem alguma pergunta de curso de hã... “como é o seu curso? Você estuda de manhã e à noite?” Porque, às vezes, a gente comenta né, “gente vamos começa a aula, a última do dia. Eu tô aqui, desde às 11 horas da manhã.” Porque talvez eu venha pra fazer alguma outra atividade, encontro de grupo e outras coisas mais... Então a gente acaba passando pra eles um pouco da nossa experiência, né?! “Nossa, mas você tá aqui desde esse horário? Por que você tem que ficar o dia inteiro?” Aí eles começam “Nossa, mas você estuda de manhã e à tarde?” Mas tem dia que é de manhã e à noite. Por que isso?” Eles são bem curiosos a isso. Hã... (pequena pausa) e eles também têm curiosidade acerca de outros cursos, não só dos cursos da UFMG. (Professor de Português)

Destarte, é possível apontar, que esse contato com seus professores que também são estudantes universitários, amplia o capital social dos estudantes, como aponta Kato (2011) e mais que isso, o capital informacional. Segundo o autor, ao terem contato com a universidade na qual o cursinho está filiado, assim como com os professores que possuem vínculo, de alguma forma com ela, os estudantes passam a conhecer mais o universo acadêmico e assim, a conhecer formas melhores de *jogar o jogo* diante do mercado escolar, adequando a opção de curso desejado ao que está ao seu alcance social. Um exemplo disso é o relato do professor de português, a respeito de uma aluna que tinha a pretensão de cursar medicina não conseguiu a nota desejada e, por isso, decidiu cursar fisioterapia e outro, na mesma situação, optou por fazer biomedicina:

O que dá pra perceber é que ao final do ano o menino faz o Enem e consegue uma nota mais baixa que a do curso que ele queria entrar. Daí o que eu percebo é o aluno que queria medicina entrando pra fazer biomedicina, aluno que queria medicina entrando pra fazer fisioterapia e aceitando porque, já passaram por um caminho, por um trajeto, pelo mesmo caminho na verdade mais de uma vez. Então isso acontece e aconteceu no Equalizar né?! Esses dois relatos, que eu estou dando, são de alunos que, inclusive, são do ano de 2015. Tinha uma aluna que queria medicina tentava há 3 anos não conseguiu, entrou pra fisioterapia e tá feliz assim.

Ademais, a relação de proximidade entre os estudantes e professores, contribui não apenas durante o processo de seleção. Muitos estudantes mantêm contato, como relatado pelos professores, mesmo após o fim do período letivo e utilizam disso, durante a inserção na vida universitária, em questões que vão desde as dúvidas práticas a respeito da rotina da universidade, até mesmo dicas específicas em relações a disciplinas, professores e atividades que podem se inserir. Em outras palavras, o cursinho e, mais

especificamente, os professores funcionam para os alunos, como Souza (2009) demonstra, como uma espécie de *família de substituição* dos estudantes. Fornece a eles capital informacional e social que não possuem enquanto herança cultural

2.3 Para Além da Sala de Aula: Entrevista com o Núcleo de Apoio Psicopedagógico

O Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP) foi criado pelo Equalizar, em meados de 2015, devido a uma demanda dos próprios estudantes do cursinho. Segundo as duas participantes do Nap entrevistadas³¹, ele surgiu para atender os alunos que sentiam a necessidade de um momento de escuta, para além da sala de aula. De um espaço e de pessoas capacitadas que os ajudassem, tanto em relação a questões emocionais que permeiam o processo de pleito pela vaga no ensino superior – ansiedade, pressão, insegurança-, quanto de auxílio em questões, como a organização dos estudos e dilemas cotidianos da vida de um jovem.

Diante disso, o Núcleo foi criado, primeiro, versando somente essa escuta. No entanto, as próprias estudantes de psicologia que atuavam nele enxergaram a necessidade de atendimento clínico psicológico a alguns estudantes e, por isso, no final de 2016, início de 2017, conseguiram uma psicóloga já formada para atuar nessa área. Dessa forma, atualmente, o Nap atua de duas formas, por meio de dois grupos: os assessores psicopedagógicos e os assessores psicológicos. Enquanto o primeiro grupo fica responsável por atividades coletivas que abordam temas do cotidiano dos alunos tais como: suicídios, aborto, feminismo entre outros, assim como “dicas” para o dia da prova, técnicas para lidar com a ansiedade e atividades de fortalecimento da autoestima, além de auxílio na criação de roteiros e planos de estudo. O grupo de assessoria psicológica fica responsável em atender estudantes que necessitam de apoio psicológico clínico devido a diversas questões que podem, ou não, estarem diretamente relacionadas com o desenvolvimento cognitivo no cursinho.

Segundo as responsáveis pelo Núcleo de Apoio Psicopedagógico, os atendimentos realizados variam em dois polos: questões emocionais e auxílio na organização dos

³¹ Essa seção está baseada em informações coletadas em uma entrevista realizada com duas colaboradoras do cursinho, que atuam no NAP, no núcleo psicopedagógico. Roteiro disponível nos Apêndices dessa pesquisa.

estudos. Assim como já tratado nas entrevistas realizadas com os professores³², os estudantes chegam ao cursinho com dificuldades de organizar os estudos e de se adequarem ao ritmo necessário de dedicação para o desenvolvimento desejável e, por conseguinte, a preparação necessária para os exames de seleção. Desse modo, o Nap presta o serviço de auxiliar na organização de um Plano de Estudos que se adeque a realidade de tempo e disponibilidade que possuem. No entanto, segundo as entrevistadas, por mais que façam esse trabalho e incentivem a autonomia nos estudantes em modificarem o quanto necessário for esse plano existe, ainda, uma dificuldade nos estudantes em serem ativos nesse processo e adaptarem os planos a outras questões de suas vidas. Como uma das entrevistadas relata, quando os estudantes procuram o Nap para esse atendimento possuem a expectativa de que os roteiros serão “receitas prontas” e não conseguem se desenvolverem ao ponto de saberem que o conhecimento proposto pelo cursinho visa, acima de tudo, o desenvolvimento da autonomia no processo do conhecimento.

Outra questão que permeia a dificuldade dos estudantes em se organizarem para os estudos, segundo o Nap, é a própria bagagem de estudos que trazem. Oriundos de escolas públicas, mesmo que na maioria dos casos possuindo uma trajetória escolar de sucesso, “esses estudantes não estão acostumados a estudar”³³. Ou seja, mesmo que sejam alunos *superselecionados* das camadas populares, como tratado por Bourdieu (2015), não possuem durante a trajetória escolar, um desenvolvimento voltado para a preparação para esses exames de seleção. Ao contrário dos jovens de camadas médias e altas, que quando frequentam redes de ensino privadas, como argumenta Guimarães já em 1988, são preparados, desde muito cedo, para realizarem exames de seleção, desenvolvendo assim a prática de estudo, ainda nas séries iniciais do ensino básico, já vislumbrando aprovações futuras.

Além disso, questões relacionadas a vida dos estudantes, sobretudo, a relação deles com a família enquanto rede de incentivo e apoio, ou mesmo, como seus provedores para que possam se dedicar aos estudos, assim como a relação dual construída com o trabalho, influenciam no desenvolvimento desses estudantes, seja direta ou indiretamente. A família, segundo as integrantes do Nap entrevistadas, estabelece nesse processo, uma relação controversa, às vezes. Por mais que apoiem os estudantes e, muitas das vezes,

³² Discutidas na seção 2 desse capítulo

³³ Frase retirada da entrevista.

façam esforços financeiros para garantir a permanência deles no cursinho³⁴, esses familiares não conhecem o processo de escolarização, não entendem como este último acontece e a necessidade da dedicação dos alunos a essa preparação, trazendo assim o conflito. Como relatado por uma das integrantes do Nap, “os pais querem ajudar, mas não conseguem entender que o filho vai faltar do churrasco da família do domingo ou não vai ajudar em casa”. Ou ainda, o apoio dos pais acaba se tornando “pressão”, pois não tendo consciência da concorrência e das dificuldades do processo, criam a expectativa de que se os filhos, com trajetórias escolares de sucesso, estando dedicando aos estudos, com certeza conseguirão a vaga.

Concernente ao relatado acima, está a própria relação desses estudantes com o trabalho. Segundo as entrevistadas, muitos estudantes deixam de trabalhar ou apenas realizam trabalhos informais, durante o ano letivo do cursinho, para poderem se dedicar aos estudos. No entanto, acostumados a ajudar no orçamento familiar, desde muito cedo, como também a terem a independência financeira, esse período sem rendimento acaba por trazer a eles estresse e até mesmo, ser prejudicial nos estudos. De acordo com o que é relatado pelas integrantes do Nap, esses estudantes dizem não estarem mais acostumados a depender dos pais e, pelo contrário, contribuam no orçamento familiar, e por isso, a situação de não possuírem renda, acaba se transformando para eles em mais um motivo de pressão em relação à aprovação.

Desse modo, a pressão vivida pelos estudantes, como já mencionada aqui, está diretamente relacionada à ideia de que, para muitos, essa é a única chance que possuem para se preparar para os exames de seleção do ensino superior. Além disso, a expectativa e a própria cobrança individual permeiam as principais queixas dos estudantes em relação a como se sentem pressionados. Tendo em vista isso, as entrevistadas dizem que, além dos momentos de escuta, quando são procuradas pelos próprios estudantes durante as atividades em grupos, mesmo quando o tema central não é essa questão, elas tentam conversar e tocar em alguns pontos-chaves sobre o assunto.

Dentre essas conversas a própria relativização sobre o fracasso, que nesse caso seria não conseguir a vaga almejada, é uma das preocupações centrais do Nap. Tal qual as entrevistadas relatam, durante principalmente os aulões, elas tentam mostrar que cada

³⁴ Por mais que o cursinho seja gratuito, o transporte, a alimentação e o próprio fato dos estudantes não estarem, muitas das vezes, contribuindo no orçamento familiar, traz gastos e dificuldades financeiras à família

um precisa respeitar o seu tempo e que o sucesso pessoal e profissional nem sempre tem que estar relacionado ao acesso ao ensino superior:

A gente sempre fala do tempo de cada um e pra eles pensarem no que realmente querem fazer. Que tem gente que faz um curso técnico, que entra em um outro emprego... e vai seguir a vida sem faculdade nenhuma e que é uma opção... A gente que tá muito pautada em uma sociedade de ter que passar, que não tem outras coisas. E as vezes, a realidade deles não é essa sabe? De ter que encarar a vida de uma outra forma também, não... (ENTREVISTADA 1, INTEGRANTE DO NAP)

A gente também tenta sempre usar frase de motivação, tipo: “se não der certo? Tudo bem. Vocês são novos, tem outras possibilidades” ou senão “Preocupa com você, com estar bem com você mesmo. Isso é o principal. ” Tipo a gente quer que eles pensem que existe vida além do Enem. A gente tá muito preocupada com isso, isso é muito sério pra eles (ENTREVISTADA 2, INTEGRANTE DO NAP)

Do mesmo modo, segundo as integrantes do Nap, a questão da competitividade externa (com estudantes de origens sociais e processos de escolarização diferentes) não é tão constante na vida desses estudantes, como a falta de autoestima e de valorização deles mesmos. Como relatado por uma das entrevistadas, os estudantes do cursinho, acostumados com o estigma de que são estudantes oriundos de escolas públicas e que não estão preparados para “competirem” pelo ensino superior, acreditam que não conseguirão disputar com estudantes de outros cursinhos ou redes de ensino. Ou ainda, que mesmo que se esforcem não conseguirão as vagas desejadas. Essa falta de confiança e autoestima, segundo o Nap, prejudica muito o desenvolvimento dos alunos ao longo do ano. De acordo com as entrevistadas, assim como já relatado pelos professores, os estudantes não conseguem reconhecer seu desenvolvimento, ou ainda, se sentirem capazes e isso faz com que desanimem, ao longo do processo e, até mesmo, quando não desenvolvem como queriam, deixem o cursinho.

Baseado nisso, o Nap desenvolve com os estudantes atividades para a valorização dos mesmos, não apenas pensando no desenvolvimento para o processo seletivo, mas para a vida. Conversas em grupos, debates e atendimentos individuais, em casos mais pontuais, servem de espaços para demonstrarem aos estudantes como eles cresceram ao longo do ano, além da tentativa de afastá-los dos estigmas que, ao longo da vida, foram interiorizados por eles:

A gente incentiva, tenta mostrar como eles evoluíram e que eles têm valor. A gente fala “Nunca deixem vocês serem aquilo que outros falam que vocês são, sabe? Que vocês vieram de escola pública, que vocês têm menos capacidade e tal. Não vocês não tiveram oportunidade, e agora têm. Vão conseguir” A gente fez um aulão desse né, tipo assim, nossa, (suspiro) ... teve gente chorando no final de tão tocado sabe, emocionante! (ENTREVISTADA 1, INTEGRANTE DO NAP)

Ah não, a gente sempre faz. Olha vocês estão aqui, vocês tão em um cursinho bom, e então o pessoal que tá só na escola não tá tendo a mesma oportunidade de vocês. É.. Vocês são capazes. Vocês tão estudando.... É falar coisas clichês, banais, mas que eles precisam escutar, porque eles nunca escutaram isso de alguém. Que eles são capazes, que eles conseguem” (ENTREVISTADA 2, INTEGRANTE DO NAP)

Outra queixa constante dos estudantes ao Nap, se relaciona com a ansiedade e as consequências que ela pode trazer não apenas nos estudos, mas também no momento da prova de seleção para o ensino superior, principalmente durante o Enem. Segundo as integrantes, essa questão é tratada de duas maneiras. A primeira delas, em casos nos quais a ansiedade já apresenta sintomas psicofisiológicos e sintomáticos, os estudantes são encaminhados para o tratamento clínico. Já quando são diagnosticados quadros pontuais de ansiedade e, na maioria relacionados ao exame, são feitas conversas individuais, durante o momento de escuta, ou durante os aulões quando a demanda é apresentada.

O propósito desses aulões realizados pelo Nap, segundo suas integrantes, é promover momentos de conversas e debates acerca de temas variados, propostos e escolhidos pelos estudantes. De acordo com elas, por meio de votação aberta, nas salas, são escolhidos temas para serem tratados nessas aulas temáticas, que interessem aos estudantes, como o suicídio, a política, a homossexualidade. Esses temas são elencados não apenas como possíveis temas de redação ou de conteúdos para as provas, mas também como assuntos que interessem os estudantes para a vida. Como narrado por uma das entrevistadas, o intuito desses espaços não é, em primeira instância, prepará-los para os exames de seleção, mas sim possibilitar que eles conversem sobre assuntos que, se não falados ali, talvez eles não tivessem oportunidade de conversar. Por esse motivo, as aulas são feitas com uma dinâmica de roda de conversa, na qual as integrantes do Nap, mais conduzem a conversa do que expõem algum conteúdo. Segundo elas, esse aulões permitem aos estudantes, até os mais retraídos, conversarem, se soltarem e exporem suas angústias. Servindo assim, quase que como uma “terapia em grupo”.³⁵

³⁵ Termo retirado da entrevista.

Um desses aulões em especial, que acontece no final do ano letivo, citado, inclusive por outros membros do Equalizar, tem papel preponderante na preparação desses estudantes para o exame de seleção; o último aulão, aponta técnicas e dicas para a prova. Essa aula, que acontece sempre na semana que antecede o Enem, funciona também como uma confraternização do cursinho, na qual os professores fazem um balanço do ano letivo e dos avanços que os estudantes tiveram. Mas, mais do que isso, o Nap prepara para esse dia técnicas de respiração, de controle da ansiedade e até de alongamento que serão úteis para os estudantes. Além disso, repassam questões importantes do edital referente ao Enem com os estudantes e dão dicas de conduta pré prova como; alimentos que devem ser evitados, rotina de sono e atividades relaxantes. Isto é, esse aulão funciona com dicas importantes a respeito das regras do jogo e principalmente, de estratégias para se jogar, que serão fundamentais para um bom desempenho durante a prova.

Além disso, o Núcleo Psicopedagógico possui uma parceria com o Programa de Orientação Profissional (POP) da UFMG, que oferece aos estudantes, no primeiro semestre letivo, orientação profissional. De acordo com as entrevistadas, a procura por essa orientação é mediana, principalmente, nesse ano, por ter acontecido no segundo semestre. Como narraram, muitos estudantes que tinham dúvidas no começo do ano, na escolha entre dois cursos, já haviam se decidido e não quiseram mais participar da orientação. Ainda nesse sentido, segundo elas, a escolha do curso não é uma das principais angústias dos estudantes e sim a questão do acesso ao ensino superior, independente do curso³⁶: “Eu acho que eles tão mais preocupados em estudar, em passar em alguma coisa, do que de fato decidir o curso agora, sabe?”³⁷

Ademais, a principal área de atuação do Nap, como dito pelas suas integrantes, é a formação dos estudantes enquanto sujeitos e não diretamente relacionadas aos exames de seleção. Por mais que as ações e atividades que realizam são importantes para a seleção, o que elas apontam como principal objetivo de seus trabalhos é auxiliar esses estudantes para além disso, na sua formação como indivíduos e, principalmente, no fortalecimento deles enquanto sujeito ativos de suas histórias e escolhas.

No entanto, muito embora, as integrantes não considerem que a sua contribuição esteja relacionada ao exame de seleção, as questões emocionais e, principalmente de valorização da autoestima trabalhadas por elas, auxiliam esses estudantes na questão de

³⁶ Informação não confirmada com os dados colhidos posteriormente. Mesmo que adaptem seus desejos, os estudantes, quando iniciam no Equalizar, já possuem sim uma ideia de qual curso pretendem seguir.

³⁷ Frase retirada da entrevista.

acreditarem ser possível e, mais do que isso, se afastarem dos juízos professorais³⁸ e dos juízos da própria sociedade e assim se sentirem sujeitos de direito, em relação ao ensino superior.

3- OS ESTUDANTES: DAS ASPIRAÇÕES AO ENSINO SUPERIOR AO ENCANTAMENTO COM O EQUALIZAR

Os estudantes do cursinho são, em certa medida, os principais sujeitos da presente pesquisa, e para que seja possível conhecê-los, esse capítulo tem como objetivo apresentar algumas questões relativas às suas trajetórias escolares e de vida, assim como a respeito da relação que construíram com o Equalizar. Tendo em vista que, ao entrarem no cursinho carregam consigo questões materiais e simbólicas construídas ao longo da vida e que, direta ou indiretamente, elas influenciarão no desenvolvimento durante as atividades e na própria relação com o ambiente universitário, é necessário não apenas investigar e analisar a contribuição do cursinho na visão desses estudantes, mas antes disso conhecer, nem que seja minimamente, quem são eles.

Dessa forma, foi realizada a aplicação de um questionário (Disponível no Apêndice IV) que contou com questões relacionadas a aspectos socioeconômicos, formação familiar, trajetória escolar e conhecimentos prévios acerca dos processos seletivos: cursos, universidade, entre outros. Esse questionário foi respondido por setenta estudantes dos oitenta matriculados, pois, segundo os professores que estavam em sala durante a aplicação, a frequência na época (maio) já não era completa.

Além disso, por meio das respostas, pautando mais na disponibilidade dos estudantes e na variedade de características, foram escolhidos cinco estudantes (três meninas e dois meninos) para entrevistas³⁹. Elas aprofundaram algumas questões já perguntadas nos questionários, tais como sobre trajetória escolar e relação familiar e acrescentaram questões relacionadas ao cursinho e ao universo acadêmico.

Diante disso, a exposição do capítulo contará tanto com dados quantitativos, apresentados em tabelas e gráficos, referentes às informações colhidas pelo questionário, quanto trechos das entrevistadas. Como recurso metodológico, os estudantes serão identificados por números, e para que seja possível localizar algumas de suas características será apresentada, a seguir, uma tabela com as principais informações de cada um deles:

³⁹ Roteiro disponível no Apêndice V

Tabela 2: Principais Características dos estudantes entrevistados

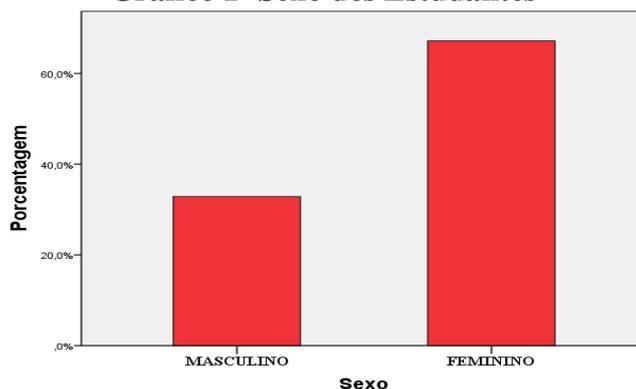
Estudante	Ano de Conclusão do Ensino Médio	Trabalha	Fez o Equalizar em outros anos?	Já frequentou outros cursinhos?	Cidade de Origem	Curso pretendido
Estudante 1	2015	Não	Não	Não	Santa Luzia	Jornalismo
Estudante 2	2014	Não	Sim, 1 ano	Não	Santa Luzia	Medicina
Estudante 3	2015	Não	Não	Sim, outro popular	Belo Horizonte	Engenharia Química ou Medicina
Estudante 4	2016	Não	Não	Sim, outro particular	Belo Horizonte	Engenharia Civil
Estudante 5	2016	Sim	Não	Não	Interior de Minas	Medicina

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

3.1. Quem são eles? Conhecendo o perfil dos estudantes

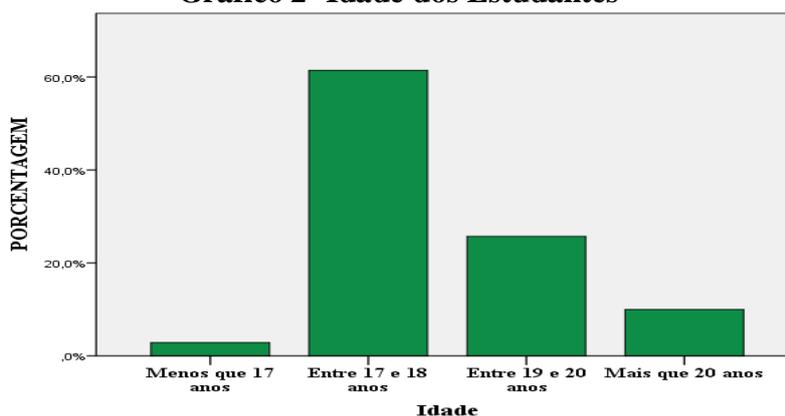
Todos os estudantes do cursinho, segundo os dados coletados, são solteiros e sem filhos. Desses jovens, 66,2% são do sexo feminino e 32,4% do sexo masculino. Já a faixa etária varia entre 17 e 20 anos, sendo que a maioria, 60,6%, possui entre 17 e 18 anos, seguida de 25,4% que possuem entre 18 e 19 anos, 9,9% com mais de 20 anos e 2,8% menores de 17 anos. Esses dados nos revelam que além de jovens, os estudantes possuem a idade média dos candidatos a vagas no ensino superior já que, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 54% dos estudantes que prestaram o Enem, em 2016, possuíam até 20 anos.

Gráfico 1- Sexo dos Estudantes



FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Gráfico 2- Idade dos Estudantes



FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

No que se refere à cor/ raça declarada pelos alunos, pode-se observar na Tabela 2 que, 35,2% dizem ser brancos, 1,4% amarelos (descendência oriental), 1,4% indígenas, 46,5% pardos e 14,4% negros.

Tabela 3- Cor/raça dos Estudantes

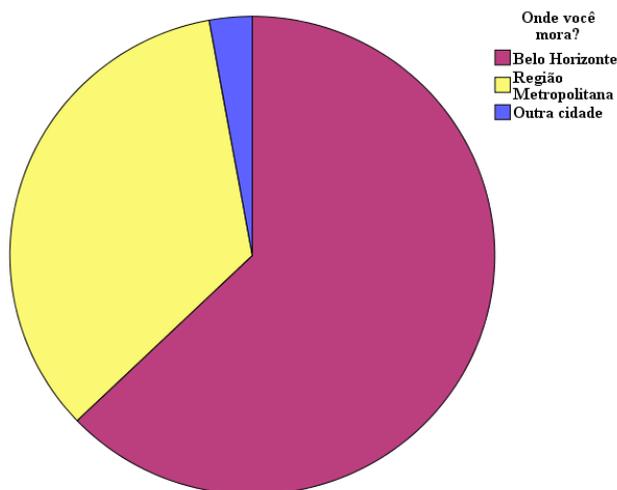
Cor/Raça	Frequência	Porcentagem
Branco	25	35,7
Amarelo (oriental)	1	1,4
Negro	10	14,3
Indígena	1	1,4
Pardo	33	47,1
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Quanto ao local de moradia, a maioria dos estudantes disse morar em Belo Horizonte, sendo eles 62%. Entre os 38% que afirmaram não residirem em Belo

Horizonte, apenas uma respondente disse ser do interior e indicou morar em Belo Horizonte apenas para frequentar o cursinho, enquanto os outros 24 estudantes assumiram morar na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Gráfico 3- Local de Moradia dos Estudantes



FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Sobre a relação dos estudantes com o trabalho, 85,7 % disseram não trabalhar o que indica que são sujeitos, em sua maioria, dedicados apenas aos estudos. A respeito dos 14,3% que afirmaram trabalhar, o que corresponde a 10 estudantes, a maioria trabalha como auxiliar administrativo e como Jovem Aprendiz. Além disso, aparecem profissões manuais como balconistas de loja, auxiliares de loja-jato, motorista e operador de Telemarketing.

Tabela 4- Ocupação dos estudantes que trabalham

Ocupação	Frequência	Porcentagem
Não informou	1	10,0
Aprendiz de Mecânica Automotiva	1	10,0
Aprendiz serigráfico do Senai	1	10,0
Auxiliar Administrativo	3	30,0
Balconista	1	10,0
Repositor	1	10,0
Motorista	1	10,0
Telemarketing	1	10,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

No entanto, quando perguntados, durante a entrevista, a respeito do trabalho, quatro dos cinco estudantes revelaram terem trabalhado durante o Ensino Médio e terem optado por deixar o serviço para poderem se dedicar exclusivamente ao cursinho. A única estudante, dos que foram entrevistados, que não trabalhou durante o ensino médio, precisou trabalhar depois que se mudou para Belo Horizonte com o intuito de fazer o cursinho, pois disse precisar ajudar a mãe com as despesas, mas tem consciência do fato de trabalhar prejudica em seu desenvolvimento. Segundo essa estudante, a necessidade de dividir o tempo entre trabalho, ajudar nas tarefas domésticas e a frequência ao cursinho, a deixa cansada e sem condições de rever conteúdo, ou realizar atividades em casa, como ver vídeo aulas, cumprir com as listas de exercícios ou praticar redação.

Então eu sei que não consigo fazer o que precisa. Chego em casa 11:40 da noite, porque a van me deixa por último, aí já tô muito cansada. No outro dia de manhã tenho que acordar, ajudar na casa e tenho pouco tempo para estudar. Pego no serviço meio dia.... Aí faço uma redação ou outra, mas não consigo fazer as listas nem vê vídeo aula. Sei que preciso de mais né, mas não vou desanima não. Um dia eu consigo. (ESTUDANTE 5, 2017)

Na mesma fala, a estudante disse que já está se programando, junto com a mãe, para que no próximo ano se não conseguir entrar na universidade, consiga se dedicar exclusivamente aos estudos. Dado que, como ela mesma disse, quando conseguir a vaga desejada, também terá que deixar de trabalhar, porque não vai conseguir conciliar uma faculdade de Medicina e um trabalho:

Mas é só esse ano! Já combinei com a minha mãe, ano que vem vou sair do serviço. Se eu passar, porque vou ter que dedica a faculdade e se não passar, vou estudar mais. Do jeito que tá não tá dando não. Mas também e só pra gente ajeitar as contas e adaptar, porque a mudança ficou cara ne....Aluguel, van, mesmo o cursinho sendo de graça as coisas aqui são tudo caras... (ESTUDANTE 5, 2017)

3.2 A Composição Familiar e o Auxílio nos Estudos

As famílias dos estudantes são compostas, em sua maioria, por 3 ou 4 pessoas, que são sustentadas por uma renda que varia de R\$1300,00 a R\$3000, como demonstra a Tabela 4, abaixo. O que significa que, a renda per capita, varia entre R\$433,00 e R\$1000,00 para as famílias com até 3 pessoas e entre R\$325,00 e R\$750,00 nas famílias com 4 pessoas. Considerando que a média de renda, per capita, da população de Minas Gerais, em 2016, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi de

R\$1168,00 e que o salário mínimo atual corresponde à R\$937,00⁴⁰, é possível indicar que são famílias de classes populares que, apesar de possuírem um rendimento mensal acima da considerada “faixa da miséria”⁴¹ recebem, em média, menos de um salário mínimo por pessoa.

Tabela 5- Renda por Número de Pessoas das Famílias dos Estudantes

Pessoas por Família	Até 700,00	Até 1300,00	1300,00 até 3000	Mais de 3000,00 até 5000,00	Mais de 5000,00	Total
2 pessoas	1	6	1	0	0	8
3 pessoas	0	4	11	3	0	18
4 pessoas	0	8	17	5	1	31
Mais de 4 pessoas	0	4	4	5	0	13
Total	1	22	33	13	1	70

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Relativo à escolaridade dos pais, é possível perceber, conforme as Tabelas 5 e 6, que os pais (homens) possuem escolaridade média entre Ensino Fundamental Incompleto (27,1 %) e Médio completo (22,9%), tendo apenas 10% dos pais com ensino superior completo. Já em relação às mães 27,1% também possuem Fundamental Incompleto, seguidos de 24,3% com ensino médio completo e 20% com ensino superior completo. Sendo, portanto, maior o grau de escolaridade entre as mães do que entre os pais.

Tabela 6- Grau de Escolaridade do Pai

Grau de Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Ensino Fundamental Incompleto (1ª a 4ª série)	19	27,1
Ensino Fundamental completo (até 8ª série)	11	15,7
Ensino Médio incompleto	6	8,6
Ensino Médio completo	16	22,9
Superior incompleto	4	5,7
Superior completo	7	10,0
Não sabe/ Não informou	7	10,0
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

⁴⁰ Baseado no salário mínimo de 2017.

⁴¹ Segundo o Banco Mundial, são consideradas pessoas abaixo da linha da miséria aquelas que possuem renda de menos de dois dólares por dia, o que no Brasil, atualmente daria, por volta de sete reais e setenta centavos ao dia. (Estimativa feita em 01/2018)

TABELA 7- Grau de Escolaridade da Mãe

Grau de Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Ensino Fundamental incompleto (1a 4ª série)	19	27,1
Ensino Fundamental completo (até 8ª série)	7	10,0
Ensino Médio incompleto	4	5,7
Ensino Médio completo	17	24,3
Superior incompleto	8	11,4
Superior completo	14	20,0
Não sabe/ Não informou	1	1,4
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

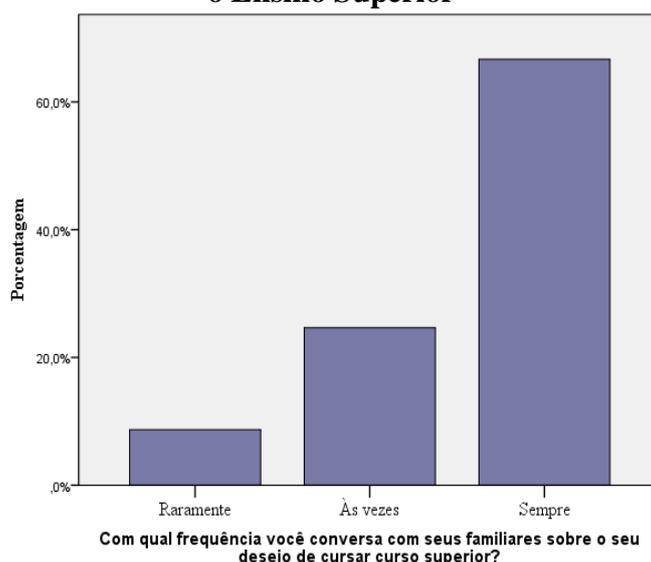
Por sua vez, quando observadas as ocupações desses pais, de maneira geral, observa-se ocupações de nível médio e relacionadas a trabalhos manuais e/ou prestação de serviços. No entanto, existem algumas diferenças entre os pais e as mães. Enquanto as mães, em sua maioria (20%), são empregadas domésticas e/ou diaristas, seguidas de donas de casa (14,3%), ou professoras (14,35%), os pais exercem funções manuais como motoristas, porteiros, serralheiros, técnicos em serviços gerais (eletrônica, mecânica), tendo uma maior diversificação das ocupações e um considerável número de pais empresários e ou autônomos – 10%⁴². O que possibilita apontar que, a maior escolaridade das mães se dá pelo fato de que a maioria delas, quando não são donas de casa, trabalham enquanto professoras o que exige nível superior. Já os pais, com escolaridade menor acabam por ocupar postos de trabalho que não cobram, necessariamente, um nível de escolaridade, como profissões manuais ou autônomas.

Diante desse quadro familiar acima apresentado de famílias populares e de escolaridade média, quando interrogados se os pais consideravam importante que os estudantes cursassem uma universidade, 94,2% responderam que sim, os pais se preocupavam com isso, 1,4% que não e 4,3% disseram não conversarem sobre o assunto. Porém, quando interrogados sobre a frequência com que conversam sobre o assunto com os pais e familiares 66,7% dizem conversar sempre, 24,6% às vezes e 8,7% raramente, o que indica que, apesar da inserção no ensino superior ser considerado pela maioria das famílias como importante, o acompanhamento, de “perto”, do processo de preparação não

⁴² Tabela com ocupações dos pais e mães encontra-se no Apêndice VI da presente pesquisa.

acontece com tanta frequência. Característica que, segundo Bourdieu (2015), é própria das famílias de classe populares que, mesmo reconhecendo a importância das instituições de ensino, pela deficiência de capitais (sobretudo de capital cultural), não conseguem orientar de maneira sistemática seus filhos, durante os processos de seleção.

Gráfico 4- Frequência com que os estudantes conversam com os pais sobre o Ensino Superior



FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

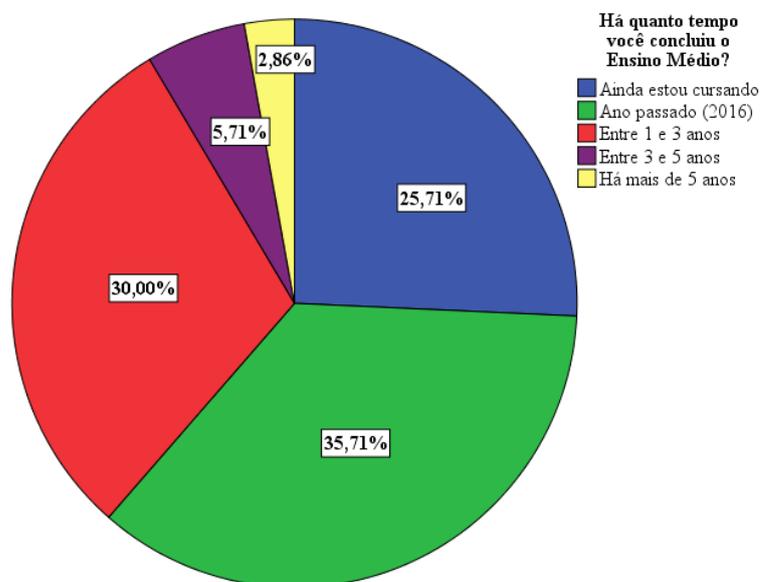
Essa mesma orientação foi confirmada nas respostas dadas durante a entrevista em relação, tanto da participação dos pais na vida escolar dos estudantes, durante o ensino médio, quanto no incentivo e acompanhamento da (s) tentativa (s) de acesso ao ensino superior. A estudante 1, por exemplo, disse que sua família sempre a incentivou a estudar, sobretudo o pai, pelo fato de ela sempre ter notas boas durante a escola básica. Ou a estudante 4 que disse que sua vontade de continuar os estudos vinha da influência de um tio, que depois de mais velho, havia concluído o curso de Engenharia Civil, no qual ela também queria ingressar.

Além disso, o estudante 2 contou que, muito embora, seus pais o apoiassem em continuar os estudos e até o incentivassem, não podiam contribuir muito, já que não concluíram nem o ensino médio e não “faziam ideia” de como funciona a universidade. O que, como já mencionado, é uma das características comuns da escolarização das famílias populares, relatadas por Bourdieu (2015), por mais que possuam “boa vontade” ou considerem importante ajudar seus filhos, não possuem conhecimentos e informações necessárias para auxiliá-los no momento de escolhas e estratégias.

3.3 Trajetórias Escolares de Sucesso e o Choque com os Exames de Seleção

A trajetória escolar dos alunos investigados se deu, na maioria dos casos, em escola pública e de forma linear; sem interrupções, com poucos casos de reprovação e sem nenhum abandono. Além do mais, a maioria deles terminou o Ensino Médio há pouco tempo; 32,9% em 2016, 28,6% de 1 a 3 anos (o que significa entre 2015 e 2013) e 25,7% ainda estavam cursando em 2017. O que demonstra que esses estudantes têm no desejo de cursar o ensino superior uma ideia de continuação da escolarização básica.

Gráfico 5- Tempo de conclusão do Ensino Médio



FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Foi relatado também pelos estudantes entrevistados algumas características das escolas da educação básica que frequentaram e as relações interpessoais construídas nesses ambientes. Dentre essas características o que se destaca é a preocupação que demonstraram ter nas escolhas dos estabelecimentos de ensino que frequentaram e com os seus rendimentos escolares. A estudante 1, por exemplo, durante uma fala, disse resolver trocar de escola no primeiro ano do Ensino Médio, porque considerou que a escola na qual estava matriculada não estava rendendo o quanto ela desejava:

Sempre achei escolas boas porque eu sempre fui muito autocrítica com a escola onde eu tava. Se eu achava que não tava legal, eu chegava pros meus pais e falava “pai não tá bom, quero mudar”. Tanto que isso aconteceu no meu primeiro ano, que eu fui pra uma escola mais perto de onde eu tava, só que o ensino era... não é que o ensino era ruim. É, que os alunos meio que não ajudavam muito no ensino, porque os alunos não queriam aprender e os professores ficavam desmotivados e então a aula não fluía. (ESTUDANTE 1, 2017)

Com essa preocupação e com o acompanhamento constante dos pais em relação à vida escolar dos filhos - como relatado na seção anterior-, as escolas foram consideradas, durante as entrevistas, como boas. Inclusive tendo alguns estudantes frequentado escolas referência⁴³ do estado de Minas Gerais. No entanto, quando perguntados a respeito da frequência com que a escola conversava com eles acerca do ensino superior e sobre o Enem, 48,6% afirmaram que isso acontecia poucas vezes, seguido de 24,3% que disseram conversar muitas vezes e 14,3% sempre. Esses dados apontam para uma tendência, já apontada por Whitaker (2010), de que nas escolas da rede pública brasileira, pouco se fala ou se discute com os estudantes a respeito do ensino superior. Enquanto nas redes privadas a preparação para os exames de seleção fazem parte do cotidiano escolar.

Tabela 6- Frequência com que a Escola falava sobre Ensino Superior

Frequência de Conversa	Frequência	Porcentagem
Sempre	10	14,3
Muitas vezes	17	24,3
Poucas vezes	34	48,6
Nunca	9	12,9
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa

Se não os estudantes não foram influenciados diretamente pela escola a desejarem o ensino superior algum aspecto da trajetória de vida deles terá influenciado na construção desse desejo. Como Piotto (2014) e Viana (2007) demonstraram em seus estudos acerca da longevidade das trajetórias escolares de estudantes de camadas populares, esses sujeitos encontram ao longo da vida, seja ela escolar ou não, possibilidades e incentivos que, de alguma maneira, os impulsionam a tentarem algo novo, ou ainda, ao irem além

⁴³ O Projeto Escola Referência (ER) é uma política do governo de Minas Gerais, implantada a partir do ano de 2003, tendo como lema o “desenvolvimento de ações que buscam a reconstrução da excelência na rede pública”. Ele visa à superação do fracasso escolar por meio de uma educação de qualidade, que promova a inclusão do aluno na sociedade. (PEREIRA, 2009, p.3)

do destino esperado para sua condição social, uma vez que, diferente das camadas mais altas, a longevidade escolar não é o destino esperado para eles. No caso dos estudantes entrevistados, esse incentivo foi encontrado, basicamente, em duas fontes: influência de familiares e experiências de sucesso.

Durante as entrevistas, narrativas a respeito da influência de familiares na decisão pelo ensino superior, esteve presente em quase todas as falas. Seja como no caso da estudante 5, na qual a mãe cursou o ensino superior à distância, quando ela ainda era pequena e sempre a incentivou a prosseguir nos estudos, ou no caso da estudante 4 que o tio fez, depois de mais velho, o curso de Engenharia Civil, a incentivando a cursar também esse curso. Ou ainda, o caso do estudante 3, que disse que apesar dos pais serem camponeses, tiveram condições de auxiliar o irmão mais velho na formação em logística e agora estavam auxiliando na sua formação. Essas histórias são consequências, na verdade, da expansão do ensino superior brasileiro, sobretudo nos anos 2000. São estudantes de camadas populares que tiveram a chance de ver, em suas casas, familiares que tiveram a oportunidade de acesso ao ensino superior e, dessa forma, foram influenciados por essa realidade, a também desejarem ocupar a universidade e a continuarem os estudos.

Já referente às experiências de sucesso escolar, temos, por exemplo, o caso da estudante 1 que o pai disse que ela iria continuar estudando já que era inteligente e assim teria futuro, diferente dos irmãos que não conseguiram prosseguir nos estudos. Ou ainda, o estudante 2 que disse ter sido inspirado por uma professora de sociologia que teve durante o ensino médio, que além de comentar sobre a UFMG com os alunos, os incentivou a cursar uma universidade e, mais do que isso, havia feito com ele um trabalho de conscientização em relação do quanto ele era capaz e das possibilidades que tinha, por meio das ações afirmativas, das cotas e dos programas de bolsa (Prouni, Fies), de acessarem a universidade

Diante dessas informações apresentadas, é possível supor, utilizando a teoria de Bourdieu (2011), que os estudantes do cursinho não são quaisquer sujeitos das camadas populares e sim, alunos *superseleccionados*. O que significa dizer que, esses estudantes são sujeitos que, dentro dos limites de sua classe social, apresentaram desempenho escolar de sucesso e, por conseguinte, tiveram a oportunidade de investir nos estudos. Porém, são poucos se comparados aos jovens da mesma faixa etária e nas mesmas condições econômicas que conseguem prosseguir nos estudos. E, justamente por conseguirem o êxito escolar e acessarem o ensino superior, colaboram, com a ideia de que o sistema de

ensino é baseado no mérito e no esforço próprio, pois se eles, em condições socioeconômicas precárias conseguiram, outros também podem conseguir, deixando de lado as questões de reprodução social nas quais o sistema de ensino está organizado. Em outras palavras, a situação de trãnsfuga desses indivíduos, de uma maneira ou de outra, corrobora para a perpetuação da reprodução social por meio da reprodução cultural. Pois enquanto nas camadas populares apenas alguns jovens conseguem vencer as barreiras que lhes são impostas e acessarem o ensino superior, a “regra” nas camadas mais altas, não só é a longevidade escolar, como também o rendimento máximo posterior dos diplomas conquistados.

No entanto, esses percursos escolares de sucesso também encontraram dificuldades, principalmente durante o ensino médio, sobretudo no terceiro ano, devido à necessidade que os estudantes tiveram de conciliar estudos e trabalho. O estudante 3, por exemplo, além de trabalhar e estudar, cursou outro cursinho popular no terceiro ano, o tempo escasso e assim não consegui se dedicar a nada. Ou ainda, a estudante 1, que durante toda a entrevista disse ser uma aluna brilhante, com notas boas, declarou que, no terceiro ano, em virtude do trabalho como Pequeno Aprendiz⁴⁴ seu rendimento escolar caiu. Essa realidade de conciliação entre trabalho e estudos, é algo comum na realidade dos estudantes brasileiros, com faixa etária entre 15 e 16 anos, segundo dados do Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgados em 2017, que desmontaram que 43,7% exercem alguma atividade remunerada após o período escolar, no chamado contra turno escolar.

Conquanto, mesmo com bons resultados e sendo considerados brilhantes durante a educação básica, os estudantes antes de entrar no cursinho, em sua maioria, já haviam tentado o Enem ao menos uma vez, como mostra a Tabela 8 abaixo:

⁴⁴ Projeto do governo federal criado a partir da Lei do Aprendizagem (Lei 10.097/00) com o objetivo de que as empresas desenvolvam programas de aprendizagem que visam a capacitação profissional de adolescentes e jovens, com idade entre 14 e 24 anos em todo país.

Tabela 8- Tentativas de vestibulares e Enem em anos anteriores

Vezes Vestibular/Enem	Frequência	Porcentagem
Não	9	12,9
Sim, uma vez	17	24,3
Sim, duas vezes	25	35,7
Sim, três ou mais vezes	19	27,1
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa

Em entrevista, eles expuseram também que haviam tido nos exames anteriores do ENEM desempenhos abaixo do que esperavam e que não conseguiram atingir notas nem próximas das necessárias para a aprovação nos cursos que almejavam. Concernente a isso, disseram que os principais motivos atribuídos ao baixo rendimento vinham do descompasso entre o que haviam estudado durante a escola básica e da falta de preparação para o Enem com ênfase na deficiência que sentiam ter em relação à escrita, devido à falta de prática de redações:

Então, por mais que a escola fosse boa ela não preparava a gente. Ai que fui um desastre principalmente na redação, mas também, minha professora até tentava, mas como ia corrigir aquele tanto todo mês? Não dava. Ai com o resultado eu vi que eu tinha que sai de lá e tentar aqui. Que se eu ficasse lá eu não ia chegar nem perto da Medicina ne, mesmo a escola sendo boa, eu achava boa pelo menos. (ESTUDANTE 5, 2017)

Ou seja, quando esses estudantes enfrentaram os exames de seleção, principalmente quando concorrem a vagas em cursos mais concorridos como medicina, o rendimento que até então na escola básica pública além de satisfatório era considerado como “alunos brilhantes”, não foi suficiente. O que aponta, mais uma vez, a divergência entre as escolas públicas e os exames de seleção, ou, usando as palavras de Bourdieu (p.58, 2015) “[...] as cartas são jogadas muito cedo [...]”. Enquanto os jovens de camadas mais altas são preparados desde a educação básica para esses exames e possuem, nas escolas privadas, currículos e práticas pedagógicas voltadas para essa preparação, os estudantes de camadas populares descobrem, somente no momento da seleção, que a preparação que tiveram até então, não é suficiente para conseguirem acessar o ensino superior.

3.4 A Universidade: Um desejo, mas um universo pouco conhecido até a entrada no cursinho

Foi perguntado aos estudantes o tipo de ensino superior (público ou privado) que pretendiam cursar e 90% disseram que pretendem cursar uma universidade pública, enquanto que os outros 10% dizem querer cursar tanto uma universidade pública quanto uma universidade privada. Em relação a qual instituição, a maioria deseja estudar na UFMG, mas alguns deles, apontam que outras universidades em Belo Horizonte ou, até mesmo, outras instituições de ensino, dentro ou fora de Minas Gerais, também os interessa, como demonstra a Tabela 9. Essa opção majoritária pela UFMG está diretamente relacionada à classe social dos estudantes, uma vez que bancar os custos de moradia, alimentação e transporte para frequentar uma universidade em outra cidade ou estado poderia comprometer suas rendas familiares.

Tabela 9- Universidade pretendida pelos estudantes

Local	Frequência	Porcentagem
UFMG	60	85,7
Outra universidade em BH	1	1,4
Outra universidade em Minas Gerais	1	1,4
Fora de Minas Gerais	2	2,9
UFMG e outra em BH	2	2,9
UFMG e outra de Minas Gerais	2	2,9
UFMG e outra fora de Minas Gerais	2	2,9

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa

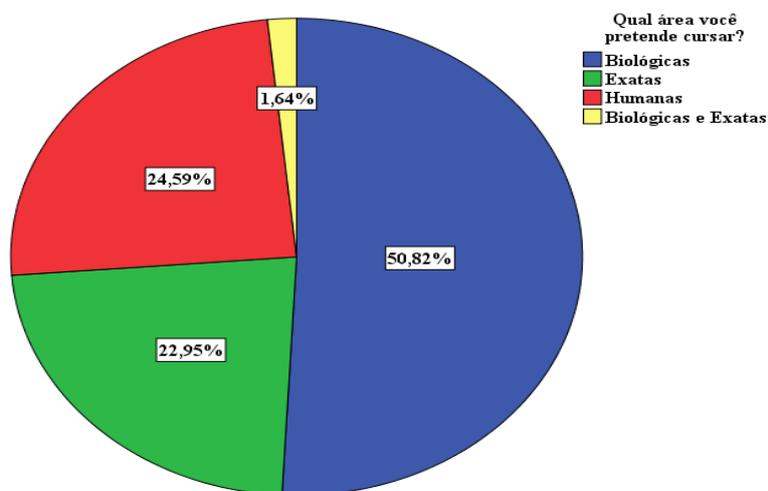
Muito embora a vontade em cursar a UFMG já exista, nas entrevistas os estudantes disseram que o fato de “estar nela” todos os dias para fazer o cursinho só reforçou esse desejo, pois além de ampliar o conhecimento que possuem sobre a universidade – como será apontado na seção seguinte – criou uma espécie de encantamento com todas as possibilidades que ela oferece:

Não, eu sempre quis fazer faculdade. Só que eu nunca tinha pensado em uma federal como opção. Eu passava na porta da UFMG e ficava “Nossa, ali é maravilhoso” Só que nunca tinha sido uma opção. Eu sabia que eu queria fazer faculdade e. (pequena pausa) era relativamente boa em exatas, mas eu sempre fui muito da área de humanas.... Eu já pensei em ser advogada, já me falaram

que eu tinha que ser professora porque eu tenho desenvoltura com aluno, mas aí eu optei por jornalismo no meu primeiro ano. Eu entrei assim e aí já bombardeiam a gente “você tem que decidir o que você quer”. Aí eu decidi que eu queria fazer jornalismo e eu ia optar por uma privada. Só que aí eu tive a oportunidade do Equalizar e aí eu to tentando, se eu conseguir uma privada, ok, mas eu quero mesmo uma federal. Na verdade, eu já me imagino aqui na UFMG, é um sonho mesmo pra mim. (ESTUDANTE 1, 2017)

No tocante à escolha de área e o curso no ensino superior, 87% dos estudantes responderam já saber qual área e/ou curso pretendem cursar, nos questionários. Desses 61 alunos que já escolheram, 50,8% pretendem cursar na área de biológicas, 21% em humanas e 20% em exatas. Já em relação aos cursos pretendidos⁴⁵, as chamadas profissões imperiais; medicina (24,3%), engenharia (11,2%) e direito (8,5%) – além de possuírem maior status social, são as mais concorridas nesses exames de seleção- são as mais escolhidas pelos estudantes, liderando a escolha pela Medicina.

GRÁFICO 6- Área pretendida pelos estudantes



FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Com referência à preparação para os processos de seleção, 37,1% dos estudantes disseram já terem frequentado outros cursinhos, sendo que a maioria o fez em cursinhos privados (61,5%), seguidos de 19,2% que fizeram em outro cursinho gratuito e 19,2% que fizeram em cursinhos privados com bolsa.

⁴⁵ Tabela disponível no Apêndice VII da presente pesquisa.

Tabela 10– Tipo de Cursinho já frequentado pelos estudantes

Tipo de Cursinho	Frequência	Porcentagem
Outro cursinho gratuito	5	19,2
Cursinho particular com bolsa	5	19,2
Cursinho privado	16	61,5
Total	26	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

A estudante 4 estudou durante o seu terceiro ano em um cursinho privado e disse só ter conseguido custeá-lo, com dificuldades, porque trabalhava meio período, mesmo assim se sentia perdida, pois não tinha a base necessária para acompanhar as matérias lecionadas. Ela narrou também que a experiência a ensinou como estudar durante o Equalizar e fez mudar sua postura em relação à organização de seu tempo. Já o estudante 3 fez outro cursinho popular, também conciliado com o terceiro ano do ensino médio e trabalho. Segundo ele, nesse cursinho haviam pessoas mais velhas e, por isso, as matérias eram lecionadas de forma mais “lenta” o que não possibilitava um aprofundamento. Mas em sua avaliação seu desenvolvimento não foi tão satisfatório como poderia ser, em razão da sua falta de tempo para se dedicar aos estudos. O que se observa nesses relatos, principalmente o da estudante 4, é que para esses estudantes com defasagem de conteúdo e até mesmo de capital informacional a respeito dos processos de seleção ao ensino superior, não basta frequentar quaisquer cursinhos. Pelo contrário, para que consigam ter um desenvolvimento satisfatório é preciso que os alunos frequentem cursinhos que estejam dispostos a adequar suas propostas pedagógicas às suas necessidades e, mais do que isso, agir não apenas na transmissão de conteúdo, mas também na contribuição em outros aspectos que serão apresentados a seguir.

3.5 A Chegada ao Equalizar

De acordo com as respostas dos questionários, a motivação pela frequência a um cursinho popular aconteceu em virtude da dificuldade financeira dos estudantes em custear um cursinho privado e também a necessidade de se prepararem melhor para os exames de seleção ao ensino superior. Já a opção pelo Equalizar, mais especificamente,

aparece ligada à sua qualidade, a indicações de amigos ou pessoas próximas que já frequentaram o cursinho, ou ainda, graças ao histórico de aprovações disponível no site, que desperta nos estudantes, interesse.

Nas entrevistas, os estudantes 1, 2 e 3, disseram terem procurado o Equalizar porque se encantaram com os resultados conseguidos por amigos. Segundo eles, não apenas em relação ao conteúdo, mas a “propaganda” que esses amigos faziam da dinâmica do cursinho como um todo, despertou neles a curiosidade e o desejo de fazer parte. A estudante 1, por exemplo, disse que só queria “se fosse o Equalizar”, que não tinha vontade de fazer outro cursinho. Se caso não passasse na seleção, iria estudar em casa. Ou, como descrito pelo estudante 3, o desenvolvimento de seu amigo no terceiro ano do ensino médio, por causa de estar cursando o Equalizar, despertou nele o desejo de também frequentá-lo, já que estava em outro cursinho popular e não estava se desenvolvendo da mesma forma:

Então foi no terceiro ano, enquanto eu tava fazendo esse (nome do outro cursinho)⁴⁶, tinha um amigo meu, da minha sala que tava fazendo o Equalizar que eu não sabia antes. Ai no terceiro ano ele tava fazendo, e sabe o desenvolvimento dele na sala foi muito, muito grande. Ele começou, ele sabia as matéria (sic) tudo antes do professor começar introduzir. Ai, todo mundo na sala ficou assim né: “Nossa o Equalizar deve ser muito bom”. Aí eu disse, vou fazer esse cursinho, tem que ser ele. (ESTUDANTE 3, 2017)

As estudantes 4 e 5, por sua vez, chegaram até o Equalizar por indicação de pessoas próximas, mas motivadas pela questão financeira. A estudante 4, aliás, declarou que de início tinha receio de que o cursinho não fosse atender ao que ela procurava. Porém, pesquisou sobre ele em seu site e após a prova de seleção, disse ter ficado empolgada a frequentá-lo. De forma semelhante aconteceu com a estudante 5 que, ao fazer a prova de seleção e ver que estudaria na UFMG, se sentiu motivada a frequentar o Equalizar, principalmente porque seus professores seriam estudantes da universidade: “Quando eu fui lá fazer a prova e vi que ia estudar na UFMG, gostei. Ainda mais que meus professores iam ser estudantes né.... Tipo eu já ia aprender muita coisa com eles e tal. No começo não queria muito, porque achei que não ia aprender, mas depois da prova eu fiquei animada a fazer.” (ESTUDANTE 5, 2017).

⁴⁶ Por motivos éticos, o nome do outro cursinho popular em que o estudante se refere na entrevista não será publicado.

3.6 A Descoberta da Universidade

A UFMG era, até o momento em que os estudantes se propõem a participar do processo seletivo do Equalizar, um universo praticamente desconhecido para eles. Alguns declararam, como a estudante 1, já ter ido ao consultório odontológico, ou então, como a estudante 5, ter participado da mostra de profissões, mas nenhum deles disse ser familiarizado com o ambiente. Por assim ser, quando interrogados acerca da impressão que tiveram em relação a universidade, nos primeiros dias de aula, o tom da resposta foi de deslumbre. De encantamento não apenas pelo tamanho e pela estética da universidade, mas, mais que isso, pelas oportunidades que ela oferece e as diversas outras atividades, além do ensino, que existem em seu interior. Além disso, os estudantes apontam que, estarem na UFMG, os motiva a estudar mais, a se dedicarem e, até mesmo, a querer conhecer melhor como ela funciona:

É.. Eu sou apaixonado com esse lugar aqui, porque é muito diversificado sabe, é um outro ambiente. É tipo muito...é como se a gente tivesse realmente fora de um outro lugar, porque você tem uma coisa mais metódica fora e você tem uma diversidade maior aqui dentro. Então você abre, amplia seus conhecimentos, sua opinião a sua formação. Eu quero ficar aqui para sempre, acho (risos). Você acaba que tipo você tem contato diário com o que tá acontecendo, com discussões, debates e.... tudo do mundo universitário. (ESTUDANTE 2,2017)

Nossa, eu fiquei maravilhada! No dia da prova, que eu e minha melhor amiga a gente passou juntos, ela faz aqui também... E quando a gente entrou, no dia da prova, a gente até entrou aqui no Campus falando, “que maravilhoso a gente poder fazer esse caminho todo dia, pra poder vir estudar” e aqui é, o ambiente é muito propício. Você, que acho que, quando eu tô na UFMG eu me sinto motivada a estudar, tanto que eu chego aqui mais cedo. Porque quando eu tô em casa eu tenho um desempenho bom, mas quando eu venho mais cedo parece que o ambiente aqui te motiva a estudar, porque por mais que ela te oferece muitas outras coisas também, mas o ambiente é muito gostoso, por mais que eu não goste muito da escola de engenharia. Mas o ambiente é muito gostoso, é um lugar muito gostoso pra você ficar. (ESTUDANTE 1, 2017)

Ainda sobre a universidade, quando interrogados sobre os espaços que conheciam e as atividades para além do cursinho que participaram, disseram tentar “explorar” o máximo que podiam do campus. O estudante 3 descreveu que quando podia andava pelos departamentos e pelas faculdades, a fim de conhecer um pouco do que cada uma delas tinha a oferecer. Disse também que já tinha ido em algumas exposições do Instituto de Ciências Biológicas. Já o estudante 2 contou ter ficado fascinado com a biblioteca do

Faculdade de Ciências Humanas (FAFICH), mas lamentou o fato de não poder pegar nenhum dos livros emprestados.

Outrossim, a estudante 1 declarou que por frequentar a universidade acabou fazendo amizades dentro do campus e aprendendo com elas um pouco acerca da dinâmica universitária. Segundo ela, aprendeu, por exemplo, que é necessário durante a vida universitária dosar as festas e os estudos, porque tinha muitos amigos que não estudavam durante o semestre letivo, porque iam a muitas festas e depois ficavam noites sem dormir para conseguir cumprir com suas atividades. Essa mesma estudante contou ter tomado conhecimento de algumas atividades que a universidade oferece, como curso de línguas lecionado por estudantes de intercâmbio, curso livre de teatro, além de vários clubes e agremiações e que essas oportunidades só aumentaram a sua vontade de estar na UFMG, como estudante, no ano seguinte: “Então aqui tem muita coisa atrativa que te faz querer ficar aqui. Também pelo ensino, porque você percebe como o ambiente é diferente até para querer estudar. Aí você se foca em não querer sair daqui, tanto que meu maior medo é Meu Deus, tô fazendo cursinho ano que vem não tô aqui.” (ESTUDANTE 1, 2017)

Do mesmo modo em relação ao cotidiano do cursinho, os estudantes afirmaram ser muito diferente do que estavam acostumados durante a educação básica, mas que a forma como era organizado e, principalmente, como as aulas eram conduzidas despertavam neles ainda mais interesse em estudar e, até mesmo, procurar sozinhos o conhecimento. Como a estudante 5 contou na escola ela estudava apenas quando havia necessidade, perto de alguma prova ou quando não entendia muito bem a matéria dada em sala de aula, pois como os conteúdos não eram aprofundados e nem tinham como objetivo o ENEM, não era necessário muito esforço. Já no cursinho ela aprendeu a ser autônoma, a procurar se desenvolver em casa, a utilizar as ferramentas disponibilizadas pelo cursinho em seu favor- como a plataforma de estudos online- e acima de tudo, usando as suas próprias palavras “a estudar para aprender e não para passar de ano”.

Outra questão que é avaliada pelos estudantes como benéfica são as atividades extracurriculares propostas ao longo do ano. De acordo com o estudante 3, por exemplo, a visita a Inhotim⁴⁷, realizada em junho de 2017, possibilitou aos alunos uma aula prática de botânica e de arte, além da oportunidade de interação com os professores e colegas.

⁴⁷ Inhotim é Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), localizada na cidade de Brumadinho – Região Metropolitana de Belo Horizonte, e conta com um Jardim Botânico e com diversas exposições de Arte Contemporânea ao ar livre. (Informações retiradas do blog da instituição: <http://www.inhotim.org.br/>)

Além disso, as atividades como o Workshop de Medicina, ou as visitas a laboratórios da universidade, segundo os entrevistados, trazem a eles não apenas uma visão ampliada do curso que desejam fazer, mas também outras possibilidades para além do que já planejaram. Da mesma forma, as aulas temáticas, propostas pelo Nap ou por alguma área do conhecimento, são avaliadas pelos estudantes como momentos de troca de saberes e de experiências que não só, como relatado pela estudante 5, “faz com que a gente veja que tem outras pessoas no mesmo barco que a gente. Também preocupado, também ansioso”, como oportuniza a discussão de temas que são de interesses da juventude como um todo e fazem parte da realidade deles. O estudante 2 confessou que depois das discussões que acompanhou sobre feminismo e principalmente, sobre empoderamento feminino, mudou totalmente sua visão do movimento. Segundo ele “eu tinha uma visão que era a que meus colegas falavam, mas depois que eu vi as meninas explicando, foi diferente. Vi que elas lutam pelo que eu acho certo”.

Ademais, o cursinho também conta com outras atividades, como a aula de forró ou encontros pontuais organizados pelos próprios estudantes, que tem como objetivo a socialização entre todos – estudantes, equipe pedagógica, professores, monitores e diretores- e que, segundo os alunos entrevistados, são muito importantes. A estudante 1 declarou que, por meio dessas atividades e da proximidade estabelecida com todos, o cursinho acaba se tornando uma grande família, na qual todos ajudam a todos. Como ela descreve, o forró aos sábados, após o simulado, além de proporcionar um momento de relaxamento, faz com que professores e estudantes dançam juntos, se tornem amigos.

Isto é, essa dinâmica descrita acima e desenvolvida pelo cursinho é muito diferente do que esses estudantes estavam acostumados em relação a ambiente escolar. Por ser assim, desperta neles, em um primeiro momento, fascínio e interesse em participar. Mas o que faz com que queiram continuar e, mais especificamente, se mantenham motivados durante as atividades, é que elas são desenvolvidas sempre com a preocupação de que sejam proveitosas e de que não só os prepare para os exames de seleção, mas também os estimule a se tornarem autônomos em seus processos de aprendizagem, algo pouco incentivado na educação básica.

3.7 Relação com os Professores

Como relatado no capítulo anterior, a relação entre professores e alunos no Equalizar, se dá de maneira aberta e por meio da troca. Essa abertura possibilita que os

estudantes se sintam seguros para procurá-los sempre que preciso, inclusive para sanar dúvidas e curiosidades em relação ao ensino superior e aos processos de seleção. Como narrado pelo estudante 3, um dos assuntos mais recorrentes durante as conversas com os professores, é a respeito da universidade “ah, isso é assunto de todo dia”, que vão desde dúvidas sobre como a universidade e os cursos que desejam fazer funcionam, até mesmo dúvidas referentes a forma como a prova do Enem é corrigida e as notas que são necessárias (nota corte) para cada curso. Esse mesmo aluno, relatou que a sua escolha pela Engenharia Ambiental foi influenciada por uma conversa que teve com o seu professor de geografia. Segundo ele, estava em dúvida em fazer Engenharia Ambiental ou Geografia, mas depois de muito conversar com seu professor, optou pela engenharia porque descobriu que o campo de atuação do profissional da geografia não iria possibilitar a ele trabalhar com o que desejava.

Indo além, quando os professores não dominam a área na qual o estudante quer se formar, tentam, ao máximo, auxiliá-lo, como o exemplo da estudante 1, que tinha o desejo de fazer jornalismo e alguns professores passaram contatos de conhecidos que faziam o curso. E mais do que isso, o fato dos professores ouvirem os estudantes e acreditarem que eles conseguem, que são capazes de cursar o que desejam, já é, para eles, um diferencial:

Só que, por exemplo, até os professores aqui mesmo, você fala o curso que você quer fazer, eles “nossa, legal”, por mais que é, que aqui as pessoas saibam da dificuldade que é, principalmente pro jornalismo, que o mercado é realmente ingrato, eu acho que com todo profissional é um pouco assim, mas tem uns que sofrem um pouco mais. Mas que o mercado é um pouco ingrato, que as vezes o salário não é tão satisfatório, eu sei que é isso que eu quero, até porque algumas pessoas daqui, conhecem pessoas que fazem jornalismo aqui e eu consigo o contato dessas pessoas. E eu vou tendo o contato com essas pessoas que fazem o curso e eles vão me falando e eu vou ficando mais encantada ainda pelo curso. (ESTUDANTE 1, 2017)

Ademais, durante as conversas com os professores e mesmo o contato com a universidade, os estudantes além de ampliarem o conhecimento sobre o universo acadêmico, acabam por construir outras estratégias para o acesso ao ensino superior, além do desejo principal que tinham. Escolhem cursos alternativos à primeira opção, como a estudante que quer Medicina e pensa em segunda opção fazer Fisioterapia ou Enfermagem, ou a que pretende cursar Jornalismo, mas se interessa também por História e Letras. A grosso modo, essas outras possibilidades de curso que surgem, como demonstrado por Kato (2011), ao terem contato com a universidade e, sobretudo com os professores que possuem vínculo com ela, acontecem porque os estudantes acabam a

conhecendo melhor e assim, adequando suas aspirações às suas possibilidades objetivas no que, para Bourdieu, nada mais é que:

Nesse caso, a concordância das expectativas com as possibilidades, das antecipações com as realizações, está no princípio dessa espécie de “realismo”, enquanto sentido da realidade e senso das realidades que faz com que, para além dos sonhos e das revoltas, cada um tende a viver “de acordo com a sua condição”, segundo a máxima tomista, e tomar-se inconscientemente cúmplice dos processos que tendem a realizar o provável. (BOURDIEU, 2015, p.91)

3.8 A Contribuição do Cursinho

Para os estudantes, as contribuições do cursinho vão muito além do conteúdo aprendido ao longo do ano. Mesmo sendo esse o objetivo central da entrada e permanência no Equalizar, outros aspectos podem ser elencados como importantes contribuições na trajetória não apenas acadêmica, mas de vida dos estudantes. Dentre elas: autonomia nos estudos, promoção da autoconfiança e da motivação, ampliação do conhecimento sobre a universidade, crescimento pessoal e construção de uma rede de solidariedade.

Em relação à conquista de autonomia nos estudos, como já mencionado, os estudantes disseram que, com o desenvolvimento das atividades do Equalizar e como eles propõem o ritmo de estudo, aprenderam a se organizarem e, para mais, construíram suas próprias ferramentas de estudo. Seja a estudante 5 que relatou que, como trabalha e não consegue fazer a lista de exercícios, descobriu que se ouvir as vídeo-aulas enquanto faz as tarefas domésticas é uma forma de apreender o conteúdo. Ou a estudante 4 que disse que descobriu que uma das estratégias possíveis de estudos é a que, antes mesmo do conteúdo ser dado em casa, acessá-lo na plataforma de estudo online disponível, porque assim quando está em sala, já sabe em quais partes tem dúvidas e assim pode saná-las. Enfim, a liberdade em sala de aula e mesmo a ajuda, já mencionada no capítulo anterior, prestada pelo Nap, possibilitou a esses estudantes não apenas serem receptores do conhecimento, mas também construírem suas estratégias de estudos que, muito provavelmente, os ajudarão posteriormente na vida acadêmica.

Nesse mesmo sentido, a preocupação constante dos professores em despertar nos alunos a autoconfiança e a motivação, fazendo com que acreditassem neles mesmos e que seria possível alcançar o que desejavam, fez com que, como descrito pela estudante 4,

confiasse mais em si. Ela mesma relatou que, comparando o seu desenvolvimento ao longo do ano, principalmente no último simulado que havia feito, um fim de semana antes da entrevista, ela ficou surpresa porque descobriu que era capaz de fazer, até com facilidade em algumas questões, a prova de Ciências Humanas e suas tecnologias, o que, até então, não achava que seria possível. Ou o estudante 2, que disse não acreditar que as redações que estava escrevendo era mesmo ele que tinha feito, pois durante a educação básica nunca havia conseguido escrever um texto que pudesse ser considerado como satisfatório. Ou até mesmo, o relato apresentado na seção anterior, no qual a estudante 1 conta que, diferente de outras pessoas, os professores a incentivou a tentar o curso que desejava fazer que era o jornalismo. Essas são questões que, se considerada a realidade desses estudantes e o destino de classe esperado para muito deles, faz a diferença em suas trajetórias. Terem pessoas preocupadas não apenas em ajudá-los com o conteúdo, mas em estimulados e em promover a autoconfiança, faz com que ampliem seus desejos e aspirações, conseguindo vislumbrar horizontes até mesmo desconhecidos, como uma pós-graduação ou novas possibilidades de curso.

A respeito do crescimento pessoal, os estudantes disseram, nas entrevistas que o convívio no Equalizar trouxe a eles o contato com outras visões de mundo e opiniões diferentes, o que proporcionou um amadurecimento tanto pessoal, quanto em relação ao mundo. O estudante 2, relatou que, depois de dois anos de Equalizar, é outra pessoa. Está diferente não só em relação ao que conhece, mas em relação as suas opiniões e aos seus posicionamentos. O estudante 3, disse que o cursinho o deixou mais humano, pensando mais no próximo e na ideia de que ajudar os outros, acima de tudo, faz bem para nós mesmos. Nesses momentos de avaliarem as contribuições pessoais do Equalizar as falas são carregadas sempre de muita emoção e foi possível notar, nas entrevistas, um verdadeiro encantamento dos alunos pelo cursinho. A fala da estudante 1, traduz bem o que o Equalizar significa para eles:

Eu sou muito grata a eles. Realmente eu sou muito grata a cada uma das pessoas do Equalizar. Porque eu sei que sem o suporte deles talvez a minha nota não ia melhorar. Claro que poderia melhorar, porque eu ia estudar em casa, mas não é a mesma coisa. O suporte que eles dão, a disposição que eles dão, os ensinamentos que realmente não só ensinamentos só pro Enem, mas pro que a gente quer pra vida. Essa questão de ser solidário com o outro. Então isso tudo, me faz ser muito grata a eles, entende?! Só realmente agradecer. Talvez esse esteja sendo um dos anos mais incríveis da minha vida, eu ainda tenho muita coisa pra viver, mas talvez tenha sido um ano muito incrível na minha vida. E eu sei que eu vou sentir muita falta, independentemente da pressão do Enem, eu vou sentir muita falta do Equalizar pela dinâmica que é entro de sala, pelo suporte que eles dão pra gente, por tá sempre querendo

ajudar. Isso é uma coisa que eu não tive na minha vida de escola. As vezes os professores estavam lá, querendo ajudar, mas não é com a mesma intensidade, não é do mesmo jeito. Então se tivesse que dar uma nota de 0 a 10 assim, seria 10 sem dúvida. (ESTUDANTE 1, 2017).

Outra questão tida pelos estudantes como uma grande contribuição do Equalizar é a promoção da solidariedade construída no cursinho, como demonstrado no capítulo anterior. Diferente de outras redes privadas de ensino, o cursinho, ao invés de estimular a concorrência entre os estudantes, divulgando rankings de notas ou coisa parecida, estimula que eles se ajudem através de grupos de estudos, troca de materiais e atividades em grupo. Além do que, a própria forma como é construído, por meio da solidariedade e do voluntariado, desperta nos estudantes a vontade de ajudar e de também fazer parte das atividades, transformando o Equalizar em uma corrente do bem, como mencionado no capítulo anterior. Em outras palavras, indo na contramão da indústria do vestibular que baseia o sucesso das instituições de ensino na concorrência interna e externa, o Equalizar, seguindo a tendência dos outros cursinhos populares, incentiva a solidariedade e acredita que os estudantes juntos, podem ir muito mais além do que se competirem uns com os outros.

Sinceramente? Eu não vejo competitividade aqui. Isso é uma coisa que me deixa muito aliviada, porque a gente tem professores que vieram de outras escolas e até professores que estudaram em escolas muito boas, como o (nome de uma rede privada conhecida de cursinhos)⁴⁸, e eles falam como que é a dinâmica dos outros cursinhos. O povo tipo, é ensinado, o que é depreciante, mas é ensinado a fazer as coisas para prejudicar o outro. Aqui não, aqui eu acho que a gente cria um, não sei exatamente como isso começa, mas a gente cria uma finidade, cria uma paixão, não sei se paixão é uma palavra certa, mas um carinho com o colega. É.. E tá querendo sempre ajudar, tanto que tem, eu as vezes sou muito bitolada com estudos, e tem uma amiga minha, da minha sala, que eu sempre fico falando com ela, “exaustão leva a perfeição” e ela “não, não é. Você não vai morrer por causa disso”. A gente se preocupa com o outro. Quando a gente vê a pessoa mal, a gente chega lá e pergunta “Como é que você tá? Você está bem?” Porque a gente entende um pouco da pressão, e a gente sabe que é uma coisa que os professores, deixam bem claro, que você tentar ganhar em cima do outro não vai adiantar em nada. Nosso professor de filosofia, principalmente, ele conversa muito isso com a gente, que ele até brinca, brinca não, ele fala a verdade “existe vida após o Enem.” E a gente tá sendo ensinado e tudo, a nossa vida inteira gira em torno de uma prova. Só que não é assim que funciona. A gente não tem que entrar na faculdade no momento que todo mundo entra, a gente não tem que fazer as coisas no momento que todo mundo entra. Eles veem a importância do Enem, por isso eles fazem o cursinho, eles tão sempre incentivando a gente a querer estudar, a querer passar, mas ao mesmo tempo eles falar, eles estão sempre reforçando “se matar por estudo não adianta. Não adianta, porque, às vezes você se mata por isso, chega na hora da prova você não consegue fazer a prova e fica desesperado” então se matar por estudo. Não adianta. Se não conseguir, você

⁴⁸ Por questões éticas, o nome do cursinho mencionado não será divulgado.

tem o resto da vida pra tentar, entende? Eu acho que é uma dinâmica um pouco diferente dos outros cursinhos que precisam da aprovação deles para o nome deles serem bem vistos e bem quistos. Aqui é claro, a gente precisa de um número de aprovação para passar pro pessoal da engenharia? Precisa. Mas acima de tudo tem uma humanidade. Eles sabem do momento que a gente tá, sabem da pressão que a gente tá. Então é um tentando ajudar o outro, tanto dos professores quanto dos alunos. (ESTUDANTE 1, 2017)

Para mais, como trabalhado ao longo do capítulo, a convivência no ambiente acadêmico e o contato com os professores possibilitou aos estudantes conhecer a universidade e ampliar as informações que tinham acerca de como ela funcionava. Do momento da chegada ao cursinho, em que mal conheciam a UFMG, até as entrevistas esses estudantes já conheciam muitos departamentos, atividades e até mesmo as dinâmicas dos cursos que pretendiam cursar, o que representa para eles um ganho que, talvez sem essa oportunidade não teriam. Ganho esse que além de ajudá-los diante dos processos de seleção, por exemplo na hora da escolha do curso ou instituição, os auxiliarão depois da aprovação, em uma possível trajetória acadêmica

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações finais foram organizadas, retomando os pontos/aspectos mais relevantes que foram apresentados e defendidos ao longo da dissertação. A presente pesquisa teve como objetivo compreender as contribuições dadas pelos cursinhos populares aos seus estudantes, em relação ao acesso ao ensino superior. Partindo do princípio de que a maior contribuição dada a esses alunos é, sem dúvidas, a preparação em relação aos conteúdos, mas considerando também que não basta o domínio deles para o sucesso no acesso ao ensino superior, a investigação concentrou-se em entender as “contribuições para além do conteúdo”. Diante disso, o intuito do estudo foi entender quais são essas contribuições dadas pelos cursinhos populares e como elas são construídas em seu cotidiano escolar.

Baseado nas contribuições de Bourdieu e Parseron acerca do sistema de ensino e a reprodução cultural foi possível perceber que o sucesso/fracasso escolar, além de não estar relacionado apenas ao mérito individual ou capacidade cognitiva dos sujeitos, é construída desde muito cedo, ao longo das trajetórias escolares, por meio do habitus, por meio da transmissão da herança cultural e de informações e estratégias diante do mercado escolar. Assim sendo, quando pensado o jogo escolar pelo acesso ao ensino superior não se pode imaginar que apenas as transmissões dos conteúdos exigidos nos exames de seleção bastariam para garantir o sucesso escolar dos estudantes de camadas populares. Em vista disso, a necessidade de investigar as contribuições fornecidas pelos cursinhos populares que estão além do conteúdo e que auxiliam esses estudantes no jogo escolar. Em outras palavras a necessidade de entender como, além de preparar os estudantes para o que é exigido no jogo escolar, os cursinhos lhes ensinam a construir e compreender as estratégias de jogo.

Da mesma maneira, por meio do resgate histórico dos exames de seleção ao ensino superior, assim como a respeito da própria indústria do vestibular criada em razão deles, foi permitido constatar como as desigualdades de acesso ao ensino superior foram historicamente construídas e contribuíram para a criação do “Efeito cursinho”. Segundo Whitaker (2010), o acesso ao ensino superior no Brasil, sobretudo em cursos mais concorridos, fica quase que “refém” da frequência a cursinhos, uma vez que em sua pesquisa foi constatado que a maioria dos estudantes ingressantes em universidades públicas paulistas haviam frequentado algum cursinho durante, pelo menos, um ano.

Sendo assim os cursinhos populares surgiram como resposta da sociedade civil a essa indústria e têm como objetivo principal a inserção de estudantes de camadas populares no ensino superior. Organizados principalmente por meio do voluntariado e com uma ideia de formação mais ampla que apenas os conteúdos necessários para o sucesso nos exames de seleção, os cursinhos representam uma alternativa para que esses jovens possam ampliar suas trajetórias escolares e dessa forma, terem condições no pleito por vagas no ensino superior.

Para a realização da pesquisa foi escolhido o cursinho Equalizar, localizado UFMG, em Belo Horizonte, sendo utilizados como recursos metodológicos questionários, entrevistas e observação de algumas aulas. Acerca da metodologia da investigação é possível dizer que além de contribuir para a apreensão de diversos aspectos da problemática traçada, a utilização de mais de um recurso metodológico, sobretudo na mescla de instrumentos quantitativos e qualitativos, contribuiu para a formação da pesquisadora, permitindo o contato com diferentes formas de inserção no campo e de análise de dados.

A respeito da fundação assim como do funcionamento do Equalizar constatou-se que, assim como outros cursinhos populares, a instituição surgiu da iniciativa de jovens universitários que tinham o desejo intervir na sociedade contribuindo no acesso de jovens de camadas populares ao ensino superior. Como constatado nas entrevistas, o que motiva esses jovens a participarem do cursinho, de forma voluntária, é a identificação com seu objetivo e também a vontade de iniciar a carreira docente. Dessa forma, todas as atividades desenvolvidas, o compromisso e a dedicação desses estudantes ao cursinho, mesmo que não fosse o objetivo principal da pesquisa, sobressaiu nas análises, configurando como um possível tema de pesquisas futuras, sobretudo no campo da sociologia da juventude.

Referente a proposta pedagógica perseguida pelo cursinho, intitulada pelo presidente como “educação pelo lúdico” e “formação para a vida” e, mais do que isso, a forma como são conduzidas as aulas e as interações entre professores e alunos dentro de sala de aula, partindo da ideia de os sujeitos serem donos dos seus processos de aprendizagem, configura-se como uma das contribuições do cursinho. Já que como foi tratado na pesquisa, a conquista de autonomia para os estudos é um diferencial da formação no Equalizar, pois além de auxiliar os estudantes diante dos processos seletivos ao ensino superior, em razão do amadurecimento e da própria mudança de postura diante da prova, é também uma importante contribuição para que depois, na universidade,

consigam organizar suas trajetórias acadêmicas e, assim atingirem o sucesso escolar nessa etapa de ensino. Além do que, os aprendizados acerca de organização e do planejamento extrapolam a questão acadêmica e podem auxiliar os alunos em outras esferas da vida, como mercado de trabalho, vida financeira e até mesmo planejamento pessoal.

Um dos responsáveis por essa promoção de autonomia dos estudantes e que é, inclusive, uma novidade do Equalizar em relação aos demais cursinhos populares, é o Núcleo Psicopedagógico que tem como função principal atuar em aspectos para além da sala de aula que contribuirão na preparação dos estudantes. O núcleo, além de fazer atendimentos em relação à construção dos planos de estudos, das angústias em relação ao processo de seleção e atividades que envolvam o controle da ansiedade, atua com atendimento psicológico clínico, quando necessário. Desse modo, contribuem também na promoção da autoconfiança e na autoestima dos estudantes, uma vez que oriundos de escolas públicas e de camadas populares esses alunos carregam, muitas das vezes, o estigma de que não vão conseguir ou que não são capazes de estar em uma universidade pública, como estudantes.

Além disso, um aspecto no qual o Equalizar, assim como os outros cursinhos populares, se diferencia dos cursinhos comerciais da chamada “indústria do vestibular”, é no não fomento da competição, tanto entre os estudantes do cursinho, quanto com outras instituições. Pelo contrário, a bandeira levantada e defendida pelo Equalizar é de solidariedade e de apoio entre eles. Como relatado nas entrevistas, os alunos se ajudam, estudam juntos, compartilham materiais e fazem planos de entrarem todos na universidade. O que, além de aliviar a pressão de competição o tempo todo para os estudantes, acaba por contribuir na construção de indivíduos mais solidários e preocupados com o outro como, por exemplo, o caso da contribuição dos estudantes com o aluno do pré-técnico, conforme identificado na presente pesquisa. Isto é, os cursinhos populares vão na contramão da “indústria do vestibular” incentivando a colaboração entre os estudantes ao invés da competição, o que, além de contribuir na preparação deles, auxilia na formação de sujeitos mais preocupados com o próximo e menos individualistas, formando uma espécie de “corrente do bem”. Prova disso é a vontade dos estudantes entrevistados em voltarem o Equalizar, de alguma maneira, depois da aprovação como integrantes ou, até mesmo, em ajudarem em outros projetos sociais.

Aliado a isso, a relação de proximidade com professores do cursinho acaba por contribuir de diversas maneiras na preparação dos estudantes. Além de proporcionar a eles um ambiente mais prazeroso para aprenderem, possibilita que conversem a respeito

de outras questões, como acerca da própria lógica da universidade. Como também o fato do cursinho acontecer dentro da UFMG faz com que os alunos possam circular em seu interior, conhecer suas diversas possibilidades de atividades e até mesmo participar de algumas. Enfim, o cursinho, no geral, aproxima os estudantes do espaço universitário ampliando o conhecimento que possuem não apenas em relação ao processo seletivo de acesso ao ensino superior, mas também da própria lógica de funcionamento da universidade. Sendo assim, o que o cursinho faz, como apresenta Souza (2009), é assumir o papel de uma “família de substituição” para seus estudantes, uma vez que proporciona a eles informações e apoio que, se não fosse pelo Equalizar, não teriam.

Indo além, os professores do Equalizar funcionam para os estudantes como uma ampliação de capital social, uma vez que, como Kato (2011) observa, o contato com eles proporciona aos alunos uma mudança de perspectiva em relação à universidade, sobretudo em relação ao curso que pretendem cursar. Indo além, com a pesquisa foi possível observar que essa contribuição de ampliação do capital social não se finda nos processos de seleção ao ensino superior. O contato com os professores, as conversas e os laços construídos vão servir para auxiliar os estudantes depois da aprovação e do ingresso no ensino superior em diversos aspectos do cotidiano acadêmico, como: na escolha de matérias, nas informações necessárias sobre auxílios e assistências estudantis, nos programas extracurriculares e outras atividades da Academia. Em outras palavras, além de auxiliar os alunos nos processos de seleção ao ensino superior, a relação de proximidade com os professores faz com que os alunos conheçam as regras do jogo escolar universitário, muito antes de participarem dele.

Dessa forma, o que foi possível observar é que o Equalizar contribui com seus estudantes em diversos aspectos que estão para além do conteúdo. Aspectos esses que estão desde a formação enquanto indivíduos, os auxiliando com questões como ansiedade, autoestima, autonomia e planejamento, e até mesmo, ampliando seus capitais cultural e social. Essas contribuições que, além de estarem para além da transmissão do conteúdo, estão também para além dos exames de seleção, pois serão úteis para esses alunos durante o percurso acadêmico e depois, quando se inserirem no mercado de trabalho, seja na postura enquanto sujeitos autônomos, já na organização e no desenvolvimento de suas atividades. Em síntese, o que fica de conclusão de maior relevância da presente pesquisa para o campo educacional é a constatação de que os cursinhos populares contribuem na preparação de seus estudantes em um duplo sentido: preparam para os exames de seleção, mas também para a vida na Academia.

Ademais, o presente estudo não teve como proposta encerrar as discussões acerca do tema. Pelo contrário, considerando que pesquisas em relação aos cursinhos populares são recentes e que a ciência avança à medida que ampliamos as investigações, é possível indicar possíveis desdobramentos. Um deles é a investigação com egressos do Equalizar que frequentem a universidade, para apontar como ele contribui para o desempenho acadêmico desses sujeitos. Ou ainda, um estudo, pormenorizado, acerca das diferenças existentes entre os cursinhos comerciais e os cursinhos populares.

Enfim, várias são as possibilidades de reflexões futuras, mas a pesquisa é encerrada com satisfação pela pesquisadora, principalmente pelo fato de saber que existem iniciativas como o Equalizar que, além de não verem a educação como mero produto de mercado, conseguem enxergar nos jovens de camadas populares sujeitos que não só podem, mas têm o direito de acessar o ensino superior e prolongarem assim suas trajetórias acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A, M, F. Herança Cultural. In: **Vocabulário Bourdieu**. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2017.

ALMEIDA, M T. **Juventude, Pré-Vestibular Popular e Universidade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. 2016 [Dissertação de Mestrado]

BACCHETTO, J.G. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000): A luta pela igualdade no acesso ao ensino superior**. São Paulo: Faculdade de Educação/USP. 2003 [Dissertação de Mestrado]

BARROS, A.S.X. Vestibular e Enem: Um debate Contemporâneo. In: **Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v.22, n. 85, p. 1057-1090, 2014.

BERNARDES, J T. **Cursos Pré-Vestibulares organizados por estudantes universitários: a experiência do CASD, Curso Alberto Santos Dumont**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2012 [Trabalho de Conclusão de Curso].

BOURDIEU, P. PASSERON J, C. **Os Herdeiros os estudantes e a cultura**. Ed UFSC, Florianópolis, 2015.

_____. **A Reprodução Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2010.

BOURDIEU. P. **Escritos da Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 16ª ed.

_____. Reprodução Cultural e reprodução Social. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. Ed: Perspectiva, São Paulo, 2011.

_____. Gostos de classes e estilos de vida. In: **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo; Ática, 1983

BRASIL. ENEM. In: Inep. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acessado em: 22/01/2018

COLÉGIO DOM PEDRO II. História do CPII. In: **Colégio Dom Pedro II**. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/historia_cp2.html. Acessado em: 25/01/2018

CUNHA, J. **22% dos brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza, diz estudo**. Disponível em: [ww1.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1931680-22-dos-brasileiros-vivem-abaixo-da-linha-da-pobreza-diz-estudo.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1931680-22-dos-brasileiros-vivem-abaixo-da-linha-da-pobreza-diz-estudo.shtml). Acessado em: 17/01/2018.

CUNHA. L.A. Vestibular: A volta do Pêndulo. In: **Em Aberto**. Brasília, ano 1 v3, 1982.

EQUALIZAR. **Equalizar: Acreditamos no Futuro**. Disponível em: <http://www.equalizar.org/>. Acessado em: 05/10/2017

FILHO, M S G; LOMÔNACO. Perfil de alunos de cursos pré-vestibulares alternativos de Uberlândia. In: **Revista de Educação Popular**, Uberlândia. Vol. 11 n1 jan-jun 2012.

GALEANO, E. **De pernas pro ar. A escola do mundo ao avesso**. Ed: L e Pm Pocket. Porto Alegre, 2013

GUIMARÃES, S. **Como se faz a Indústria do Vestibular**. Coleção Fazer, Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro 1984.

IBGE 2016. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua - 2016**. Brasil, 2016

INHOTIM, **Histórico**. Disponível em: <http://www.inhotim.org.br/>. Acessado em: 18/01/2018

KATO, D, S. O Papel dos cursinhos populares no acesso e mudanças de perspectivas de seus participantes. In: **CADERNOS CIMAEC**, Ribeirão Preto, n.01, 2011.

KAUFMAM, L.C. **A Entrevista Compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro. 2013

MAGALHAES, A T. Cursinhos populares e acesso ao ensino superior: contribuições para além do conteúdo. In: **XV semana da educação UFSCar**. (no prelo)

MANN, P.H **Métodos de Investigação Sociológica**. Ed: Zahar editores, Rio de Janeiro, 1975

MENDES, M; RUFATO, M. Por que não passam? Cursinhos populares e tempo curricular: uma problematização a partir de experiências da Rede Emancipa. In: **VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação**. Junho de 2015

MENDES. Inclusão ou Emancipação? Dialética da educação popular em cursinhos populares. In: **Às Portas da Universidade: alternativas de acesso ao ensino superior**. Ed. Xamã, São Paulo. 2012

NASCIMENTO, A. L. No entrelago da educação básica com a educação superior: cursinhos militantes. In: **Uniciências**, vol,7, 2003.

NASCIMENTO, E.P. **Jovens e a educação superior: As aspirações de estudantes de cursos pré-vestibulares populares**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. 2009. [Dissertação de Mestrado]

NETTO, A R. O Vestibular Unificado no Atual Contexto Educacional: O Ressurgimento De Antigos Problemas. In: **Educação E Seleção**, Fundação Carlos Chagas, n.11, 1985

Notícia dados do Enem 2016. **Estudante do Enem 2016 é mais velho e busca “segunda chance”**. <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/enem/estudante-do-enem-2016-e-mais-velho-e-busca-segunda-chance-aje1ptxo5ggy5ksk3jk9rvcsy#ancora>. Acessado em: 01/06/2017

NOGUEIRA M, A, A construção de excelência escolar- Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: **Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Ed: Vozes, 2011.

NOUGUEIRA, M.A, NOGUEIRA, C.M. A realidade social segundo Bourdieu: o espaço social, os campos e os tipos de capital (econômico, cultural, simbólico e social). In: **Bourdieu e Educação**. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2009.

PEREIRA, M.C. Projeto escolas-referência de Minas Gerais – a implementação do currículo de matemática e da política no interior de uma escola pública. In: **IV Jornada Internacional de Políticas Públicas**. São Luiz- Ma, 2009.

PEZZI, A.C Cursinhos-um rito de passagem. **In: Aprovados! Cursinhos pré-vestibulares e população negra.** Ed.Selo Negro, São Paulo, 2002

PIOTTO, D. C. (org.) **Camadas populares e universidades públicas – Trajetórias e experiências escolares.** Pedro e João Editores, São Carlos- SP 2014

PRONATEC. **Jovem Aprendiz: Como Funciona?** Disponível em: <http://www.pronatec2015.com/jovem-aprendiz-como-funciona/>. Acessado em: 15/01/2018

PUINTI, J C P. **Diferentes aprendizagens nas perspectivas dos alunos de um Curso Pré-Vestibular Comunitário.** São Carlos: Faculdade de Educação e Ciências Humanas. UFSCar 2009. [Dissertação de Mestrado]

ROSISTOLATO R, NETO, J, H; FREIRE, A, FREIRE, A; FRANÇA, D; FRANÇA S. Juventudes populares e projetos educacionais construção e fortalecimento de redes de solidariedade, afeto e sociabilidade. **Cad. Pesq.** São Luís, v.20, n3, set/dez2013.

SOUSA, J. T. Os jovens contemporâneos e a política contra o instituído. In: **Movimentos juvenis na contemporaneidade.** Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

SOUZA, C.O. **O acesso à universidade e o destino social de ex-alunos de cursinhos populares.** Campinas, São Paulo, 2009 [Dissertação de Mestrado]

VALLE, BARRICHELLO, TOMASI. Seleção Meritocrática Versus Desigualdades Sociais: Quem São os Inscritos e os Classificados Nos Vestibulares Da Ufsc (1998-2007)? In: **Linhas Críticas**, Brasília, v.16, n31. jul/dezem. 2010.

VIANA, M, J, B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares- Algumas condições de possibilidades. Ed. Da UCG, Goiânia, 2007.

WHITAKER. D, C, A. **Da invenção do vestibular aos desafios dos cursinhos populares; um desafio para a Orientação Profissional.** In: Revista Brasileira de Orientação Profissional. Vol.11, n 2, 2010.

_____. Universidade, vestibulares e ideologia. In: **Perspectivas, São Paulo, v6. P.123-131, 1983.**

ZAGO, N. Pré-Vestibular e trabalho docente: caracterização social e mobilização. **In: Revista Contemporânea de Educação**, v.4 n.8. Rio de Janeiro, 2009.

_____. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. In: **Perspectiva.** V.26, n.1 Florianópolis, jan/jun 2008

APÊNDICE I- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O PRESIDENTE

- 1- Como o Equalizar surgiu? (motivação, um pouco da história)
- 2- Como o Equalizar se organiza atualmente?
- 3- Quais são as atuais parcerias que o cursinho possui e como elas contribuem para o cursinho?
- 4- Qual a principal motivação da equipe do Equalizar em participar do projeto?
- 5- Em relação ao processo de seleção dos estudantes, como ele é feito? Baseado em quê?
- 6- Quais conhecimentos o Equalizar procura passar aos estudantes além do currículo cobrado no Enem?
- 7- Em relação aos estudantes do cursinho, como é a relação entre eles e a equipe do Equalizar?
- 8- Além de ajuda-los com a prova, quais outras ações/conversas vocês consideram importantes para que os estudantes consigam entrar no ensino superior?
- 9- Quais as principais dificuldades dos estudantes do Equalizar?
- 10- Em relação ao histórico do cursinho, vocês possuem levantamento das aprovações dos egressos?
- 11- Em relação aos egressos do cursinho, vocês possuem algum contato com eles? Como eles avaliam a influência do cursinho na vida deles?

Observação: Todos os roteiros foram abertos possibilitando o surgimento de novas questões durante a realização da pesquisa.

APÊNDICE II- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

- 1- Qual a sua função no cursinho?
- 2- Por que se interessou em participar do Equalizar?
- 3- Além dos assuntos pertinentes ao seu conteúdo, assuntos ligados ao SISU, universidades e cursos são comuns nas conversas com os estudantes?
- 4- Vocês avaliam que há uma mudança de perspectiva dos estudantes em relação a universidade quando entram no cursinho e quando saem?
- 5- Quais são as principais dificuldades dos estudantes durante o período letivo?
- 6- O que você considera como sendo as principais contribuições do cursinho para os estudantes?
- 7- Como é a sua relação com os estudantes do cursinho?

Observação: Todos os roteiros foram abertos possibilitando o surgimento de novas questões durante a realização da pesquisa.

APÊNDICE III- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O NÚCLEO DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO

- 1- O que é o Nap e quando ele surgiu no cursinho (um pouco da história deles)
- 2- Qual a função do Nap atualmente?
- 3- É frequente a procura dos estudantes pelo Nap?
- 4- Qual a principal demanda dos estudantes em relação ao Nap?
- 5- Como é tratada a escolha de curso dos estudantes pelo Nap? É uma angústia dos estudantes?
- 6- Em relação aos processos seletivos quais as principais dúvidas e demandas dos estudantes?
- 7- Em relação a pressão, ansiedade e competitividade dos processos seletivos como o Nap procura trabalhar com os estudantes essas questões?
- 8- Os estudantes trazem ao Nap questões para além das relacionadas ao vestibular e aos processos seletivos de acesso ao ensino superior? Questões de cunho pessoal? Como isso é trabalhado pelo Nap?
- 9- E a relação dos estudantes com a Universidade. Qual o conhecimento que eles demonstram ter sobre a UFMG quando chegam no cursinho e o que estar dentro da universidade pode ajudar no processo de preparação para o vestibular?
- 10- Quais as principais dificuldades do Nap hoje?
- 11- O que vocês avaliam como sendo a principal contribuição do Nap na preparação dos alunos atualmente?

Observação: Todos os roteiros foram abertos possibilitando o surgimento de novas questões durante a realização da pesquisa.

APÊNDICE IV: QUESTIONÁRIO APLICADO NOS ALUNOS DO EQUALIZAR

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

“CURSINHOS POPULARES E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR:
CONTRIBUIÇÕES PARA ALÉM DO CONTEÚDO”

Pesquisadores Responsáveis: Maria José Braga /Ana Thereza Magalhães

Telefone para contato: (31) 3409-6225/ (35)998675051

Email: mj.braga@terra.com.br/ anamagcs@gmail.com

Obrigada pela participação!

1-Sexo:

Masculino

Feminino

2- Qual é sua idade?

Menos que 17 anos

Entre 17 e 18 anos

Entre 19 e 20

Mais que 20 anos

3- Você se considera:

Branco

Amarelo (origem oriental)

Negro

Indígena

Pardo

Não deseja declarar

4- Há quanto tempo você concluiu o Ensino Médio:

Ainda estou cursando

Ano passado (2016)

Entre 1 e 3 anos.

Entre 3 e 5 anos.

Há mais de 5 anos.

5- Onde você mora?

Belo Horizonte

Região Metropolitana de Bh. Cidade _____

Outra cidade. Qual? _____

6) Estado Civil:

Solteiro(a)

Casado(a)

Divorciado(a)

Viúvo (a)

7) Em relação a filhos, você:

- Têm filhos
- Não têm filhos

7) Você tem irmãos?

- Sim. Quantos? _____
- Não

8) Qual o grau de escolaridade de seu pai?

- Ensino Fundamental incompleto (até a 4ª série)
- Ensino fundamental completo (até 8ª série)
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Nunca frequentou a escola
- Não sei

9) Qual o grau de escolaridade de sua mãe?

- Ensino Fundamental incompleto (até a 4ª série)
- Ensino fundamental completo (até 8ª série)
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Nunca frequentou a escola
- Não sei

10) Qual a profissão do seu pai? _____

11) Qual a profissão da sua mãe? _____

12) Na sua casa vivem quantas pessoas?

- Somente eu
- Duas pessoas
- Três pessoas
- Quatro pessoas
- Mais de quatro pessoas

13) Qual é aproximadamente a renda familiar total?

- Até R\$ 700,00
- Até R\$ 1300,00
- Mais de R\$ 1300,00 até R\$ 3000,00
- Mais de R\$ 3000,00 até R\$ 5000,00
- Mais de R\$ 5000,00

14) Quantas pessoas são sustentadas com a renda que você indicou?

- Uma
- Duas
- Três
- Quatro

- Cinco
- Mais de cinco

15) Você trabalha?

- Sim
- Não

Se você respondeu NÃO, vá para a questão 19.

16) Desde que idade você trabalha? _____

17) Você trabalha para: (possível marcar mais de uma opção)

- Ajudar no sustento da casa
- Ser mais independente
- Comprar bens de consumo (roupas, tênis, por exemplo)
- Outros motivos: _____

18) Em que você trabalha? _____

19) Você estudou no ensino fundamental:

- Sempre em escola pública
- Sempre em escola particular
- Iniciou em escola pública e mudou para a particular
- Iniciou em escola particular e mudou para a pública

20) Você já foi reprovado no ensino fundamental?

- Sim, uma vez
- Sim, duas vezes
- Sim, três vezes ou mais
- Não

21) Você já foi reprovado no ensino médio?

- Sim, uma vez
- Sim, duas vezes
- Sim, três vezes ou mais
- Não

22) Já abandonou a escola alguma vez?

- Sim
- Não

23) Caso sua resposta na questão 22 seja sim, quantas vezes você já abandonou a escola:

- Uma vez
- Duas vezes
- Mais de duas vezes

24) Com qual frequência a escola de ensino médio na qual você estudava conversava com os alunos sobre o ensino superior?

- Sempre
- Muitas vezes

- Poucas vezes
- Nunca

25) O que te levou a fazer o cursinho? _____

26) Você pretende fazer curso superior?

- Sim
- Não
- Ainda não sei

27) Sobre o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) você:

- Pretende se candidatar
- Já se candidatou no ultimo exame
- Não tem interesse em fazer o ENEM
- Não conhece os procedimentos para se candidatar ao ENEM

28) Você pretende cursar uma universidade:

- Pública
- Privada

29) Onde você pretende cursar o Ensino Superior:

- UFMG
- Outra universidade em BH
- Outra universidade em Minas Gerais.
- Fora de Minas Gerais.

30) Você já sabe qual área/curso quer cursar?

- Sim
- Não

Caso sua resposta seja positiva na questão 34 responda:

31) Qual área pretende cursar? Qual curso?

- Biológicas. _____
- Exatas. _____
- Humanas. _____

32) Você já fez alguma vez vestibular/ Enem?

- Não
- Sim, uma vez
- Sim, duas vezes.
- Sim, três ou mais vezes.

33) Você já frequentou algum outro cursinho?

- Não
- Sim, outro cursinho gratuito.
- Sim, cursinho particular com bolsa.
- Sim, cursinho particular.

34) Quanto tempo diário você tem – além do cursinho – para se dedicar aos estudos?

- Não tenho tempo fora do cursinho
- de 1 a 3 horas
- de 3 aa 5 horas.
- mais de 5 horas diárias.

35) Sua família considera importante você fazer um curso superior?

- Sim
- Não
- Não se fala desse assunto na minha família

36) Com qual frequência você conversa com seus familiares sobre seu desejo de cursar curso superior:

- Nunca
- Raramente
- As vezes
- Sempre.

APÊNDICE V- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ALUNOS DO EQUALIZAR

- 1- Conte um pouco sobre sua trajetória escolar (escola(s) que estudou, desempenho, experiências).
- 2- Quando começou sua motivação por cursar um curso superior? Influenciada por quem/o que?
- 3- É o seu primeiro ano no cursinho? Como ficou sabendo do Equalizar e qual sua principal motivação para cursá-lo?
- 4- Você já conhecia/ tinha contato com a UFMG antes do cursinho?
- 5- Você tem opção de curso/universidade em mente? Qual? Essa opção é a mesma de quando entrou ou mudou? Influenciada pelo que/quem?
- 8- Vocês conversam durante as aulas, intervalos e atividades sobre o SISU, ENEM cursos e universidades? Sobre o que falam a esse respeito?
- 9- Os professores ajudam vocês em relação aos processos de seleção? Como?
- 10- Você considera que o cursinho tem contribuído para que você consiga entrar para o ensino superior?
- 11- Você conhece o SISU/ENEM? O que sabe?
- 12- Em quais locais/pessoas você procura informações sobre o ensino superior (cursos, universidades, formas de acesso)?
- 13- Quais os principais pontos positivos e negativos do cursinho?

Observação: Todos os roteiros foram abertos possibilitando o surgimento de novas questões durante a realização da pesquisa.

APÊNDICE VI- TABELA DE OCUPAÇÕES DOS PAIS E MÃES DOS ALUNOS DO EQUALIZAR

Tabela 11- Relação Ocupação do Pai

Ocupação	Frequência	Porcentagem
Assessor Parlamentar (CMV)	1	1,4
Açougueiro	1	1,4
Agente de Trânsito	1	1,4
Agente Penitenciário	1	1,4
Aposentado	5	7,1
Autônomo	4	5,7
Autônomo-conserto de aparelhos eletrônicos	1	1,4
Auxiliar Administrativo (público)	1	1,4
Auxiliar de gerente	1	1,4
Cabeleireiro	1	1,4
Cafeicultor	1	1,4
Caminhoneiro	1	1,4
Comerciário	1	1,4
Contabilista	1	1,4
Contador	1	1,4
Cozinheiro	1	1,4
Desempregado	1	1,4
Eletricista	1	1,4
Entregador-Autônomo	1	1,4
Fisioterapeuta	1	1,4
Funcionário Público	1	1,4
Funcionário Público aposentado	1	1,4
Garçom	1	1,4
Gerente	1	1,4
Jardineiro	1	1,4
Lojista	1	1,4
Marceneiro	1	1,4
Mecânico	1	1,4
Mestre de Obra	1	1,4
Mestre de Obras	1	1,4
Metalúrgico	1	1,4
Metrologista	1	1,4

Ocupação	Frequência	Porcentagem
Microempresário	1	1,4
Músico	1	1,4
Não Sei	3	4,3
Pedreiro	4	5,7
Policial	1	1,4
Policial Militar	1	1,4
Porteiro	1	1,4
Professor	1	1,4
Professor de Filosofia	1	1,4
Segurança	1	1,4
Serralheiro	2	2,9
Técnico em Telecomunicações	1	1,4
Tratorista	1	1,4
Treinador de Cavalos	1	1,4
Vendedor	3	4,3
Vigilante	3	4,3
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa

Tabela 12- Ocupação da Mãe

Ocupação	Frequência	Porcentagem
Agente Comunitário de Saúde	1	1,4
Autônoma	1	1,4
Auxiliar Administrativo	5	7,0
Auxiliar de serviços gerais	2	2,8
Babá	2	2,8
Bordadeira	1	1,4
Cabeleireira	1	1,4
Confeiteira	1	1,4
Contadora	3	4,3
Costureira	2	2,9
Desempregada	3	4,3
Diarista	8	11,2
Dona de Casa	11	15,4
Eletricista	1	1,4
Empregada Doméstica	6	8,4
Gerente Administrativo	1	1,4
Homologadora	1	1,4
Manicure	1	1,4

Monitora regente	2	1,4
Ocupação	Frequência	Porcentagem
Não declarou	1	1,4
Não trabalha	1	1,4
Pedagoga	1	1,4
Professora	9	12,9
Recepcionista	1	1,4
Técnico em Enfermagem	2	2,9
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa

APÊNDICE VII- TABELA DAS PROFISSÕES DESEJADAS PELOS ALUNOS DO EQUALIZAR

Tabela 13- Cursos Pretendidos pelos Estudantes

Curso	Frequência	Porcentagem
Arquitetura e Urbanismo	2	2,9
Biomedicina	2	2,9
Contabilidade	1	1,4
Direito	5	7,1
Direito ou Ciências do Estado	1	1,4
Educação Física	1	1,4
Engenharia	2	2,9
Engenharia Ambiental	1	1,4
Engenharia Civil	2	2,9
Engenharia de Sistemas	1	1,4
Engenharia Mecânica	2	2,9
Física	1	1,4
História	1	1,4
Jornalismo	2	2,9
Medicina	17	24,3
Medicina Veterinária	3	4,2
Medicina/Biomedicina	1	1,4
Medicina/Engenharia	1	1,4
Medicina/Fisioterapia	1	1,4
Não sei	1	1,4
Nutrição	1	1,4
Odontologia	1	1,4
Psicologia	3	4,3
Psicologia ou direito	1	1,4
Total	70	100,0

FONTE: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa